

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**Vinícius Pereira de Souza Cruz**

**O MERCADO DA BOLA E A VARIAÇÃO ANTROPONÍMICA ENTRE OS  
JOGADORES BRASILEIROS DE FUTEBOL**

**Belo Horizonte - MG**

**2023**

**Vinícius Pereira de Souza Cruz**

**O mercado da bola e a variação antroponímica entre os jogadores brasileiros de futebol**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Área de concentração:** Linguística Teórica e Descritiva

**Linha de pesquisa:** Variação e Mudança Linguística

**Orientador:** Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral

**Belo Horizonte - MG**

**2023**

C957m

Cruz, Vinicius Pereira de Souza.

O mercado da bola e a variação antroponímica entre os jogadores brasileiros de futebol [manuscrito] / Vinicius Pereira de Souza Cruz. – 2023.

1 recurso online (119 f. : il., grafs., color., tabs., p&b.) : pdf.

Orientador: Eduardo Tadeu Roque Amaral.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 111-119.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Nomes pessoais – Teses. 3. Sociolinguística – Teses. 4. Futebol – Brasil – Teses. 5. Onomástica – Teses. I. Amaral, Eduardo Tadeu Roque. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
**Folha de Aprovação**

**O mercado da bola e a variação antroponímica entre os jogadores brasileiros de futebol**

**VINÍCIUS PEREIRA DE SOUZA CRUZ**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 15 de maio de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Alexia Teles Duchowny – Representante do orientador/presidente da banca  
UFMG

Prof(a). Márcia Sipavicius Seide  
UNIOESTE

Prof(a). Juliana Soledade Barbosa Coelho  
UFBA

Belo Horizonte, 15 de maio de 2023.

---

	Documento assinado eletronicamente por <b>Alexia Teles Duchowny, Professora do Magistério Superior</b> , em 15/05/2023, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do <a href="#">Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020</a> .
	Documento assinado eletronicamente por <b>Márcia Sipavicius Seide, Usuária Externa</b> , em 16/05/2023, às 17:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do <a href="#">Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020</a> .
	Documento assinado eletronicamente por <b>Juliana Soledade Barbosa Coelho, Usuária Externa</b> , em 12/06/2023, às 18:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do <a href="#">Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020</a> .
	A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <a href="https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&amp;id_orgao_acesso_externo=0">https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&amp;id_orgao_acesso_externo=0</a> , informando o código verificador <b>2269743</b> e o código CRC <b>A5388D4F</b> .

*Dedico este trabalho ao meu pai, Arnaldo Pereira da Cruz, que quis o destino não pôde aguardar pela sua conclusão, mas acompanha a sua realização desde um lugar melhor. Da mesma forma, à minha mãe, Clara Efigênia, que sempre investiu na educação de seus filhos e mesmo nos momentos mais complicados está sempre presente. Por último, também dedico ao meu irmão, que está internado e que dificilmente verá esta conclusão. Espero que este trabalho lhe inspire a força de vontade para superar as adversidades.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais Arnaldo e Clara por serem os grandes responsáveis pela minha vida, minhas conquistas e base para a realização dos meus sonhos. Somente eles sabem o quanto lutaram para que eu chegasse até aqui e com possibilidades de dar sequência às minhas realizações. Amo-os eternamente.

Ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da UFMG, pela oportunidade de ter feito parte de um programa que preza pela excelência neste Brasil e que, certamente, será um grande diferencial na minha carreira profissional.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos para a realização deste trabalho. Sem ela não teria sido possível dar sequência ao mestrado.

Ao Professor e Doutor Eduardo Amaral, por ter me colocado neste mundo fantástico dos nomes próprios que até a graduação eu desconhecia. Agradeço a sua paciência, o seu profissionalismo e sua seriedade, além da abertura de caminhos na minha área profissional.

Ao futebol, ao meu Cruzeiro e ao Professor Élcio Cornelsen, por serem os grandes responsáveis por trazer o esporte para uma abordagem científica e acadêmica. Jamais tinha pensado que uma paixão infantil, que também passa por nomes, pudesse chegar até aqui.

A todos os meus amigos que são meu combustível para chegar até aqui. Gostaria de citar, em especial, Marcos, Matheus, Regina, Luiz Carlos, Gustavo, Leonardo, Eduardo, Raphael, Paulo Henrique, Pedro, Daniel, Andrés e Gastón. Eles sabem, com exatidão, o significado e o valor desse trabalho para mim.

Ao terreiro Ilê de Oxóssi e ao Pai Luiz. Se em algum momento me faltou fé, este lugar e as pessoas envolvidas foram a minha acolhida, principalmente após a partida do meu pai.

Ao síndico Neivaldo Ramos, que sempre me olhou com o seu olhar universitário e que me deu a tranquilidade e o sossego para o desenvolvimento desta dissertação. Compartilho, também, meus agradecimentos ao quadro de funcionários do edifício em que resido.

Aos familiares, em especial às tias Cleide e Carmem, à equipe médica que cuidou do meu pai e que também fazem parte dessa caminhada.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise da variação e mudança dos nomes próprios de jogadores brasileiros de futebol. A repercussão midiática a respeito da ausência de apelidos entre os jogadores brasileiros suscitou questionamentos sobre uma possível mudança no perfil de nomes próprios nas escalações. Nossa hipótese é que a busca pelo mercado estrangeiro, pelo seu poderio financeiro, tenha orientado as gerações mais novas à utilização de nomes mais pertencentes ao registro civil. Dada a lacuna dessa temática, o objetivo geral é analisar quais os possíveis fatores que impactam o uso desses antropônimos. Para tal finalidade, é adotado o referencial teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista de Labov (2008 [1972]) e Moreno Fernández (2009), tendo em vista que se trata de um fenômeno variável que tem relações linguísticas e extralinguísticas. Como o foco é o uso Subprofissional dos nomes, trabalhamos com o conceito de comunidade de prática de Meyerhoff (2004). A partir das classificações tipológicas de Amaral e Seide (2020), foi criada a classificação *nome de jogo*, que se ocupa dos nomes de jogadores nesse contexto de uso. Com isso, foi selecionado o recorte periódico de 1991-2021, baseando-se nos plantéis dos clubes selecionados que disputam o Campeonato Brasileiro. Durante a análise dos resultados, notamos um crescimento de novas formas de prenomes que pode ser explicado pelas projeções pessoais (ALDRIN, 2017; AINIALA, 2016; MCCLURE, 1981) e profissionais dos atletas frente à globalização (PIOVEZANI, 2012; RODRIGUES, 2010) e pelas novas normas legais que flexibilizaram as transferências nas últimas décadas. Entretanto, parte da identidade brasileira é mantida na forma de nomear jogadores. Com relação aos fatores geracionais que impulsionam mudanças, verificamos que há correlação com as mudanças, ainda em curso, no futebol, tendo em vista a faixa etária dos jogadores que manifestam preferências pelo uso de nomes relacionados com os do registro civil.

**Palavras-chave:** Sociolinguística variacionista, Onomástica, nome de jogo, comunidade de prática, futebol.



## ABSTRACT

This thesis presents an analysis of the variation and change of the proper names of Brazilian soccer players. The media repercussion regarding the absence of nicknames among Brazilian players raised questions about a possible change in the profile of first names in lineups. Our hypothesis is that the search for the foreign market, due to its financial power, has guided younger generations to use names that belong more to the civil registry. Given the gap in this theme, the general objective is to analyze the possible factors that impact the use of these anthroponyms. For this purpose, we are adopting the theoretical-methodological framework of Variationist Sociolinguistics by Labov (2008 [1972]) and Moreno Fernández (2009), considering that it is a variable phenomenon that has linguistic and extralinguistic relations. As the focus is on the professional use of names, we work with Meyerhoff's (2004) concept of community of practice. The typological classifications by Amaral and Seide (2020) are the theoretical base of the *game name* classification, which deals with player names in this context of use. With that, we selected the periodical clipping of 1991-2021, based on the squads of the clubs that compete in the Brazilian Championship chosen for this study. During the analysis of the results, we noticed a growth of new forms of first names and we can explain that by personal (ALDRIN, 2017; AINIOLA, 2016; MCCLURE, 1981) and professional projections of athletes facing globalization (PIOVEZANI, 2012; RODRIGUES, 2010) and by the new legal norms that made transfers more flexible in recent decades. However, we maintain part of the Brazilian identity in the way of nominating players. With regard to the generational factors that drive changes, we found that there is a correlation with the ongoing changes in football, taking into account the age group of the players whose names most manifest preferences for the use of names related to those in the civil registry.

**Keywords:** Variationist sociolinguistics, Onomastics, game name, community of practice, soccer.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Exemplos de nomes de uso profissional e nomes de registro civil.....	21
<b>Quadro 2</b> - Nomes oficiais e não oficiais de jogadores das seleções de 2010 a 2018.....	40
<b>Quadro 3</b> - Exemplos de nomes do registro civil e de respectivos nomes de jogo.....	51
<b>Quadro 4</b> - Classificação da variável idade dos jogadores brasileiros.....	56
<b>Quadro 5</b> - Exemplos de nomes de jogadores em equipes repetidas.....	64
<b>Quadro 6</b> - Distinção entre nomes de jogo e nomes completos dos sites.....	64
<b>Quadro 7</b> - Exemplos de classificação de nome de jogo.....	65
<b>Quadro 8</b> - Tipos de antropônimos encontrados nas formas de nome de jogo.....	67

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Série A - 1991 a 2021.....	61
<b>Tabela 2</b> - Série B - 2011 a 2021.....	62
<b>Tabela 3</b> - Nomes de jogo da Série A e B (1991 - 2021).....	63
<b>Tabela 4</b> - Quantidade e percentual de ocorrências de nome de jogo no Campeonato Brasileiro A - 1991.....	68
<b>Tabela 5</b> - Quantidade e percentual de ocorrências de nome de jogo no Campeonato Brasileiro A - 2001.....	71
<b>Tabela 6</b> - Quantidade e percentual de ocorrências de nome de jogo no Campeonato Brasileiro A - 2011.....	74
<b>Tabela 7</b> - Quantidade e percentual de ocorrências de nome de jogo no Campeonato Brasileiro A - 2021.....	76
<b>Tabela 8</b> - Quantidade e percentual de ocorrências de nome de jogo no Campeonato Brasileiro B - 2011.....	81
<b>Tabela 9</b> - Quantidade e percentual de ocorrências de nome de jogo no Campeonato Brasileiro B - 2021.....	82
<b>Tabela 10</b> - Dados quantitativos dos cinco melhores clubes do RNC 2022 para análise da variável idade.....	97
<b>Tabela 11</b> - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Flamengo (1991 - 2021).....	98
<b>Tabela 12</b> - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Palmeiras (1991 - 2021).....	100
<b>Tabela 13</b> - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Atlético Mineiro (1991 - 2021).....	101
<b>Tabela 14</b> - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Grêmio (1991 - 2021).....	103

**Tabela 15** - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Athletico Paranaense (1991 - 2021).....104

**Tabela 16** - Resultado das classificações de nome de jogo mais utilizadas por década a partir dos anos 80 (resultados em %).....106

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Prenome Simples na Série A (1991 - 2021).....	86
<b>Gráfico 2</b> - Prenome e Sobrenome na Série A (1991 - 2021).....	87
<b>Gráfico 3</b> - Prenome Composto na Série A (1991 - 2021).....	89
<b>Gráfico 4</b> - Hipocorístico na Série A (1991 - 2021).....	92
<b>Gráfico 5</b> - Apelido na Série A (1991 - 2021).....	94

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CB** - Campeonato Brasileiro

**PB** - Português brasileiro

**QF** - Quartas de finais

**quant.** - Quantidade

**RNC** - Ranking Nacional de Clubes

**SF** - Semifinais

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>17</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>24</b>
<b>1.1 Sociolinguística e Variação Linguística</b>	<b>24</b>
<b>1.2 Onomástica e Sócio-onomástica</b>	<b>28</b>
<b>1.3 Nomes próprios de pessoa</b>	<b>32</b>
<b>1.4 Nomes de jogadores</b>	<b>37</b>
<b>1.5 Variação Antroponímica</b>	<b>42</b>
<b>1.6 O mercado da bola e os antropônimos no processo de modernização do futebol</b>	<b>45</b>
<b>2 METODOLOGIA</b>	<b>50</b>
<b>2.1 Classificação tipológica: o nome de jogo</b>	<b>50</b>
<b>2.2 O conceito metodológico da comunidade de prática</b>	<b>51</b>
<b>2.3 A investigação sociolinguística e as variáveis sociais</b>	<b>54</b>
2.3.1 Idade	55
2.3.2 Classe social	57
<b>2.4 O Campeonato Brasileiro como evento motivador da montagem do corpus</b>	<b>59</b>
<b>2.5 Fontes de dados e configuração do corpus</b>	<b>62</b>
<b>3 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>66</b>
<b>3.1 Campeonato Brasileiro A - 1991</b>	<b>68</b>
<b>3.2 Campeonato Brasileiro A - 2001</b>	<b>71</b>
<b>3.3 Campeonato Brasileiro A - 2011</b>	<b>74</b>
<b>3.4 Campeonato Brasileiro A - 2021</b>	<b>76</b>
<b>3.5 Campeonato Brasileiro B - 2011</b>	<b>80</b>
<b>3.6 Campeonato Brasileiro B - 2021</b>	<b>82</b>
<b>3.7 Análise das principais classificações de nome do jogo</b>	<b>85</b>
3.7.1 Uso de prenome simples na Série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)	85
3.7.2 Uso de prenome e sobrenome na série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)	86
3.7.3 Uso de prenome composto na série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)	89
3.7.4 Uso de hipocorístico na série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)	91
3.7.5 Uso de apelido na série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)	93
<b>3.8 Resultados quantitativos da variável idade dos cinco mais bem ranqueados da Série A pela CBF</b>	<b>97</b>
3.8.1 Flamengo	98
3.8.2 Palmeiras	100
3.8.3 Atlético Mineiro	101
3.8.4 Grêmio	102
3.8.5 Athletico Paranaense	104
<b>3.9 Análise qualitativa dos resultados da variável idade</b>	<b>105</b>

**Conclusão**  
**Referências**

**107**  
**111**



## Introdução

Historicamente, os jogadores brasileiros de futebol sempre se destacaram pela sua habilidade técnica com a bola nos pés. A partir disso, criou-se o conceito futebol-arte como um modo genuinamente brasileiro de se jogar o esporte bretão, caracterizado pela sua ginga e talento de seus atacantes para se desviarem dos seus marcadores. Rodrigues (2004, p. 276) argumenta que esse recurso técnico, que aparece na habilidade de conduzir a bola, nasce de um racismo existente nos primórdios do futebol e que obrigava negros e mulatos a não esbarrarem em jogadores brancos para evitar tumultos. Entende-se que, entre outros fatores, essa mescla, a contar da inserção de jogadores negros e mulatos, deu origem a um estilo de jogo irreverente.

Boa parte dessas observações podem ser oriundas das emoções que despertam esse esporte e que tentam explicar, por meio de conceitos abstratos, a nossa identidade de jogo. Silva (2022)<sup>1</sup>, em seu trabalho da área da Linguística Cognitiva, explica que as emoções são permeáveis à variação social e às influências culturais. Dentro desses sentimentos, o autor cita o orgulho que, conforme a sua explicação, está mais associado às realizações e êxitos pessoais. As sociedades mais individualistas, de acordo com Silva (2022, p. 52-53), tendem a aceitar o orgulho melhor que nas sociedades mais coletivistas, uma vez que essa emoção, em um coletivo, é direcionada mais aos êxitos do grupo ou da comunidade. O autor considera o Brasil como um país de uma sociedade coletivista e essa avaliação é condizente com a maneira como tratamos o futebol, sobretudo, pelos adjetivos que são utilizados para definir o nosso estilo de jogo e que faz com que a maioria da sua população se orgulhe.

A irreverência, no estilo de jogo brasileiro, também se relaciona com os antropônimos (nomes próprios de pessoa) de seus jogadores usados nas escalações de jogos. Podemos exemplificar com nomes como *Pelé*, *Garrincha*, *Tostão*, *Zico*, *Ronaldinho*, entre outros, cujos portadores obtiveram grandes destaques pelos seus gols, títulos e conquistas individuais, seja atuando pela Seleção Nacional ou por seus clubes. Cabe aqui mencionar o uso profissional desses nomes, pois é a forma como são divulgados nas transmissões de jogos. Isto é, conhecemos esses antropônimos a partir da atividade profissional de cada atleta.

Entretanto, o possível desuso ou redução atual desses populares antropônimos no nosso futebol pode sugerir uma imagem mais profissional dos jogadores. São exemplos que indicam

---

<sup>1</sup> Veja-se Silva (2022) para uma análise sobre orgulho e cultura.

essa possibilidade os títulos das seguintes reportagens:

- (1) Futebol moderno? 2015 tem apelidos abandonados em nome da ‘seriedade’ (LANCE!NET, 2015).
- (2) Apelido é coisa do passado (MIGUEL, 2018).
- (3) Veja jogadores que abandonaram apelidos do início de carreira (Lance TV, 2020).
- (4) Um textinho sobre os “inhos” (TORERO,1999).

A informação contida nos títulos (1), (2) e (3) sinaliza um possível fenômeno em curso, tanto pela época mencionada quanto pelos adjetivos, substantivos e verbos utilizados. No título (1), além do ano de 2015 como marca temporal, aparecem os adjetivos *moderno* e *abandonados* que levam o leitor à interpretação de uma ruptura com um passado, embora não especificado. Em outras palavras, não especifica se trata-se de um passado recente ou longo como os primórdios do nosso futebol. Além disso, é incluído entre aspas o termo *seriedade*, que insinua, por meio da fala de algum entrevistado, uma tentativa de adaptação ao estágio atual do futebol brasileiro, em que as relações laborais aparentam maior profissionalismo nesse meio (RODRIGUES, 2004, p. 267-268).

No título (2), a adjetivação do termo *passado*, como qualidade de tempos anteriores à publicação, deixa transparecer um distanciamento de como se nomeava os jogadores antigamente e como se nomeia atualmente. O apelido, que é um dos objetos centrais do nosso trabalho, é citado e aparenta estar em desuso, conforme o enunciado. Ao longo do conteúdo do texto também são categorizados como apelidos os diminutivos de nomes, de forma semelhante ao que ocorre no conteúdo do título (4).

Embora essas formas que aparecem com sufixos de diminutivos sejam tratadas, popularmente, como apelidos, vale ressaltar que há diferenças entre essas nomeações. O apelido contempla nomes de diversas motivações (URRUTIA; SÁNCHEZ, 2009) que passam por aparências físicas, comportamentais, entre outros. No caso dos hipocorísticos, chamados por alguns de apelidos, em diversas ocasiões, têm como algumas de suas características o uso de nomes em forma diminutiva ou eufemística (BAJO PÉREZ, 2002). Pelo fato de os apelidos e hipocorísticos serem vistos de formas similares, conseqüentemente, são objetos deste trabalho e trataremos das suas particularidades na seção correspondente ao referencial teórico.

O título (3) exhibe o verbo *abandonar* indicando uma transição da formação dos jogadores ao profissionalismo. Isto é, infere-se que o jogador detinha algum apelido nas categorias de base e que, ao chegar na categoria profissional, houve fatores que o fizeram mudar para um nome mais condizente à sua atuação.

A matéria publicada por Nóbrega (2018), no *O Globo*, sobre a falta de apelidos entre os convocados da Seleção Brasileira para a Copa da Rússia, pode ser considerada a mais chamativa por realçar a temática desses antropônimos, outrora populares. Além disso, essa ausência teve repercussão internacional, através das observações feitas pelo jornalista britânico Andrew Downie ao comentar que os atuais nomes dos jogadores brasileiros se aproximam dos nomes de registro civil (AMARAL; SEIDE, 2020) ou nomes oficiais (VAN LANGENDONCK, 2007). Como exemplo, vejamos este trecho:

Neste ano, não há nenhum Tostão ou Hulk, ou qualquer um dos sete afores, como o Dunga. Em seus lugares estão Fred (forma familiar de Frederico), Douglas e Marcelo, nomes que não soariam estranhos em algum centro empresarial britânico, escreveu Downie (NÓBREGA, 2018).

Sobre o trecho em específico, destaca-se a aproximação dos antropônimos desses jogadores a um ambiente empresarial que destoa do imaginário do futebol brasileiro. Segundo Rodrigues (2004), dentro de uma análise sociológica, para abordarmos o processo de construção do estilo brasileiro, é necessário apontar traços que o diferenciam do estilo europeu. Provavelmente, são essas peculiaridades do nosso futebol que geram estranhamentos externos e internos quando percebemos novos perfis antroponímicos sendo utilizados pelos nossos atletas. Vejamos esse trecho:

O futebol brasileiro é intuitivo, artístico, espetáculo, natureza, individual, dom, agilidade, habilidade, malandro, improvisado, jogo, dionísico, barroco, futebol-arte. Por outro lado, o futebol europeu é racional, eficiência, competitivo, cultura, coletivo, aprendizado, rigidez, força, apolíneo, clássico, escola, futebol-força. (DAMO, 2002, p. 125, *apud* RODRIGUES, 2004, p. 280).

O contraste do nosso futebol em relação ao estrangeiro mencionado nos remete ao pensamento de que tal mudança de perfil dos antropônimos dos jogadores brasileiros, que é enfatizada na matéria de Nóbrega (2018), possivelmente esteja atrelada a variáveis etárias como também econômicas. O cronista Simas, na reportagem de Nóbrega, explica que o futebol brasileiro é visto como grande exportador de atletas e, conseqüentemente, muitos jovens têm em vista o mercado exterior.

Com foco na Análise do Discurso, Piovezani (2012) também levanta essa discussão ao citar grandes nomes da nossa mídia, como Juca Kfourri, José Roberto Torero e Roberto Pompeu de Toledo, e uma das conclusões que se tem do seu trabalho é que a globalização favorece esse fenômeno. Os fragmentos de opiniões acerca dessa mudança, selecionados pelo teórico, mostram um consenso de que antes havia um modo de se nomear os nossos jogadores de futebol e essa atual alteração implica uma possível perda da nossa identidade, antes forjada nos característicos apelidos e hipocorísticos.

Vale salientar que a importância do trabalho de Piovezani para esta pesquisa reside no fato de trazer observações pertinentes sobre os novos perfis de antropônimos de uso profissional dos jogadores brasileiros. Suas observações são baseadas nas análises de fragmentos de jornalistas renomados das seções esportivas que, em entrevistas ou colunas, expressaram a sua preocupação com os novos nomes. Como o foco da nossa pesquisa se situa em analisar a variação e a mudança dos nomes próprios desses atletas a partir da quantificação de dados coletados, da tipologia dos antropônimos, entre outros, sua contribuição para este trabalho é apoiar a discussão de possíveis fenômenos linguísticos e extralinguísticos que se relacionam com a transformação antroponímica dos novos jogadores.

Embora seja perceptível pelos jornalistas uma possível mudança no perfil antroponímico dos jogadores brasileiros de futebol, há uma carência científica em apontar se houve redução do uso de apelidos ou hipocorísticos. Primeiramente, pela incorreção terminológica com que se discerne o apelido de hipocorístico na grande mídia. O jornalista Andrew Downie (NÓBREGA, 2018) trata os hipocorísticos como formas familiares de prenome, conforme esse trecho: “Em seus lugares estão Fred (forma familiar de Frederico), Douglas e Marcelo, nomes que não soariam estranhos em algum centro empresarial britânico”. Para Torero (Folha de S.Paulo, 1999) são apelidos mais afetuosos, segundo a sua descrição de jogadores do passado: “Lembro-me agora de Toninho Guerreiro, Toninho Metralha e até de um Toninho Vanusa. O ‘inho’ deixa o nome ou o apelido mais afetuooso, como se o jogador mantivesse ainda algumas características infantis”.

No trecho de Downie, o jornalista define *Fred* como forma familiar de *Frederico* por tratar-se da abreviação do prenome de batismo do jogador. Vale ressaltar que *Fred*, geralmente, é considerado um hipocorístico de *Frederico*. Contudo, segundo os dados do Censo 2010 de Nomes no Brasil (IBGE), sua ocorrência como prenome simples consta como registro a partir de 1940. Com relação ao trecho de Torero, o apelido mais afetuooso é atribuído

ao hipocorístico *Toninho*, que é uma abreviação e diminutivo do prenome *Antônio*. Dado esse caráter eufemístico dos diminutivos citados pelo jornalista, muitos desses nomes são definidos como apelidos mais carinhosos nos tratamentos pessoais.

De fato, é uma prática comum fora do âmbito linguístico tendo em vista a proximidade com que esses nomes circulam no cotidiano. Os trechos expressam desconhecimento sobre a diferença de um apelido e um hipocorístico. Considerando a ausência de pesquisas sobre a variação e mudança antroponímica dos nomes de jogadores, aliada à imprecisão terminológica em textos da mídia, o objeto de estudo deste trabalho são os antropônimos de uso profissional dos jogadores brasileiros de futebol. Isto é, são os nomes pelos quais os atletas atendem durante a atuação profissional e que são publicados nas escalações dos times para os meios de divulgação. No quadro 1, são exemplificados os usos profissionais de alguns desses tipos de nomes que fizeram parte da campanha do tetracampeonato do Mundial de 1994.

**Quadro 1** - Exemplos de nomes de uso profissional e nomes de registro civil

Nome de uso profissional	Nome de registro civil
Ronaldo	Ronaldo Nazário de Lima
Bebeto	José Roberto Gama de Oliveira
Viola	Paulo Sérgio Rosa
Mazinho	Iomar do Nascimento

Fonte: autoria própria.

Conforme a relação do quadro 1, a análise do nosso trabalho focaliza os usos profissionais desses antropônimos e as classificações tipológicas que se obtêm a partir de seus respectivos nomes de registro civil. A modo de exemplo, *Ronaldo* seria analisado como prenome simples, *Bebeto* como hipocorístico de *Roberto*, *Viola* como apelido, por ser um antropônimo que tem motivação externa ao seu nome de registro civil e *Mazinho* como hipocorístico no diminutivo da última sílaba do prenome *Iomar*.

Nosso objetivo de análise se divide entre o geral e os específicos. Com relação ao objetivo geral, o trabalho busca analisar a variação do uso dos antropônimos profissionais de jogadores brasileiros com base nos plantéis de clubes nacionais que disputaram o Campeonato

Brasileiro ao longo do período entre 1991 e 2021<sup>2</sup>. Tem-se como evento esse campeonato para a delimitação da seleção dos times e atletas que figuram como registrados nessas associações esportivas considerando o ano do certame. A partir das variações antroponímicas encontradas no decorrer das décadas, pretende-se analisá-las, explicá-las, identificando os possíveis fatores que determinam esta variação.

No que diz respeito aos objetivos específicos deste trabalho, os fatores contextuais e geracionais podem ampliar a explicação do nosso objetivo geral. Desse modo, pretendemos responder:

- a) se a diferença de contextos de série A e B é influente para maior ou menor frequência de ocorrências de antropônimos de uso profissional próximos ao registro civil;
- b) se há uma geração que pode ser influente na mudança do perfil antroponímico de uso dos jogadores.

Tendo em vista que o futebol é o esporte mais popular do Brasil, ao ponto de o país ser considerado *Á pátria de chuteiras* pelo escritor Nelson Rodrigues (2013), entendemos como relevante a realização de um trabalho acadêmico que se dedique a analisar um fenômeno que atinge elementos tão populares. Nesta pesquisa, em específico, nosso foco é a variação e a mudança antroponímica no uso profissional dos jogadores brasileiros de futebol.

Num país onde as desigualdades sociais são acentuadas, o esporte é visto por muitos jovens brasileiros como via de ascensão social, sobretudo, na classe socioeconomicamente mais baixa e que é a origem de muitos jogadores. Como fenômeno histórico, social, cultural e político, o futebol segue suscitando investigações de cunho acadêmico, em diversas áreas das humanidades, sob um enfoque multidisciplinar (SILVA, 2014; DA MATTA, 1982). Desse modo, a hipótese central deste trabalho é que a comercialização corrente dos jogadores brasileiros, com vistas aos grandes mercados nacionais e, sobretudo, internacionais, é fator determinante e estratégico para o uso profissional de nomes mais próximos do registro civil desses atletas na atualidade, em comparação com décadas passadas. Conseqüentemente, é possível que a modernização dessas relações comerciais implique redução do uso de antropônimos não pertencentes ao registro civil.

---

<sup>2</sup> Para entender os tipos de nomes que são analisados, veja-se a seção 2.1. Na seção 2.4, é explicada a delimitação do corpus.

No que concerne aos nomes próprios, Fernández Leborans (1999) recorda a dificuldade de limitá-los à gramática tradicional por seu caráter extralinguístico, o que os torna, também, motivadores de pesquisas em diversas áreas das humanidades. Levando-se em consideração que o futebol pode ser visto, pelos seus profissionais, como meio de se estabilizar financeiramente e, por conseguinte, obter reconhecimento social, torna-se natural pensar que o nome próprio de um jogador seja um diferencial neste mercado esportivo. Entretanto, este tema ainda carece de fundamentos científicos que possam não só confirmar empiricamente essa possível variação antroponímica como explicá-la, relacionando-a a usos profissionais mais próximos e distantes dos nomes de registro civil nas escalões.

Assim, este trabalho pretende incorporar, à investigação antroponímica sobre jogadores brasileiros de futebol, abordagens linguísticas associadas às extralinguísticas. A pesquisa se vincula aos estudos de variação e mudança linguística, especificamente aos estudos de variação lexical. Embora os estudos antroponomásticos tenham avançado no país ao longo dos últimos anos, como mostram os trabalhos de Amaral e Seide (2020) e Seide (2023), ainda são incipientes aqueles que tratam de nomes de jogadores de futebol, especialmente sob o viés da variação linguística.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: no capítulo 1, apresentamos os principais conceitos e pressupostos teóricos que avaliamos como essenciais para os nossos objetivos. Dessa forma, esse capítulo se divide em seis seções que explicam os principais conceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, os estudos da onomástica e sócio-onomástica, as funções principais dos antropônimos (nomes próprios de pessoa) e sua extensão de uso, o conceito de comunidade de prática associado aos nomes de jogadores, o caráter variacional dos nomes próprios e aportes teóricos extralinguísticos que reforçam as explicações sobre o fenômeno que será tratado.

No capítulo 2, detalhamos os procedimentos metodológicos que foram tomados para alcançar os objetivos do trabalho. Nessa parte foi incluída a justificativa para a criação de uma nova classificação tipológica apropriada ao uso profissional dos nomes de jogadores, a explicação ampliada sobre o conceito de comunidade de prática, as variáveis sociais na investigação sociolinguística que entendemos como as mais adequadas aos nossos objetos, a escolha do Campeonato Brasileiro como evento delimitador para o nosso corpus, as fontes de dados com as quais obtivemos o objeto da nossa coleta e as categoriais pelas quais esses antropônimos foram classificados para a análise.

No capítulo 3, são expostos os resultados, de acordo com os objetivos pretendidos nesta introdução. Além dessa exposição, são feitas as discussões e análises com base no resultado de cada seção e subseção. Por último, expomos as nossas considerações finais, tendo em vista os resultados mais relevantes de acordo com os objetivos gerais e específicos deste trabalho.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste capítulo, será apresentado o referencial teórico que trata da temática deste trabalho. Na seção 1.1, serão abordados os princípios e conceitos dos estudos de variação linguística, com foco nas variáveis extralinguísticas, dada a abordagem que consideramos para a nossa pesquisa. Discutiremos na seção 1.2 os estudos de nomes próprios, desde as primeiras noções de distinção dos nomes comuns ao seu uso social. Na seção 1.3, são expostas as funções principais dos nomes próprios de pessoa e seu uso além das características primárias do registro civil. Na seção 1.4 explicaremos o conceito comunidade de prática e como ele é aplicável para os nomes de jogadores dentro do ambiente esportivo e profissional. O caráter variacional dos nomes próprios de pessoa (antropônimos) é tratado na seção 1.5 com foco na identidade social e no contexto do seu uso. Por fim, a seção 1.6 apresenta possíveis explicações em torno da mudança de perfil dos jogadores de futebol na modernidade e que podem interferir no uso profissional de seus nomes.

### **1.1 Sociolinguística e Variação Linguística**

Labov (2008[1972]) por anos resistiu ao termo *sociolinguística* pelo receio de implicar uma teoria ou prática linguística bem sucedida que não fosse a social. Sua preocupação é manifestada em seus primeiros trabalhos como estudante de Linguística, observando e analisando a fala corriqueira das pessoas. Lembra que a sua experiência externa à faculdade lhe mostrou que o ambiente fora da universidade era “rebelde”. Isto é, a rebeldia mencionada pelo autor diz respeito ao não obediência de padrões normativos da língua inglesa que eram ensinados nas instituições de ensino, por não refletir o uso corriqueiro do falante em outros espaços e contextos.

Coelho *et al.* (2015) definem a Sociolinguística como uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. Com isso, espera-se que seu uso esteja condicionado aos meios em que os indivíduos estão inseridos



(família, colegas de universidade ou trabalho, etc.), mas que se entendam perfeitamente através da comunicação que é estabelecida entre eles. “A língua é um sistema” organizado, ao ponto em que os falantes podem se comunicar perfeitamente entre si, e “a língua varia” em decorrência de diversos fatores presentes na sociedade e dentro da própria língua (COELHO *et al.*, p. 13).

O pioneirismo do livro *Padrões Sociolinguísticos* de Labov se deve por associar os fatores sociais como influentes no uso da língua e implementar uma metodologia que permite investigar aspectos linguísticos e extralinguísticos. Da sua obra, destacam-se os trabalhos realizados sobre a ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts, e sobre as lojas de departamento, em Nova Iorque, consideradas referências para os estudos sociolinguísticos. Neles, evidenciam-se a sua curiosidade e interesse, apoiados na fonética e na fonologia, pelo uso não-padrão da língua inglesa na comunidade de fala. Segundo a sua avaliação, é essa distinção no uso da língua que torna o entendimento de que há uma mudança linguística em curso e que não se pode desprezar a vida social de uma comunidade onde ocorre esse fenômeno (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

A respeito do conceito de *comunidade* presente em seus estudos, Moreno Fernández (2009, p. 22-23) avalia que, na Linguística, algo é compartilhado e esse “algo” pode ser entendido de distintas formas. Conforme o autor, o uso desse termo pode se referir ao conjunto de todos os falantes de uma língua histórica (comunidade idiomática) como também pode fazer menção aos falantes de uma língua em determinado momento ou em determinados territórios (comunidade linguística). Em suma, uma comunidade, essencialmente, compartilha traços linguísticos e culturais.

Referente à *comunidade de fala*, Moreno Fernández (2009, p. 23-24) a entende como lugar de consenso em que os falantes compartilham, ao menos, uma língua. Nas palavras do teórico, “compartilham mesmas atitudes linguísticas, mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de avaliar socialmente os fatos linguísticos e mesmos padrões sociolinguísticos”. Nesse ambiente as pessoas se reconhecem, expressam pertencimento, identidade e marca de grupo social. No entanto, pelo seu caráter abrangente e heterogêneo, pode ser um dificultador para delimitar quantas e quais pessoas devem ser analisadas.

A observação feita por Moreno Fernández fez com que adotássemos o conceito de

*comunidade de prática* (MEYERHOFF, 2004) como o mais próximo do que se pretende para este trabalho, uma vez que não analisamos a fala do jogador de futebol, mas o seu nome próprio como uso profissional. Trataremos sobre este conceito nas sessões posteriores.

No caso do Brasil, usamos o português brasileiro e os autores exemplificam a língua como um sistema organizado citando um possível diálogo entre duas pessoas que moram em diferentes partes do país como prova de que nos comunicamos e nos entendemos, quanto ao seu uso. Consideradas as diferenças de como é falado o PB em São Paulo e no Rio Grande do Sul, os teóricos avaliam que, independente do local em que essas pessoas moram, das suas idades ou formações, não haverá comprometimento da comunicação entre os falantes. Por esses fatores é que, também, concluem que ela varia. Podemos mencionar, por exemplo, a variação pronominal entre *tu* e *você* utilizada com o mesmo valor referencial/representacional de segunda pessoa do singular. É com esses fenômenos que os sociolinguistas estudam a relação entre língua e sociedade e em que se centra a Sociolinguística como disciplina, conforme a explicação de Coelho *et al.* (2015, p. 13).

Para melhor compreensão sobre as noções primárias que são trabalhados dentro da perspectiva sociolinguística, com base nas explicações de Coelho *et al.* (2005, p. 14-17), enumeramos e ampliamos esses conceitos:

- c) Variedade: Fala característica de um grupo. Para esta se aplicam conceitos geográficos (variedade gaúcha, variedade manauara, etc.) ou de grupos sociais (universidade, profissão, gênero, entre outros);
- d) Variação: Formas concorrentes no mesmo contexto com o mesmo valor referencial (exemplo do uso pronominal *tu* e *você*);
- e) Variável: Conjunto de variantes dentro da gramática que é utilizado pelo falante. Exemplo: *Tu* e *você* como expressão pronominal de P2;
- f) Variante: Forma concorrente dentro do conjunto. Exemplo: a escolha ou predominância de um dos pronomes P2 entre os falantes.

Embora as noções apresentadas pelos autores se relacionem mais com a língua falada do que propriamente o uso de nomes próprios, as explicações são relevantes para o nosso trabalho, pois, como explica Ainiála (2016), muitos dos conceitos da sociolinguística são aproveitados pela sócio-onomástica. As noções de *variável* e *variante* são de suma

importância para as nossas explicações uma vez que a mudança do perfil antroponímico de jogadores brasileiros de futebol pode estar relacionada a fatores profissionais e geracionais. Ampliaremos essas noções na seção 1.2.

Independentemente da abordagem metodológica e conceitual que será posta em prática, os estudos de Labov trazem aspectos metodológicos pioneiros e difundidos em pesquisas sociolinguísticas. No estudo da ilha de Martha's Vineyard, a noção de *variável linguística* surge nos ditongos /ay/ e /aw/ pronunciada pelos falantes como um indicativo de variação na fala dos seus habitantes, segundo o autor. Outro exemplo destacável é o seu aprimoramento na técnica de entrevistas, em comparação com o anterior, para investigar as lojas de departamento da cidade de Nova Iorque. Como o próprio autor ressalta, o refinamento da técnica para a entrevista aliada à quantidade de participantes, serviu para dar robustez aos seus dados e resultados. Com relação ao método de entrevistar, notabiliza-se seu intento de extrair o uso mais espontâneo da língua, baseado em observação prévia de como os falantes se portavam no seu cotidiano. O teórico observa que a vida diária e, conseqüentemente o seu uso, é mais aberto que qualquer situação de entrevista, que é monitorada e controlada (LABOV 2008[1972], p. 63-64).

Conforme a explicação de Labov (2008 [1972], p. 13-15) no início do seu livro, são essas observações que tornam a Linguística socialmente mais realista. Ao contrário do que era feito até os anos 1960, a variação livre, por exemplo, não podia ser condicionada porque era considerada linguisticamente insignificante saber se uma ou outra ocorria num momento particular. Com isso, a estrutura interna da variação ficava removida dos estudos linguísticos e, conjuntamente, também excluía o estudo da mudança em progresso. Da mesma maneira, o autor explica que a avaliação social das variantes linguísticas não eram levadas em conta por serem vistas como inacessíveis e fora do escopo do linguista. Em outros termos, não se utilizavam dados não linguísticos para explicar a mudança linguística.

Dessas observações, como descreve Labov (2008 [1972], p. 15), surge o convite de Uriel Weinreich, seu amigo e orientador, para a escrita, juntamente com Martin Herzog, do ensaio *Empirical foundations for a theory of language change (Fundamentos empíricos para a teoria da mudança linguística)* em que são feitas revisões de teorias linguísticas com vistas de se discutir e questionar correntes que enxergavam a língua como um sistema homogêneo. A publicação representa um marco que dá início aos primeiros estudos sobre a mudança na

linguagem e a interpretação inicial que se fez é que o estruturalismo não conseguia compreender porque os falantes continuam fazendo o uso da língua com ela em transição de um estado para outro, como indica este trecho:

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. [...] Pois quanto mais os linguistas têm ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mais misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? [...] (WEINREICH; HERZOG; LABOV, 1968, p. 100-101).

De forma explícita, os autores deduzem que os fatores externos à língua poderiam estar condicionando a sua mudança. Com base nesta hipótese inicial, a Teoria da Variação e Mudança é formulada a partir do uso da língua pelo falante na sociedade em que fatores intrínsecos na esfera social contribuem para que ela sofra transformações, sem causar impactos na comunicação. A partir desta observação surge a necessidade da fundamentação de uma teoria que aceite que esses elementos “não apenas levam a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também produzem naturalmente uma teoria da mudança de linguagem que contorna os paradoxos infrutíferos com os quais a linguística luta há mais de meio século”.

Apesar de reiterarmos que o foco do nosso trabalho se situa no uso profissional dos antropônimos de jogadores brasileiros de futebol e não na sua fala, dentro de um contexto de comunidade, as contribuições de Labov (2008 [1972]), Moreno Fernández (2009) e Coelho *et al* (2015) para a implementação metodológica em trabalhos sociolinguísticos são de muita relevância. Conforme a observação de Ainiala (2016), e que será ampliada na seção 1.2, a sócio-onomástica compartilha das noções primárias da sociolinguística para avaliar o uso e a variação dos nomes próprios. No que tange aos antropônimos de jogadores, essa comunidade pode ser muito ampla e requer um recorte para que possamos delimitá-la. Além disso, ter conhecimento prévio da comunidade traz um norte para o pesquisador sociolinguista. Ampliaremos essa explicação, posteriormente, com os trabalhos de Meyerhoff (2004) e Lawson (2016).

## 1.2 Onomástica e Sócio-onomástica

Tratar sobre os nomes próprios constitui uma relação intrínseca entre aspectos gramaticais e seu uso em contextos sociais. Segundo Amaral e Seide (2020, p. 31), por *onomástica*, além do significado de “relações de nomes próprios”, é compreendido como estudo que analisa esses nomes em aspectos gramaticais, etimológicos, sócio-históricos, geográficos, etc. Devido a esses elementos, constitui-se como um campo autônomo do conhecimento, mas que possui interface com as diversas áreas das humanas.

Hajdú (2002) explica que o interesse pelos nomes próprios é antigo. Sugere que os estudos onomásticos têm início nos rastros históricos do Egito de cinco a seis mil anos atrás. Sua observação se justifica pelas primeiras inscrições em hieróglifos nas quais os egípcios buscavam distinguir objetos que eram dignos de receberem nomes próprios dos que eram considerados aptos a terem nomes comuns. Essa lógica residia em, por exemplo, atribuir os nomes próprios à deuses e faraós diferenciando-os dos demais.

Amaral e Seide (2020, p. 32) acrescentam que os filósofos gregos também se interessavam pelos nomes próprios e um exemplo dessa curiosidade é expressada na obra *Crátilo*, de Platão, quando, no início, Sócrates e Hermógenes discutiam quais seriam as propriedades do nome. A relação entre nomes e referentes é observada e se tornou, posteriormente, objeto de pesquisa para muitos lógicos e filósofos no Ocidente.

Embora haja avanço nos estudos linguísticos e esteja presente a descrição dos nomes próprios nas gramáticas, é reconhecida a dificuldade de classificá-los. Fernández Leborans (1999) aponta o seu caráter extralinguístico como um dos fatores que dificultam a sua classificação nas gramáticas tradicionais. Geralmente, como explica a autora, os critérios utilizados para distingui-los dos nomes comuns são semelhantes aos que se faziam nas civilizações egípcia e grega.

No mundo contemporâneo as reflexões que são feitas se dão por convenções sociais, seja através da manifestação escrita, com o uso da grafia maiúscula, seja pela ciência de que os seres humanos consideram ou sabem o que deve ser nomeado como próprio, como citam os trabalhos de Trapero (1996) e Ariza (1993). Talvez por essa complexidade para analisá-los é que Fernández Leborans (1999, p. 79) esclarece que os nomes próprios despertam a curiosidade de ser investigados em outras áreas de ciências humanas, além da Filologia e da Linguística.

Esse breve paralelo entre o interesse pelas descobertas das civilizações mais antigas com os estudos correntes sobre os nomes próprios fez com que Hough (2016, p. 1) considerasse os estudos onomásticos, ao mesmo tempo, velhos e novos. A diferenciação que a leva para essa reflexão é que, tanto no Egito como na Grécia antiga, os estudos são incipientes a partir de noções e distinções, ao contrário do que se faz hoje com sistematizações e publicações científicas no âmbito.

Referente ao surgimento da *sócio-onomástica*, Hough (2016, p. 8-9) observa que essa disciplina apresenta novas abordagens sobre diversos tipos de nomes próprios. São destacados dentro desse conjunto os topônimos (GARCÍA SÁNCHEZ, 2019), que são nomes de lugares, e os antropônimos (AINIALA, 2016; LAWSON, 2016; ALDRIN, 2017; AMARAL; SEIDE, 2020) que correspondem aos nomes pessoais. Como Ainiala e Östman (2017) destacam, trata-se de uma subdisciplina da onomástica que implementa técnicas da sociolinguística para a realização dos seus estudos.

Ainiala (2016, p. 371-378) define a sócio-onomástica como a sociolinguística dos nomes próprios, dada a sua preocupação com o uso e a variação dos nomes. Esse tipo de pesquisa é, de certa forma, uma continuação da pesquisa tipológica, pois torna-se inevitável tratar dessas questões sem que se estabeleçam nomenclaturas.

No que concerne à metodologia implementada nas pesquisas sócio-onomásticas, muitas das noções sociolinguísticas são retomadas pela autora nos estudos de competência toponímica. A *variação social* dos nomes de lugares é abordada como foco central (AINIALA 2016, p. 372-373) na observação da frequência dos nomes que são mais ou menos usados por determinada população. As variáveis idade, gênero, etnia, classe socioeconômica, entre outras, são consideradas para a elaboração de questionários e levantamento de dados.

A variação situacional para nomes pessoais também é citada como objeto de estudo da sócio-onomástica, como consequência da popularidade de nomes em determinada época. Ainiala (2016, p. 373) menciona-os como nomes de moda que acabam sendo inovadores e motivadores de investigação. Outro ponto que é observado, e que se relaciona com o nosso trabalho, são as *variantes* empregadas em diferentes situações e contextos, como o uso dos apelidos. No ambiente do futebol, por exemplo, há registros de que os jogadores podem ter outros nomes além do qual é informado como nome de jogo (escalação), o que indica outras

relações e contextos de uso. Ampliaremos na parte correspondente aos procedimentos metodológicos a noção citada pela autora e com exemplos.

Lawson (2016) aborda os distintos sistemas de nomeação de quinze línguas a partir de especialistas em cada uma delas para examinar as similaridades e diferenças. Sua pesquisa resulta de suma importância para o nosso trabalho, uma vez que no universo esportivo o Brasil recebe diversos jogadores estrangeiros que compõem elencos. Na nossa metodologia esse sistema será levado em conta para discriminá-los do português brasileiro.

O ato de nomear é um dos aspectos sociais abordados nos trabalhos de Aldrin (2017) e de Seide (2013) dentro da sócio-onomástica. No primeiro trabalho é discutido o processo de dar nomes aos filhos, o qual a autora entende que essa atribuição reflete, também, a identidade do nomeador transposta ao descendente. Em outras palavras, quando se nomeia o filho há o depósito de esperança a partir de uma construção de identidade à criança. Com relação ao segundo trabalho, são levantados os fatores motivacionais para a escolha de antropônimos que sugerem divisões tipológicas. São exemplos: religião, homenagem, sonoridade, grafia, entre outros.

No caso dos nomes de motivação religiosa, há um vasto repertório na antroponímia brasileira, uma vez que muitos vieram de Portugal no processo de colonização do Brasil e posteriormente de pessoas oriundas de outras nações europeias católicas, como no caso dos italianos (SEIDE, 2021, p. 59). Guérios (1981, p. 18-19) explica que a razão dos pais nomearem seus filhos com esses antropônimos se deve ao fato, sobretudo na religião católica, das crianças serem vistas como presentes de Deus. Dessa forma, a criança que recebe esse tipo de nome é colocada sob sua proteção. Outro fator que leva aos pais a nomearem seus filhos com antropônimos religiosos, segundo Guérios (1981, p. 25), se deve à recomendação e aprovação da Igreja Católica aos catecúmenos da adoção de nomes dos santos com a finalidade de que cada um deles fossem protetores dos seus filhos.

No Brasil de hoje, embora esses nomes sejam bem populares, como indicam os dados do censo do IBGE (2010), e parte deles aparecem nos nomes de jogadores como *Pedro* (Flamengo), *Lucas Silva* (Grêmio) e *Mateus* (Palmeiras), não é possível afirmar que a nomeação desses brasileiros, que recebem esses antropônimos, sejam necessariamente motivações religiosas a partir de seus pais. É possível que essa nomeação, hoje, tenha,

também, a influência de algum artista, político, jogador, entre outros, dado que são nomes populares e bastante difundidos na sociedade. Isto é, são nomes que, de alguma maneira, já se distanciaram desse ideal estritamente religioso.

Parte das ocorrências que exemplificam motivações de homenagem, sonoridade e grafia são encontradas, com destaque, nos prenomes *Riquelmo* e *Riquelmy* no plantel do Cruzeiro de 2021. Ambos são homenagens ao craque argentino, Juan Román Riquelme, que, pelo sobrenome original, se converteram em exônimos<sup>3</sup> (RAUKKO, 2017) no português brasileiro, como prenomes, além de possuírem sonoridades e grafias distintas.

O tratamento tipológico a partir de fatores motivacionais também é mencionado nos trabalhos de Van Langendonck (2007), Amaral (2011) e Amaral e Seide (2020). Nesses trabalhos são diferenciados os nomes que são associados aos familiares e que recebem registros civis daqueles que derivam de motivações externas e de fatores sociais. Consideradas as realidades apresentadas, sendo que no primeiro trabalho reflete o contexto dos Países Baixos e nos dois últimos o brasileiro, esses estudos são pertinentes para o nosso trabalho, uma vez que os nomes de jogo compartilham traços de nomes de registro civil ou não pertencentes ao registro pelos seus prenomes, sobrenomes, agnomes, apelidos, hipocorísticos, etc.

Os nomes de jogadores brasileiros de futebol serão investigados de acordo com o seu uso profissional. Além disso, são associados a aspectos sociais que se relacionam com a sócio-onomástica, de modo que a apresentação das tipologias são relevantes para avaliarmos a alternância de nomes próximos do registro civil e aqueles que não são pertencentes a esse registro. Desse modo, todos os trabalhos citados nesta seção, certamente, serão de grande aporte teórico para as nossas explicações.

### **1.3 Nomes próprios de pessoa**

A discussão sobre a função principal dos nomes próprios de pessoa é diversa e ampla. Ullmann (1972) comenta que os nomes desempenham um papel tão importante nas relações

---

<sup>3</sup> Raukko (2017) define exônimos como ‘nomes de lugares ou de pessoas de uma língua e que em contato com outras línguas são adaptadas ao idioma de chegada’.



humanas que, em um passado, eram vistos como um privilégio. Como exemplifica o autor pela leitura de Odisseia, “ninguém está sem nome, uma vez que tenha vindo ao mundo” (p. 81). O trecho simboliza a necessidade humana de nomear alguma coisa ou alguma pessoa. Também, da mesma leitura do poeta Homero, encontramos o caráter arbitrário e singular do nome próprio quando “a cada qual lhe é imposto um nome pelos seus pais no momento do nascimento” (p. 81).

Na visão de Ullmann (1972, p. 82-83), possivelmente esses fatores corroboram para que o conceito de nome próprio esteja profundamente arraigado na nossa tradição e vida diária ao ponto de que não temos dificuldade de reconhecê-los como nomes de pessoas e distingui-los dos nomes comuns, escrevendo-os com letra maiúscula (ver seção 1.2 sobre os critérios para distinção de minúsculas para maiúsculas). No entanto, admite que nem sempre é fácil estabelecer os fundamentos sobre como, na prática, ocorre essa distinção. Para diferenciá-los dos nomes comuns, o autor elabora critérios, dentre os quais, selecionamos os três principais:

- g) Unicidade - o caráter individual do nome próprio é associado tal como uma parte do corpo do ser humano. Embora se admita que pessoas diferentes possam ter o mesmo nome, o uso dos nomes próprios serve para referir-se à uma pessoa.
- h) Identificação - diferente dos nomes comuns que nomeiam de forma genérica objetos, um nome próprio serve para identificar uma pessoa ou objeto e singularizá-lo entre entidades semelhantes.
- i) Denotação - os nomes próprios denotam os indivíduos, mas não indicam e tampouco implicam algum atributo como pertencente a esses indivíduos.

Lyons (1977, p. 178-179) opta por abordar a função *referencial* e *vocativa* que exercem os nomes próprios, considerando como eles são empregados no cotidiano. Por sua função referencial, entende-se aquela em que os nomes são frequentemente usados para chamar a atenção do interlocutor para a presença da pessoa que se nomeia ou para lembrar ao ouvinte a existência ou a importância dessa pessoa. São exemplos de função referencial:

- (5) *Ednilson* é jogador do Internacional.
- (6) *Cássio* é goleiro do Corinthians.

Nas sentenças (5) e (6), o nome próprio permite ao usuário da língua fazer referência aos atletas. Com relação à função *vocativa*, a sua utilização, segundo o autor, serve para

colocar em evidência a pessoa que pode ser chamada. Relacionando ao contexto do futebol, podemos associar esses tipos de ocorrências às orientações que o treinador tende a passar para o seu atleta no decorrer do jogo. Vejamos exemplos desse tipo de função:

(7) *Bruno Henrique*, venha cá. Pela esquerda, não. Vá para o centro!

(8) *Rodinei*, por favor! Não feche o meio. Abre! Abre!

Como vimos nos exemplos anteriores e de acordo com as explicações de Lyons, enquanto na função referencial o nome próprio é mencionado como algo a ser lembrado ou destacado, na função vocativa o nome próprio tem função de se dirigir à pessoa específica do contexto. De todo modo, ambas as funções retratam as características singulares dos antropônimos porque, embora possa haver outras pessoas que portem os mesmos nomes, é explícito que quando citados estão fazendo referências a pessoas específicas.

Coseriu (1967), dado esse caráter singular dos nomes próprios, discorda da existência de plurais para esta classe, apesar de reconhecer que há nomes que deixam essa impressão. São exemplos, os topônimos de cidades e países como Buenos Aires e Estados Unidos, que são escritos de forma pluralizada, mas se referem a uma única localidade.

Com relação aos antropônimos, a mesma regra se aplica e se explica, por exemplo, pelo fato de que uma pessoa se chame *João* e exista muitos indivíduos portando o mesmo nome. Na sua avaliação, que isso ocorra “é apenas um feito e não um problema para ser resolvido” (COSERIU, 1967, p. 267-268). Em outros termos, o fato de que exista mais de uma pessoa com o mesmo nome de *João* não significa que o nome deva ser pluralizado em razão de que se tratam de pessoas distintas, diferente do tratamento que se dá à classe dos nomes comuns.

A base da explicação de Coseriu se fundamenta no sentido com que empregamos os nomes próprios, que sempre é direcionado para uma única pessoa. Essa lógica ratifica o caráter singular e arbitrário dos antropônimos, o que os torna complexos de serem classificados nas gramáticas tradicionais (FERNÁNDEZ LEBORANS, 1999).

As convenções sociais também são utilizadas como justificativas para distinguir o que é nome próprio em comparação com o nome comum. Como na língua espanhola, no português uma das propriedades ortográficas que também se manifesta é o uso da maiúscula. No entanto, Trapero (1996, p. 338) pondera que essa distinção se dá apenas na escrita e,

consequentemente, fica restrita a um aspecto meramente formal, não contemplando a verdadeira natureza da língua que é a oralidade.

De fato, fora do ambiente da escrita, qualquer nome que nomeie, provavelmente, não terá a observação, na oralidade, se ele possui, além da letra maiúscula, algo que o diferencie de um nome comum. Ullmann (1972, p. 87), diante dessas semelhanças entre nomes próprios e comuns para nomear, sugere o critério de *identificação* como o mais útil para diferenciá-los. O teórico esclarece que, enquanto os nomes comuns são unidades significativas, os nomes próprios são meras marcas de identificação. O autor também reconhece que são critérios limitados e, possivelmente, não esgotam a explicação de como os distinguimos dos nomes comuns na oralidade, ao que ele argumenta que isto está implícito na função identificadora dos nomes próprios.

Essa hesitação, por vezes, nos remete aos fatores extralinguísticos (FERNÁNDEZ LEBORANS, 1999, p. 79) com os quais os nomes próprios se relacionam. Perini (2007, p. 13-15) considera o conhecimento da gramática e do léxico tão importantes quanto o conhecimento extralinguístico para o receptor da informação. Observa que o estudo da estrutura de uma língua tem por objetivo explicitar um sistema de conceitos aos quais os falantes se apoiam nas formas.

Com exemplos, o autor expõe os pares *casa e casas, trabalha e trabalhas, Dante e dantes*. No primeiro caso, esclarece que o falante percebe, com base no seu conhecimento de língua, uma relação gramatical e semântica entre elas e que, na sua visão, não é um processo de consequência automática e simples da semelhança formal, pois a presença ou ausência do -s também ocorre nos casos posteriores. No segundo caso, a relação formal é a mesma, porém se difere na conceitual (3ª pessoa *versus* 2ª pessoa). No terceiro caso, não há nenhuma relação conceitual sistemática (Nome próprio *versus* contração de preposição com advérbio).

A partir da explicação de Perini (2007), como também das explicações de Ariza (1993, p. 35-36) e Ullmann (1972, p. 86-87), o conhecimento extralinguístico, relacionado ao contexto, será determinante para o falante discernir, por exemplo, *porto* (nome comum), de *Porto* (topônimo da cidade) de *Rafael Porto* (sobrenome de pessoa).

Além das funções de identificar, singularizar, possibilitar referências, o nome próprio é de grande valor social. González (2004, p. 104-107), desde um ponto de vista pragmático,

alega que se trata de um fenômeno social em que nomear alguém ou algum objeto corresponde à necessidade humana de tornar algo distinto em relação a uma determinada massa. É sabido que o nome próprio é um direito universal e, portanto, assegura a todas as pessoas o direito à identidade.

São exemplos de reivindicações sociais que simbolizam conquistas recentes desses direitos a criação do *nome social* no Brasil, que visa dar dignidade humana às pessoas trans que não se reconhecem como gênero (AMARAL; OLIVEIRA, 2019) do nome imputado pelos pais no registro civil. Outro exemplo que representa a importância de se ter um nome é o caso argentino, apresentado no trabalho de Casella e Toia (2012, p. 317), sobre as prisões políticas no regime ditatorial da Argentina. Na época, aquele governo se caracterizou pela subtração de identidade de bebês e que, conseqüentemente, fez com que diversos jovens crescessem desconhecendo “sua realidade biológica, familiar, cultural, sendo o nome o indicador dessa ‘vida’”. Em outras palavras, ter e saber o seu real registro civil possibilita a integração social do indivíduo.

A heterogeneidade dos antropônimos fez com que fossem propostas tipologias para classificá-los de acordo com as suas características. Van Langendonck (2007) é um dos mais recentes ao sugerir a divisão dos nomes próprios de pessoa entre *nomes oficiais* e *nomes não oficiais*, com base nos dados do inglês e do neerlandês. Sobre a primeira categoria, o autor define que são nomes que cumprem as funções básicas de identificar, ao que o teórico os considera primários por serem dados por familiares e formalizados no registro civil. Dentro desse conjunto estão os *prenomes* pelos quais as pessoas são identificadas e os *sobrenomes* que correspondem ao nome da família.

Com relação à segunda categoria, de acordo com o autor, os *nomes não oficiais* são atribuídos a motivações diversas que fogem ao registro civil. Embora seus estudos estejam focados no inglês e neerlandês, sua contribuição para este trabalho, além de facilitar a explicação desses tipos de nomes, podem ser úteis para a explicação de uma possível adequação dos antropônimos desta pesquisa.

No que tange à tipologia do português brasileiro, Amaral (2011) cria os grupos *ortônimos* e *alônimos* para a classificação dos antropônimos. Nela os ortônimos são nomes que “correspondem ao nome civil completo”, sendo composta por *prenomes* (primeiro nome,

nome de batismo) e *sobrenomes* (nome familiar de caráter patronímico ou matronímico). Referente aos alônimos, trata-se de “antropônimos que não correspondem aos nomes oficiais garantidos por lei e atribuídos ao indivíduo no registro civil” (AMARAL, 2011, p. 71). Essas classificações, posteriormente, foram ampliadas em trabalho recente de Amaral e Seide (2020), considerando as transformações sociais no país que promoveram categorias de nomes que se adequam às extensões de laços familiares, usos profissionais e direitos humanos.

Assim, com a nomenclatura atualizada, a divisão proposta é feita considerando o *nome de registro civil* e *nome não pertencente ao registro civil*. Dessa forma, são considerados parte do nome de registro civil: *prenome*, *sobrenome* e *agnome*. Com respeito aos nomes não pertencentes ao registro civil, são incluídos os *apelidos*, *hipocorísticos*, *pseudônimo*, *codinome*, *heterônimo*, *nome artístico* (nome de palco), *nome de guerra*, *nome religioso*, *nome social*, *nome de urna* e *nome parlamentar*.

Sobre o ingresso dos *agnomes*, os autores esclarecem que seu uso é frequente na antroponímia brasileira para indicar parentesco ou grau de geração. São exemplos desses nomes: *Júnior*, *Filho*, *Sobrinho*, *Neto*, *Primeiro* e *Segundo*. De fato, quando associamos essa observação com o futebol, são inúmeras as ocorrências de agnomes, sobretudo relacionadas à Júnior e suas “alterações” para o diminutivo.

A classificação tipológica dos nomes próprios de pessoa auxilia na delimitação dos nomes pesquisados neste trabalho, uma vez que se trata de uma categoria que, mesmo não sendo pertencente ao registro civil, compartilha de traços do registro civil. Desse modo, entender as suas características é fundamental para a nossa pesquisa. A próxima seção tratará essa diferenciação com os nomes de jogadores de futebol, tendo em conta, também, os trabalhos de Van Langendonck (2007), Amaral (2011) e Amaral e Seide (2020).

#### **1.4 Nomes de jogadores**

A justificativa inicial de que o conceito de *comunidade de prática* é o mais adequado para investigar o fenômeno da mudança e variação dos nomes próprios de jogadores brasileiros de futebol se deve ao seu uso dentro do contexto profissional. Meyerhoff (2004) explica que seu conceito se difere da *comunidade de fala* de Labov por englobar as diversas

identidades que os indivíduos podem apresentar em múltiplos vínculos sociais. Em outras palavras, a sua avaliação não se limita apenas à condição estigmatizada do indivíduo, mas ao modo como ele se molda em outros espaços sociais. Tendo em mente, aqui, que o futebol é um esporte e, portanto, espaço de vínculo social, é viável que os nomes desses atletas se acomodem ao seu mercado.

A matéria publicada por Nóbrega (2018), durante a Copa do Mundo de 2018, referente à falta de apelidos nos nomes dos jogadores da Seleção Brasileira, contribui para ampliar a discussão sobre a variação e mudança linguística na antroponímia brasileira, neste caso específico, a partir dos antropônimos de jogadores brasileiros observados pelo jornalismo esportivo.

O evento na reportagem de Nóbrega (2018) também é observado pela imprensa internacional e exemplificado pelo comentário irônico do jornalista britânico Andrew Downie, que atenta para a aproximação aos nomes de pessoas importantes do meio executivo. Referente ao conteúdo, são citados os nomes *Douglas* e *Marcelo*, que, em 2018, substituem nomes como *Tostão* e *Hulk* para frisar que os antropônimos mais próximos do registro civil têm tido mais espaço que aqueles não pertencentes ao registro civil na Seleção Nacional. Cabe destacar que o critério de análise utilizado pelo jornalista escocês considerou apenas as ausências de alcunhas na escalação. De forma sintética, a temática insinua, quando menciona jogadores como *Pelé*, *Garrincha*, *Tostão*, entre outros que se caracterizaram por nomes de motivações distantes dos de registro civil, uma mudança dos tempos, em que *prenomes*, *sobrenomes* e *agnomes* aparentam estar em maior evidência.

Piovezani (2012), desde o campo da Análise do Discurso, exhibe exemplos em comum de opiniões jornalísticas sobre este fenômeno. O principal argumento que se percebe, através dos fragmentos de entrevistas analisadas, é de uma possível perda da identidade nacional em decorrência de uma exigência de mercado. Um dos exemplos dessa transformação no contexto do futebol brasileiro é advertida pelo jornalista Torero:

Mas isso está mudando. Os “-inhos” estão em extinção. Temos ainda um Robinho e dois Ronaldinhos, mas parece que dirigentes e empresários não gostam que seus contratados tenham nomes no diminutivo. Isso desvaloriza a sua mercadoria e, assim, para dar uma impressão de maior profissionalismo, vão surgindo os Alex Alves, os Wellington Amorim, os Rafael Moura e os Rodrigo Tabata. Saem os “-inhos” e entram os sobrenomes. (TORERO, 2006, p. 47, *apud* PIOVEZANI, 2012, p. 6).

O jornalista Juca Kfourri menciona a nossa peculiaridade na forma de “nomearmos” os

nossos jogadores. Na sua observação, diferente de outros países, aqui se nomeia (ou se nomeava) um jogador brasileiro com o prenome, o hipocorístico ou o apelido ao invés do sobrenome, como fazem os estrangeiros. Na ocasião da entrevista, de acordo com Piovezani, Kfourri estabelece a relação desse jeito de nomear com o talento dos nossos jogadores de efetuar dribles, o que revela parte de uma tradição nacional. Abaixo, exibimos o trecho abaixo que expressa essa observação:

*Língua Portuguesa:* Apesar dessa crítica ao Graciliano, o brasileiro nunca se relacionou com o futebol de forma a simplesmente replicar o modelo que vinha de fora. Mesmo em procedimentos como a adoção do primeiro nome ou do apelido, algo que só tem aqui.

*Juca Kfourri:* É verdade. Em regra, é só o sobrenome. Nunca é o nome, aqui é o nome. Na camisa está escrito Beckenbauer, não está escrito Pelé. [...] O Jair da Rosa Pinto era Jair. É isso mesmo, em regra a gente chama pelo primeiro nome. [...] O Gilberto Freyre é que sabe tratar disso, da nossa capacidade de modificar as coisas, de transformar, de improvisar, de fazer do nosso jeito. [...] Acho que o futebol brasileiro tem muita essa característica, de fato. Nenhum futebol do mundo tem o drible que o brasileiro tem. (KFOURI, 2006, p. 47, *apud* PIOVEZANI, 2012, p. 5).

Longe de fazermos apontamentos se o antropônimo influencia na qualidade técnica do jogador, a observação, de época, feita por Kfourri é significativa, pois levanta informações do nosso passado, enquanto futebol, ao mencionar *Pelé*, seguramente dos apelidos mais conhecidos do esporte, em comparação com o jogador alemão *Beckenbauer*. Isto é, optar pelo uso de um apelido em oposição ao sobrenome é (ou era) parte da nossa idiossincrasia.

Tendo em vista a Seleção Brasileira como expoente da representatividade nacional, o trabalho de Cruz e Amaral (2020) constatou a tendência da adoção de uma postura mais formal no uso dos antropônimos da maioria dos selecionados para as últimas três Copas. Conforme a pesquisa apresentada pelos autores, nas últimas três edições do torneio (2010, 2014 e 2018), os resultados indicam a predominância do uso de *nomes oficiais* que variam entre 78,3% a 82,6% dos selecionados. À seguir, apresentamos o quadro 6 de Cruz e Amaral (2020, p. 113-114) que apresenta este contraste em relação aos nomes não-oficiais:

**Quadro 2**– Nomes oficiais e não oficiais de jogadores das seleções de 2010 a 2018

Ano da Seleção Brasileira	Nomes oficiais	Nomes não oficiais
2010	Júlio César, Gomes, Lúcio, Juan, Thiago Silva, Maicon, Michel Bastos, Daniel Alves, Gilberto, Felipe Melo, Elano, Gilberto Silva, Josué, Ramires, Júlio Baptista, Kléberson, Luis Fabiano, Nilmar.	Doni, Luisão, Kaká, Robinho, Grafite.
2014	Jefferson, Júlio César, Victor, Thiago Silva, David Luiz, Dante, Henrique, Daniel Alves, Marcelo, Maicon, Maxwell, Oscar, Ramires, Willian, Luis Gustavo, Hernanes, Neymar, Bernard.	Fernandinho, Paulinho, Hulk, Fred, Jô.
2018	Alisson, Cassio, Ederson, Thiago Silva, Miranda, Pedro Geromel, Filipe Luís, Marcelo, Danilo, Fagner, Casemiro, Renato Augusto, Philippe Coutinho, Willian, Douglas Costa, Gabriel Jesus, Neymar, Roberto Firmino, Taison.	Marquinhos, Paulinho, Fernandinho, Fred.

Fonte: Cruz e Amaral (2020).

De acordo com Cruz e Amaral (2020, p. 109), os *nomes oficiais* são identificados como uso de prenomes, sobrenomes e agnomes, sendo os *nomes não oficiais* aqueles antropônimos de motivações distintas dos de registro civil. Uma das conclusões obtidas, com base nos resultados, é a presença, dentre os selecionados, cada vez maior dos jogadores de futebol no exterior, que pode sugerir uma adequação aos sistemas de nomeação dos países receptores e que este uso antroponímico pode ter relações mercadológicas.

Igualmente, é importante salientar que a suspeita da diminuição do uso de apelidos também é alertada além das quatro linhas. As sinalizações realizadas por Trapero (1996, p. 351) e Van Langendonck (2007, p. 193), por exemplo, com relação ao uso de apelidos, são cada vez mais restritas às comunidades menores em comparação com os grandes centros urbanos. Indiretamente aos antropônimos, os trabalhos de Rodrigues (2004; 2010) abordam o atual grau de profissionalização aos que os atletas são submetidos desde jovens. As análises trazem reflexões se este futebol moderno, com um traço fortemente mercadológico, também influencia nas escolhas dos nomes que vão ao campo de jogo.

Destacados como patrimônio do futebol brasileiro, os apelidos e os hipocorísticos são recorrentes na nossa história e constantemente mencionados por jornalistas e outros



estudiosos desse esporte. Urrutia e Sánchez (2009) explicam que os apelidos são nomes que atendem a função de referenciar a partir de motivações como aspectos físicos e comportamentais que apelam à ironia ao se fazer referência ao indivíduo. Pelo fato de ser um antropônimo atribuído a um indivíduo por outra pessoa, com base nas características citadas, eles podem ou não ser depreciativos (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 82). No caso dos hipocorísticos, Bajo Pérez (2002) esclarece que eles são abreviações ou alterações formais dos nomes próprios de pessoas (antropônimos).

Como exemplo dessa característica dos hipocorísticos, popularmente confundida com os apelidos, podemos recordar exemplos de ex-jogadores como *Kaká* (Ricardo Izecson dos Santos Leite), *Didi* (Waldir Pereira), entre outros, em que foram tomadas as sílabas de seus nomes para formar hipocorísticos. A autora, inclusive, sinaliza esse caráter eufemístico por associar aos sons que são produzidos na linguagem infantil, sendo eles, muitas vezes, utilizados em contextos familiares. Além desses aspectos, há, também, as formas de aumentativo e diminutivo que aparecem nos nomes das pessoas. São exemplos: *Ronaldão* e *Ronaldinho*.

Com respeito aos nomes próprios que este trabalho pretende analisar, percebemos semelhanças, principalmente, com a categoria nome artístico (nomes de palco), propostos por Amaral e Seide (2020), devido ao seu uso profissional. A interpretação é que os nomes de jogo, categoria que contempla os antropônimos de jogadores brasileiros de futebol, conserva traços similares, sendo os prenomes, sobrenomes e agnomes, na maioria dos casos, correspondentes ao registro civil e, majoritariamente, os apelidos e os hipocorísticos originados de motivações externas ao registro civil. Esse tipo de divisão tipológica proposta pelos autores irá auxiliar nos critérios metodológicos para avaliarmos o fenômeno da variação e mudança linguística nos antropônimos desses atletas.

Considerar os nomes de jogadores dentro do conceito comunidade de prática facilita a nossa análise neste trabalho, uma vez que destaca o evento no uso profissional do antropônimo. Ademais, as explicações dos teóricos sobre divisões tipológicas devem ser inseridas na nossa metodologia com o intuito de especificar essa peculiaridade no nome de jogo. Na seção posterior, entenderemos como a sócio-onomástica se relaciona com a investigação tipológica.

## 1.5 Variação Antroponímica

Sobre a variação antroponímica, Ainiála (2016, p. 372-373), como abordado na seção 1.2, destaca que a sócio-onomástica é, de certo modo, uma continuação natural da investigação tipológica, pois na construção de uma nomenclatura é inevitável não levantar questões sobre o uso e a variação dos nomes. Um dos aspectos que coincide com a sua afirmação é a metodologia que se aplica nesses tipos de investigações, que inclui os conceitos de variação, variedade e variável associados à sociedade em estudo.

Segundo a autora, inicialmente, essas inquietações se davam no campo da toponomástica. Logo após, surge o interesse, em especial, pelos nomes próprios de pessoa que se explica pela interação social, em diversos contextos, tendo como foco o seu uso na sociedade. Dentro dessas interações, levam-se em conta o designador do nome, o portador do nome e o usuário do nome.

Tendo em vista que o contexto, muitas vezes, de um jogador brasileiro de futebol são grandes mercados (nacionais e internacionais), a tendência, tanto do ponto de vista linguístico quanto extralinguístico, é que se determine a redução do uso de apelidos. Desde a perspectiva linguística, Van Langendonck (2007, p. 193) e Traperó (1996, p. 351) já sinalizavam que, nesses tempos modernos, os apelidos estão diminuindo nos centros urbanos, ficando mais restritos às comunidades rurais. Essa conexão com o aspecto extralinguístico ocorre quando, por exemplo, a matéria de Nóbrega (2018) e o trabalho de Piovezani (2012) apresentam falas de jornalistas que apontam para essa mudança de perfil em grandes clubes e o selecionado nacional.

McClure (1981) observa que nomear é um ato social e que a variação na nomeação das pessoas pode refletir posturas sociais que variam de acordo com o contexto. No futebol brasileiro, quando essas variações ocorrem, boa parte dos atletas aponta argumentos que expressam seriedade e maturidade dentro desse ambiente profissional, como os fragmentos de entrevistas de Tchê Tchê e Nonoca:

(9) [...] - “Tchê Tchê é o meu apelido de infância. Um amigo meu colocou, porque ele disse que eu era parecido com um tal de Tchê Tchê da rua dele e acabou esse apelido pegando em mim também. Já estou acostumado com o apelido, mas aqui na Ponte eu acho melhor o Danilo Neves. Passa mais seriedade...”. (LANCE! NET, 2015)

(10) [...] “Quando subi, queria ser chamado de Nonoca por causa do meu pai, que era conhecido na cidade e em vários lugares pelo apelido. Tenho um carinho enorme pelo apelido e pelo meu pai, mas agora é uma nova fase, um recomeço aqui no Cruzeiro. Voltei e quero ser chamado pelo meu nome.”...]. (REDAÇÃO SUPERESPORTES, 2021)

Nos exemplos acima, que trazem os relatos de Danilo Neves e Lucas Ventura, deduz-se que seus apelidos (Tchê Tchê e Nonoca) vieram de outros vínculos sociais, fora do profissional, como de amigos e familiares. Essas informações, no caso dos jogadores citados, sugerem que o uso de antropônimos do registro oficial transparece uma imagem mais sóbria e profissional.

O caráter variacional dos nomes próprios, de acordo com o situacional, reforça a avaliação de McClure ao dizer que as pessoas têm certo gosto pelo nome que desejam ser tratadas, dependendo do contexto social. Ademais, revela o uso do nome como uma marca pessoal, que se associa com a explicação de Ainiala (2016, p. 371) quando nomeamos. Segundo a autora, quando as pessoas se dão nomes, elas assumem o controle do seu ambiente, deixando marcas nele. Nesse contexto, a adoção pelo uso de um nome pode representar maior engajamento profissional, visibilidade comercial e melhores mercados.

O ato de nomear como atribuição de identidades também é tratado nos trabalhos de Aldrin (2017; 2009). A autora explica que quando os pais nomeiam seus filhos com os nomes próprios de registro civil, atribuem a eles um traço de sua identidade e projeção do que se espera deles.

A escolha dos nomes próprios, nessa perspectiva, parece tornar-se um resultado mais ou menos automático das categorias sociais às quais os pais “pertencem” deixando pouca possibilidade de ação, construção e criatividade. Também não está claro para qual dessas categorias pré-definidas os pais se orientam ao escolher um nome, que significado os pais vinculam a essas categorias e como essas categorias tornam-se importantes (ALDRIN, 2017, p. 46).

A respeito das projeções de status que os pais projetam para seus filhos, a inserção de nomes que comecem com letras do alfabeto estrangeiro, ainda que se desconheça razões pelas quais se nomeia dessa forma (estética, homenagem, etc.), faz jus ao ponto de vista Aldrin, quando se têm em mente as realidades econômicas de diversas famílias brasileiras das quais saem esses jogadores. Nesse sentido, certos tipos de nomes podem dar impressão de ares de importância a quem porta. Em parte de seu trabalho, Piovezani (2012, p. 6-8) mostra recortes de jornalistas que mencionam essa mudança antroponímica, muitas vezes de forma crítica, como feita pelo colunista Torero sobre a adição do alfabeto estrangeiro nos nomes de jogadores brasileiros:

Tudo isso é fichinha se pensarmos nos jogadores que têm nomes começados em dábliu. O duplo vê que foi abolido da língua pátria com o K (que sempre me pareceu um cara pronto para lutar caratê) e o Y (um cálice elegante), foi resgatado pelo povo e hoje pode ser visto aos montes pelos campos do Brasil. Com adaptatiions, poderíamos fazer um time só com atletas cujos nomes comecem com W. A saber: Wilson (Figueirense); Willians (Vitória), William Magrão (Grêmio), William (Ipatinga), Wellington (Náutico); Wallyson (Coritiba), Wellington Amorim (Figueirense), Wesley (Santos) e Wellington Paulista (Botafogo); Washington (Fluminense) e Weldon (Cruzeiro). O patrocínio, é claro, seria da W/Brasil. (TORERO, 2008, p. 3 *apud* PIOVEZANI, 2012, p. 7).

Além dessas inserções iniciais, Piovezani ainda acrescenta a crítica do colunista Roberto de Pompeu Toledo, que adere à crítica ao “gosto pelo estrangeirismo” que as camadas mais populares da sociedade tem tido ao acrescentar terminações em *-son* (*Keirrisson, Richarlyson*); *-ton* (*Wellington*) em oposição da terminação em *-ão*, antigamente, mais populares, sobretudo no aumentativo de nomes próprios. Essa nova configuração antroponímica chega a ser considerada “exótica”, além de ser avaliada como fenômeno de classe. Por outro lado, é lamentada pelo colunista a implementação de letras do alfabeto estrangeiro (K, W) e sons distantes da língua portuguesa.

Todavia, o fenômeno no qual essa camada social tem sido aderente em engenhar novos antropônimos pode estar associado às motivações que sugerem contatos externos. Raukko (2017), ao apresentar os exônimos comenta que o contato linguístico com outras culturas promove adaptações de nomes. Segundo o teórico, “quando línguas e culturas estão em contato, as palavras, estruturas e outras propriedades linguísticas dessas línguas podem ser afetadas umas pelas outras; palavras emprestadas e conceituações afetadas são apenas dois tipos dessa convergência induzida pelo contato” (RAUKKO, 2017, p. 94).

Com base na explicação desse autor, é possível que Alexander, Alejandro e Alexandre sejam exônimos. Como exemplo dessa transformação antroponímica brasileira e as “conceituações afetadas”, o prenome *Alejandro* no Brasil se transformou em *Alerrandro* (Red Bull Bragantino). Além dos prenomes, um exemplo de nomeação dada motivada por homenagem aparece na utilização do sobrenome do jogador *Juan Román Riquelme* que se transformou em prenomes (*Riquelmy, Riquelme e Riquelmo*) de três jogadores do sub-20 do Cruzeiro, como cita a reportagem do La Nación (LA NACIÓN, 2020).

Aldrin (2009, p. 92), na conclusão de seu trabalho sobre os nomes suecos, cita o termo *usability*<sup>4</sup> como determinante na escolha dos antropônimos. Nessa ótica a projeção que os pais dão aos filhos no momento da nomeação está no juízo que a escolha de tal nome abre portas

---

<sup>4</sup> Aldrin (2009) sugere esse termo por entender o antropônimo como adaptável e ajustável em outras línguas.

para a sua sociabilidade caso a criança, no futuro, busque trabalho e viagens internacionais. Em outras palavras, a escolha de um antropônimo que seja usável em outros idiomas, considerando seus ajustes ortográficos, possibilita ao indivíduo maior inserção social e laboral. Piovezani (2012, p. 8) até converge com a autora ao afirmar, no caso brasileiro, que essa criatividade popular, ao inclinar-se para o estrangeiro, com terminações características e letras do alfabeto não tão usuais no nosso idioma, é uma forma de tentar transferir aos filhos uma “personalidade forte e única”.

Hipoteticamente, essa análise faz sentido se levarmos em conta, por exemplo, alguns dos nomes da Seleção Brasileira de 2018, apresentados no trabalho de Cruz e Amaral (2020), como *Alisson* (Liverpool), *Ederson* (Manchester City) e *Taison* (Shakhtar Donetsk), que possuem prenomes com a terminação em *-son*, além de terem carreiras de prestígio internacional e jogarem no futebol europeu. Do mesmo modo, é perceptível um considerável uso de prenomes simples (*Marcelo*, *Danilo*, *Neymar*), prenomes compostos (*Renato Augusto*) ou prenomes seguidos de sobrenomes (*Gabriel Jesus*, *Philippe Coutinho*, *Thiago Silva*) no mesmo selecionado.

Certamente, não é apenas o nome que faz com que o jogador de futebol se torne famoso. Na visão do professor em marketing esportivo Flávio Janones (ND+, 2015), são as habilidades do atleta que despertam interesses, independente do nome que ele tenha. Contudo, em resposta na mesma entrevista, é reconhecida a existência de uma orientação prévia para usos de certos tipos de nomes que serve de estratégia para obter receptividade internacional, por adequar-se ao sistema de nomeação (LAWSON, 2016) dos países que os recebem.

Tendo em consideração as possibilidades profissionais que os nomes próprios podem fornecer aos jogadores no âmbito esportivo, é necessário entender como funciona esse mercado. Na seção posterior, abordaremos o processo de modernização do futebol, a partir de uma perspectiva extralinguística, e como isso pode interferir no uso dos antropônimos.

## **1.6 O mercado da bola e os antropônimos no processo de modernização do futebol**

Na seção 1.5 vimos que as escolhas de antropônimos para o uso profissional dos jogadores brasileiros de futebol podem obedecer a uma orientação prévia de dirigentes de clubes ou de seus próprios empresários. O fator econômico, aparentemente, é levado em

consideração nessa relação, uma vez que o mercado externo é mais atraente financeiramente para o atleta do que no Brasil. Em função disso, a seleção de um nome que tenha maior receptividade internacional, hipoteticamente, abre possibilidades para que o jogador atue por um clube estrangeiro.

De acordo com Matias (2018, p. 19-20), a forma espetacularizada do futebol é uma mercadoria especial permeada pela presença de empresas de mídia, grandes grupos econômicos e financeiros. Nessa relação o público é o consumidor e os atletas são vistos como mercadorias. Isto é, o potencial esportivo do jogador é observado como força de trabalho com o propósito de atender a indústria do jogo.

No caso do Brasil, a implementação dessa indústria, em comparação com a Europa, não se desenvolveu de forma homogênea e, dessa maneira, acentuou desigualdades competitivas entre mercados. Matias (2018, p. 20) aponta a formação social de cada estado nação como responsável, uma vez que, enquanto o modelo de liberalização econômica já ocorria, na década de 70, em países do grande centro do futebol (Inglaterra, Espanha, Itália, Alemanha e França), no Brasil essa transformação se inicia na década de 1990.

A pesquisa sobre os nomes próprios (antropônimos) de jogadores brasileiros do futebol tem suscitado vários aspectos que podem ser relacionados a uma possível transformação antroponímica em relação ao seu uso profissional. Labov (2008 [1972]) afirma que a vida social nunca deve ser desprezada dentro de uma comunidade, uma vez que as mudanças são correntes em uma sociedade e a língua está integrada nesse processo. No caso do futebol, este ambiente está relacionado com o conceito de comunidade de prática (MEYERHOFF, 2004) devido ao uso dos nomes ser correspondente à sua atividade social.

A explicação de Ainiala (2016) sobre o poder dos nomes próprios de deixar marcas é bem pertinente quando observamos que o seu uso por parte de atletas pode atender a demandas de mercado como constituição de marcas pessoais. Tal ligação tem despertado observações, não somente no jornalismo esportivo atual, mas, também, no marketing esportivo, como na avaliação do professor e especialista Marcelo Palaia (TERRA, 2021) sobre as mudanças de nomes dos jogadores durante a sua carreira, tendo como exemplo as identidades assumidas pelo atacante *Gabriel Barbosa* (*Gabigol* > *Gabi*). Na sua avaliação, esse tipo de alteração é mais prejudicial do que benéfica. De acordo com o autor, “o nome de

um jogador, assim como de um músico, artista, de uma celebridade, são verdadeiras marcas que eles passam a ter durante a carreira. O cuidado com essa marca, com o nome, tem que existir constantemente”.

Embora a crítica de Palaia se refira à mudança de identidade durante uma carreira que vem sendo consolidada, é aceitável a ideia de que o contexto do futebol atual conta com uma orientação prévia na qual os antropônimos constituem uma importante marca financeira de muitos jogadores. Isso, talvez, se explique pelos pedidos de alteração no tratamento apresentados pelos jogadores. Os motivos, ainda que variados, refletem uma postura de maturidade frente ao profissionalismo que exige a carreira. Vejamos esses exemplos:

(11) Leandro Pereira “Banana”: - “Quando chegou ao Palmeiras em 2015, o atacante pediu para ser chamado pelo sobrenome: ‘Banana é só para os mais íntimos, é uma brincadeira de infância. Eu tinha outro amigo com esse apelido, foi ele que me levou para jogar nos times de bairro e brincavam que eu era o filho dele [...]’, explicou Leandro Pereira, hoje na Chapecoense.” (UOL, 2018).

(12) Lucas “Marcelinho” Moura: - “Em 2010, o São Paulo promoveu a estreia do jovem Marcelinho, de 18 anos, no time principal. Ele logo se destacou, pedindo passagem entre os titulares. Foi quando pediu para ser chamado de Lucas, deixando para trás o apelido que remetia ao ídolo do Corinthians. ‘É até uma questão de honra usar o nome que o meu pai me deu.’” (UOL, 2018)

Os exemplos são diversos assim como os motivos particulares de cada atleta. Especificamente, no caso dos dois trechos acima, percebe-se nos jogadores Leandro Pereira e Lucas Moura uma atitude, minimamente, madura ao tentar se dissociar dos apelidos infantis. No primeiro caso, há a revelação de que o apelido lhe foi dado quando criança e o pedido de que fosse chamado apenas pelo seu sobrenome quando foi contratado em 2015 para atuar pelo Palmeiras. No segundo caso, é revelado que o apelido de *Marcelinho* foi dado ao atleta no período de categoria de base. A implicação do apelido se dá pelo fato de ser o mesmo nome de um ídolo do Corinthians, grande rival do São Paulo. Em comum, estão as escolhas pessoais de serem chamados por prenome e sobrenome em um contexto profissional e em clubes de grande centro do país (Palmeiras e São Paulo), além dos significados que cada apelido anterior ao profissional poderiam apresentar nesses clubes.

Haesbaert (2007, p. 43-46) cita o termo *território* como bastante amplo dentro das ciências humanas, sobretudo nas Ciências Sociais, Antropologia e Ciência Política. Seu levantamento inicial, com relação a este conceito na Geografia, é que seu uso depende muito

da posição filosófica à qual está filiada o pesquisador. No trabalho de Carrión (2017), direcionado às Ciências Sociais, a territorialidade é vista desde a ótica econômica pela qual se desenvolve o futebol desde seus primórdios. Sobre a dimensão territorial desse esporte, o autor a divide em dois espaços: a) *presença mundial*, na qual se situam as grandes instituições e grandes marcas que patrocinam o esporte de forma geoestratégica; b) *diversas origens*, que tem como a sua raiz histórica a “ruralidade”. Referente a este último tópico, Carrión (2017) explica que essa visão se modifica substancialmente com a hegemonia do futebol moderno, que se sustenta pela urbanização desse esporte que, conseqüentemente, implica a transição de uma diversidade de práticas vindas de uma condição rural única para “uma nova visão que se posiciona de maneira exclusiva na cidade” (CARRIÓN, 2017, p. 342-343).

A *nova economia*, como explica o autor, surge no terceiro momento chave para a mundialização do futebol pelo contexto da globalização do esporte nos anos 90. Com a sua expansão, o mecanismo de integração entre os continentes foi o mercado, como cita de forma crítica para referir-se aos novos modelos regionais de dar seqüência às práticas mercantilistas de gestão da FIFA. A partir dessa nova geopolítica do futebol, Ásia, África e América Latina, segundo Carrión (2017, p. 346-348) se tornam os exportadores enquanto que a Europa e algumas regiões emergentes como o México, Estados Unidos, China e países árabes se tornam importadores. Conseqüentemente, diante dessa nova realidade, é natural a concentração de recursos e êxitos esportivos tanto continentais como dentro dos próprios países que têm os torneios mais poderosos, como Espanha, Alemanha e Inglaterra.

Como resultado desse agrupamento nos grandes centros europeus, é razoável que o jogador brasileiro de futebol, que vive a realidade do futebol latino-americano, se molde para uma carreira internacional que, além da rentabilidade financeira, lhe pode trazer visibilidade, em conseqüência do prestígio que se dá a esse mercado. Igualmente, como o próprio Carrión explica, os grandes mercados não se limitam aos grandes centros continentais do exterior, mas, também, internamente. No Brasil, conforme se apresentam os dados de Araújo *et al.* (2005, p. 226), os grandes centros econômicos estão localizados no sul e no sudeste. Tendo em vista que nessas duas regiões os clubes têm maior poder aquisitivo em relação aos demais, conseqüentemente tornam-se um polo para atrair jogadores.

Rodrigues (2004, p. 265-266) explica que o mundo moderno criou conhecimentos, normas, técnicas e discursos que são operadores e legitimadores do controle do corpo, os



quais também podem ser relacionados ao esporte. Essa associação o torna parte da sociedade contemporânea e isso se reflete nas identidades sociais modernas que se constroem em torno do corpo. Embora seu trabalho não mencione, especificamente, os antropônimos, a ideia de identidade a partir do corpo também passa pelos nomes próprios de pessoa, sendo um elemento indissociável do indivíduo. Em outros termos, a orientação profissional que é direcionada aos jogadores pode repercutir no uso profissional de seu nome.

A comparação que se faz sobre o desaparecimento do jogador-operário e o surgimento do jogador útil para a sociedade contemporânea é significativa até nos antropônimos. Se antes jogadores como Garrincha, Tesourinha, como bem citados pelo autor, e que têm como identidade seus apelidos, reproduziam o estereótipo de jogadores varzeanos, que recebiam baixos salários e algumas gratificações, o profissionalismo de hoje forma o jogador em escolinhas, clubes, sendo ele “disciplinado, alvo de controle, disciplina e poder” (RODRIGUES, 2004, p. 267).

Considerando as características citadas que diferenciam os nomes pertencentes ao registro civil dos que não são pertencentes, as observações de Rodrigues são relacionáveis ao fenômeno que se investiga neste trabalho. Se por um lado o uso de nomes do registro civil possui o status de formal para “assuntos oficiais” (TRAPERO, 1996, p. 351), os que não pertencem, como no caso dos apelidos, correspondem ao contexto mais íntimo de grupos sociais, como nos ambientes profissionais. Nos trabalhos da sócio-onomástica publicados por Van Langendonck (2007) e Trapero (1996) os grandes centros urbanos, em comparação com os espaços rurais, são observados por um decréscimo do uso de apelidos, sendo esses mais presentes nos meios rurais.

Entender o futebol atual como “agente civilizador”, de acordo com as explicações de Rodrigues (2004, p. 268), resulta desafiador, uma vez que é necessário observar como os “jovens atletas incorporam o conjunto de normas, regras e formas de relações sociais estabelecidas no clube”. Tais atribuições correspondem ao conceito de comunidade de prática de Meyerhoff (2004), que se caracteriza pelo engajamento social em torno de uma atividade. Ampliaremos essa explicação na seção destinada à metodologia.

## 2 METODOLOGIA

Neste capítulo, explicamos os procedimentos adotados para a realização desta pesquisa. Como foi abordado no início do trabalho, visamos analisar a variação e mudança linguística dos antropônimos dos jogadores brasileiros de futebol. Para tal finalidade, foi necessária a criação de uma nova classificação. Primeiro, explicaremos a criação da categoria *nome de jogo*, com base em exemplos encontrados na antroponímia brasileira relacionados aos objetos do nosso trabalho. Consecutivamente, ampliamos o conceito de *comunidade de prática* em que esses nomes serão analisados. Em seguida, abordaremos conceitos metodológicos na investigação sociolinguística e quais variáveis se relacionam com nosso objeto investigado. Nesta parte, daremos maior ênfase à variável idade, pois entendemos que esse fenômeno também se relaciona com o fator geracional. Para tal fim, apresentaremos um recorte do corpus para analisar. Por último, apresentamos o modo como foi constituído o *corpus*, o motivo de escolher o Campeonato Brasileiro como referência de seleção dos nomes e as fontes de dados das quais obtivemos as informações.

### 2.1 Classificação tipológica: o nome de jogo

Conforme o tema exposto no início do trabalho, nosso objeto são os nomes próprios de jogadores em usos profissionais, usualmente, nas escalões dos seus respectivos clubes, ao que classificamos como *nome de jogo*. Isto é, entende-se o uso desses antropônimos pela forma como atendem os atletas, diferentemente daqueles que obedecem à nomenclatura do registro civil no português brasileiro, como explicado por Amaral e Seide (2020). Dessa forma, segundo a literatura, os nomes que pretendemos analisar são classificados como não pertencentes ao registro civil.

Especificamente, em nosso objeto de análise observamos características que os distinguem em alguns aspectos dos *pseudônimos*, *codinomes*, *heterônimos*, *nomes de guerra*, entre outros, que são desta mesma classificação. Sobre os antropônimos analisados (nomes de jogo), em alguns casos, observam-se elementos de registros civis. Como exemplo, o quadro 2 apresenta um recorte de nomes presentes em nosso *corpus*, sendo o nome civil o suposto nome completo do atleta e ao lado seu nome de jogo que é a forma pela qual o atleta atende

profissionalmente:

**Quadro 3** - Exemplos de nomes do registro civil e de respectivos nomes de jogo

Nome civil	Nome registrado/ escalado
<b>Diego Ribas</b> da Cunha	Diego Ribas ou Diego
<b>Renato</b> Soares de Oliveira <b>Augusto</b>	Renato Augusto
<b>Diego</b> de <b>Souza</b> Andrade	Diego Souza
<b>Gustavo</b> Henrique Furtado <b>Scarpa</b>	Gustavo Scarpa
<b>Marcelo Lomba</b> do Nascimento	Marcelo Lomba

Fonte: autoria própria.

Essa peculiaridade profissional dos nomes que aparecem nas escalações dos times e que, neste trabalho, classificamos como *nomes de jogo*, é semelhante às características dos nomes artísticos que “corresponde com o antropônimo empregado por um indivíduo em lugar do seu nome civil e pelo qual se faz conhecido em sua atividade profissional” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 88-89). Como bem exemplificam Amaral e Seide, esses nomes podem ter ou não relação com o nome civil.

Os autores também reconhecem que a formação de novos antropônimos é muito comum no meio esportivo, principalmente no futebol, que revelou, em nossa história recente, hipocorísticos famosos como *Kaká*, *Ronaldinho*, entre outros. Além disso, também é reconhecido por esses teóricos a necessidade de maiores estudos diante da gama de prenomes, sobrenomes, agnomes, apelidos e hipocorísticos utilizados neste meio. Deste modo, nossa dissertação tenta preencher esta lacuna por meio da criação de uma categoria que compreenda este uso profissional no futebol.

Como explicamos anteriormente, os usos desses tipos de nomes também aparecem em outros esportes. Contudo, este trabalho atém-se, apenas, à modalidade do futebol.

## 2.2 O conceito metodológico da comunidade de prática

Considerando que o trabalho analisa o uso profissional dos antropônimos de jogadores brasileiros de futebol, julgamos o conceito *comunidade de prática* como o mais adequado

para a nossa metodologia, que se baseia na tipologia *nomes de jogo* para a sua análise.

Meyerhoff (2004), inicialmente, para uma melhor definição deste conceito, revisou os trabalhos de Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 464), que definiram esta comunidade como “agregado de pessoas que se reúnem em torno do envolvimento mútuo em determinada atividade em que as práticas surgem no curso deste esforço mútuo”<sup>5</sup>. De forma mais detalhada, na revisão do trabalho de Wenger (1998), a autora entende o uso da comunidade de prática como a mais aceitável para estudar a dualidade de participação e reificação.

Em termos gerais, a compreensão que se faz dessas revisões é que a essência dessa comunidade, em seu caráter metodológico, se baseia em analisar o indivíduo inserido em uma atividade social. Isto é, admite-se que ele possui uma identidade linguística que é apropriada ao seu grupo. Exemplos de atividades sociais como grupos religiosos, artísticos, esportivos, laborais, entre outros, podem ser entendidos como comunidades nas quais os indivíduos se expressam ou atuam de forma distinta de quando estão entre familiares ou amigos.

Sobre a variação situacional, Ainiala (2016, p. 377-378) observa a existência de graus de formalidade com que são empregados certos tipos de nomes. A autora explica que em situações oficiais as pessoas tendem a usar a linguagem mais padrão, enquanto que em comunicações familiares, por exemplo, seu uso é mais livre. Essa avaliação, para critérios metodológicos, é importante, pois o objeto que analisamos leva em conta seu uso profissional.

Uma das diferenças da comunidade de prática, segundo Meyerhoff (2004, p. 531), em relação à comunidade de fala (LABOV, 2008[1972]) é seu aspecto abrangente por compreender que o indivíduo não se limita apenas a uma identidade social. É possível analisá-lo como se molda em outros vínculos sociais. Vanin (2009, p. 150-152) a conceitua como um dos microníveis da comunidade de fala, dada a sua extensão de análise, por, também, entender que há heterogeneidade entre as comunidades “e a relação indivíduo, língua e sociedade têm valor primordial para as análises” nas concepções recentes da Sociolinguística.

Para esse tipo de estudo, Meyerhoff (2004, p. 527-528) enumera três critérios que devem ser considerados:

- I. *Engajamento mútuo*: Os membros precisam estar juntos para se engajarem em suas práticas compartilhadas. Destaca-se a periodicidade rotineira, seja ou não

---

<sup>5</sup> No original: “is an aggregate of people who come together around mutual engagement in an endeavor. . . . practices emerge in the course of this mutual endeavor” (1992a: 464) (tradução nossa).

harmoniosa.

- II. *Empreendimento negociado em conjunto*: Os membros dessa comunidade se unem por uma causa em comum. Há alguma circularidade envolvida e a criação de uma relação de responsabilidade mútua entre os participantes em torno da realização de um propósito específico.
- III. *Repertório compartilhado*: São o resultado cumulativo de negociações internas (linguísticas ou não). A análise pode focar nas variáveis que os membros de uma comunidade de prática estão negociando, como concentrar nos resultados das negociações dos membros participantes.

Dos critérios apresentados por Meyerhoff, é possível relacioná-los a uma equipe de futebol, pois entendemos que se trata de um trabalho em equipe, em que: (I) se compartilham práticas de forma rotineira; (II) o objetivo em comum desta equipe é o sucesso através de campeonatos conquistados; (III) se desenvolvem estratégias internas para atingir metas.

Apesar de ressaltar a importância de se ter esses critérios estabelecidos, Meyerhoff (2004, p. 530-531) adverte para o risco de superficializar a análise e definir como a “constituição de uma categoria social”. Na sua avaliação, esse equívoco resultaria em um distanciamento em relação às noções de grupos (teoria intergrupala) ou estratos da comunidade de fala, perda do poder explicativo de uma comunidade de prática, além da sua separação de seus objetivos sociais sensíveis. Para a autora, os indivíduos podem pertencer ou participar de distintas comunidades de prática e seus membros são mutuamente constitutivos. Nessa relação, o tipo de papel que eles cumprem refletirá em parte de sua história pessoal e objetivos, que também são objetivos do grupo ao que se está engajado conjuntamente nessas práticas.

Com relação aos jogadores de futebol, as características dessa comunidade se manifestam nas rotinas de concentração, treinos, viagens e jogos, em que os objetivos estabelecidos são as vitórias e conquistas de títulos importantes. Isto é, há um engajamento que os faz trabalhar em grupo em prol de grandes objetivos. No entanto, o fato de estarem inseridos nessa comunidade de prática não significa que eles não possam exercer outras atividades sociais, como por exemplo os que se dedicam às atividades religiosas além da carreira de jogador.

### 2.3 A investigação sociolinguística e as variáveis sociais

Moreno Fernández (2009, p. 39-40) argumenta que a investigação sociolinguística tem permitido conhecer as variáveis sociais que influenciam a variação linguística, considerando que o uso linguístico ocorre em contextos sociais, ainda que seja de forma específica em cada comunidade. Por causa da sua heterogeneidade e incidência de como esses fenômenos acontecem, é considerado impossível saber de antemão quais tipos de variáveis sociais irão atuar sobre elementos linguísticos, em decorrência da atuação de diversos fatores sociais.

Essa observação expõe o valor de se realizar um trabalho que se dedica em apontar, de forma científica, a possível diminuição do uso de apelidos e de hipocorísticos nos antropônimos de jogadores brasileiros de futebol. Por mais que seja perceptível essa probabilidade, sobretudo pelos questionamentos do jornalismo esportivo especializado, não se observa uma resposta que expresse de forma técnica esse fenômeno.

No âmbito linguístico, a própria nomenclatura que se utiliza, popularmente, como *apelido* raramente o distingue do *hipocorístico*. Quando há esforço, encontramos este último categorizado como *nome familiar*, de acordo com a matéria de Nóbrega (2018). Inclusive, essa é uma das características dos hipocorísticos (BAJO PÉREZ, 2002), que podem, também, aparecer sob formas abreviadas dos nomes próprios. Referente aos fatores extralinguísticos, diversas motivações podem estar influenciando na ocorrência desse fenômeno. Os trabalhos de Rodrigues (2004, 2010) abordam questões sociológicas que passam pela mudança na formação dos atletas às leis que favoreceram o acesso aos mercados internacionais. A gama de fatores ainda pode passar por fatores geracionais, entre outros.

Partindo dessas possibilidades diversas, Moreno Fernández destaca que os fatores sociais não são iguais em todas as comunidades. É provável que em algum lugar a idade tenha maior poder de determinação sobre a língua, como também o nível econômico provoque maiores diferenças linguísticas e sociais, etc. Diante dessa complexidade, se recomenda, para este tipo de investigação, um conhecimento prévio das variáveis sociais mais relevantes que podem influenciar na língua.

Como viemos discutindo ao longo do trabalho, há indícios de que a mudança do perfil antroponímico dos jogadores brasileiros de futebol esteja atrelada às exigências do mercado e é percebida nas gerações mais recentes de atletas, conforme as matérias jornalísticas a respeito desta temática. Labov (2008[1972], p. 21) afirma que não se pode entender o

desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Em outras palavras, de acordo com o teórico, as pressões sociais sempre estarão operando sobre a língua. Sobre essa afirmativa, Coelho *et al.* (2005, p. 19-20) definem os *condicionadores* como fatores influentes na forma de um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala.

Dado que o foco do nosso trabalho é o uso profissional do antropônimo e sua variação, optamos por entender, a partir da explicação dos *condicionadores*, como ele atua dentro da comunidade de prática. Portanto, abordaremos esse conceito considerando os fatores externos em torno da mudança. Entre as variáveis extralinguísticas mais significativas, destacamos a idade e a classe social.

### 2.3.1 Idade

Moreno Fernández (2009, p. 47) conceitua a idade como um dos fatores sociais que podem, com maior força e clareza, determinar os usos linguísticos de uma comunidade. O autor atribui essa explicação ao fato de que a idade é um fator constante e que não necessariamente se vê afetada pelas mudanças socioeconômicas, de atitudes ou de organização, ao contrário das variáveis classe social e gênero. Acrescenta que, à medida que o tempo transcorre, ela vai determinando, modificando o caráter e os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e os puramente linguísticos. Por essa razão, conclui-se que é possível distinguir a vida linguística de um indivíduo em distintas etapas, ainda que não haja uma unanimidade de quais e como elas se caracterizam.

Embora a idade atue com intensidade nas mudanças linguísticas de determinadas comunidades, como explica o autor, é possível questionar se este evento não tenha, também, influência econômica. Piovezani (2012) observa, por exemplo, a globalização como responsável pela mudança do perfil antroponímico do jogador brasileiro. Aldrin (2017) explica o comportamento dos pais ao nomearem os seus filhos como um modo de projeção social, que pode ter relação com o fator econômico.

Com relação às escolhas profissionais e o uso de sua linguagem, Moreno Fernández (2009, p. 57-58) cita o conceito de *mercado linguístico*, com base nos estudos de Sankoff e Laberge (1978). Como o fenômeno que investigamos pode estar atrelado a uma preocupação mercadológica, ampliaremos este conceito dentro da variável classe social.

No que se refere à variável idade, o nosso estudo tem como base as escalações de times participantes do Campeonato Brasileiro de 1991, 2001, 2011 e 2021 na Série A (Primeira Divisão). Apoiados nesses anos selecionados para o nosso *corpus*, inferimos que as faixas etárias são, majoritariamente, de jogadores nascidos entre os anos 1950 e 2000. Para exemplificar o método como classificamos a idade do jogador para avaliar esse fenômeno, apresentamos o quadro 4.

**Quadro 4** - Classificação da variável idade dos jogadores brasileiros

<b>Data de nascimento do jogador</b>	<b>Década equivalente</b>	<b>Classificação da variável idade</b>	<b>Exemplo de nome de jogo</b>
23/11/1957	1951-1960	Anos 50	Apelido
07/01/1963	1961-1970	Anos 60	Hipocorístico e apelido
22/03/1974	1971-1980	Anos 70	Prenome composto e sobrenome

Fonte: autoria própria.

Os dados apresentados no quadro 1 são apenas exemplos de como realizamos os procedimentos metodológicos para entender se há a influência significativa do fator geracional na alteração do perfil antroponímico dos jogadores brasileiros de futebol, ou seja, não necessariamente representa a data de aniversário de algum nome de jogo selecionado para o nosso corpus. Desse modo, a data de nascimento do jogador nos remete à década em que ele nasceu e, conseqüentemente, a classificação *anos 60*, *anos 70*, *anos 80*, entre outras, atenderá a sua época de nascimento e com qual nome de jogo profissional o atleta atende.

Com o objetivo de termos um parâmetro da sua atuação no futebol brasileiro, a metodologia tomou como base os cinco melhores times classificados para o Ranking Nacional de Clubes 2022 (CBF, 2021): Flamengo, Palmeiras, Atlético Mineiro, Grêmio e Athletico Paranaense. A escolha desse critério se deve ao fato de terem sido clubes presentes na Série A dos anos de 1991, 2001, 2011 e 2021, que são os eventos selecionados para este trabalho. Outro ponto que pode auxiliar em um resultado satisfatório dessa variável é que, embora tenham sido classificados como os cinco melhores em pontuação geral do futebol nacional, em 2021, não significa que tenham sido os melhores clubes em todos os campeonatos selecionados. Isto é, o poder de investimento financeiro dos clubes pode ter variado de



campeonato para campeonato, o que impacta na possibilidade de melhores contratações de jogadores. Conseqüentemente, é possível que esse contexto tenha imposto a busca por atletas mais modestos. Sobre este tema, ampliaremos na seção de discussão e análise dos resultados.

### 2.3.2 Classe social

Especificar sobre a classe social de um jogador de futebol, sobretudo no contexto brasileiro, é bastante amplo e complexo. Se entendemos o futebol como uma melhora da vida financeira de cada atleta, a lógica se deve ao baixo poder econômico do qual boa parcela de jogadores saiu, socioeconomicamente, antes do profissionalismo. Contudo, se considerarmos os altos rendimentos salariais que ganham jogadores de grandes equipes, torna-se impossível classificá-los numa realidade de pobreza.

Moreno Fernández (2009, p. 56-57) relembra que o uso do conceito de classe social é estudado com abrangência na Sociologia. Cita Marx e Weber como precursores dessa teoria, que analisa a diferenciação de classes em função da produção do capital, os meios de produção e que essas respondem de acordo com as suas possibilidades e oportunidades dentro do mercado.

Sankoff e Laberge (1978, p. 239-240) problematizam essa estratificação no mercado laboral. Na avaliação dos autores, graças ao estudo feito com o francês de Montreal, correlacionar diretamente o comportamento linguístico com o pertencimento a uma classe social não é um procedimento interessante, uma vez que determinadas profissões (professores, atores, recepcionistas) tendem a falar uma variedade mais padronizada do que outras pessoas de posição social ou econômica similar.

Baseados nos estudos de Bourdieu e Boltansky (1975), os autores adaptaram o conceito de *mercado linguístico* para contemplar uma análise ampla aos indivíduos inseridos na atividade econômica. Inicialmente, segundo a sua explicação, essa pode parecer uma noção relativamente fácil de operacionalizar. Os falantes poderiam ser agrupados de acordo com a ocupação. O exemplo que se dá é que valores altos poderiam ser atribuídos àqueles que trabalham nas áreas de educação, literatura, política e administrativa. Isto é, essa classe laboral pode ter um domínio mais culto do uso da língua. Em contraste, os valores baixos são atribuídos àqueles que se supõe não terem o domínio da variedade culta. São aqueles trabalhadores estigmatizados em cargos de baixo prestígio profissional. Se considerarmos o

contexto atual do Brasil, é provável que trabalhadores de serviços gerais, pedreiros e outros que exercem funções de menor remuneração estejam classificados nessa estratificação proposta pelos autores.

Embora essa abordagem sugira que determinada profissão possa moldar a fala de um indivíduo e, conseqüentemente, estratificar socialmente o seu uso linguístico, é reconhecida a sua limitação por uma gama de razões relacionadas, pois o conceito busca classificar indivíduos, não ocupações. Sobre isso, Moreno Fernández (2009, p. 57) acrescenta que o conceito deve ser trabalhado com cautela, justamente pela dificuldade de demonstrar a objetividade dos procedimentos seguidos para assinalar a cada falante um índice de integração no mercado linguístico, além do possível juízo de valor emitido sobre as profissões.

A estratificação social no futebol se difere em relação ao conceito mercado linguístico, pois, simultaneamente, trata-se de uma atividade esportiva e que está inserida no contexto profissional. Entretanto, é perceptível que equipes que têm maior poder de investimento podem oferecer melhores salários em comparação às outras equipes de investimentos inferiores. Outra complexidade é a heterogeneidade salarial dentro de um mesmo plantel, ou seja, na mesma equipe, um jogador que desempenha a mesma função tem salário diferente, o que geralmente não ocorre em outras profissões. Ademais, um jogador pode atuar em diferentes equipes, de níveis de investimentos distintos.

Discutir classe social, através do conceito de mercado linguístico, como bem disse Moreno Fernández, requer cautela. Embora essa noção aborde profissões e, logo, o lado econômico como influente no aspecto do uso da linguagem, a análise pode ser subjetiva. Referente aos antropônimos dos jogadores, que é o objeto do nosso estudo, resulta impossível afirmar a classe social como um fator determinante no nome do atleta. Além disso, nem sempre essa variável está atrelada ao econômico, do ponto de vista financeiro, mas, muitas vezes, está associada ao acesso a bens culturais (livros, bibliotecas, cursos, etc.).

Araújo Jr. *et al.* (2000, p. 226), em seu trabalho, discute as disparidades econômicas que favorecem o sucesso de clubes de regiões mais privilegiadas economicamente. Essa observação sugere que times que recebem maior investimento têm maiores possibilidades de ganhar campeonatos ou estabelecerem prioridades ao longo de uma competição (ARTUSO, 2007). Conseqüentemente, esse fator facilita a contratação de jogadores mais qualificados e bem avaliados no mercado do futebol.

Para a análise dessa variável, o critério foi comparar clubes em contextos de série A e

B, tomando como base os anos de 2011 e 2021, que são utilizados como contrastes e que podem fornecer um indicativo dessa diferença financeira, uma vez que um clube inserido em uma divisão inferior geralmente recebe menos que na elite do futebol brasileiro. Abordaremos na seção 2.4 o motivo da escolha do campeonato e as diferenças financeiras existentes entre as duas divisões.

#### **2.4 O Campeonato Brasileiro como evento motivador da montagem do *corpus***

Moreno Fernández (2009, p. 311) fundamenta que, em um trabalho sociolinguístico, quando se decide reunir informação linguística de um grupo social ou de uma comunidade de fala, se intui que está decidido o universo ou população sobre a que se quer investigar. Esse processo ao qual se toma a decisão de trabalhar apenas com uma parte da população, segundo o autor, se denomina como amostra. Como o nosso estudo versa sobre o uso linguístico profissional dos antropônimos de jogadores brasileiros de futebol e não a sua fala, definimos que a análise é feita sob o conceito da comunidade de prática.

Com efeito, a escolha do Campeonato Brasileiro de futebol, como critério metodológico, se deve à sua relevância como evento esportivo nacional nesta modalidade e por reunir boa quantidade de participantes de uma comunidade de prática. Antecipadamente, esclarecemos que o uso desse campeonato, em nosso trabalho, é somente uma referência para delimitarmos os nomes que analisamos nesta comunidade, pois a seleção dos clubes e, conseqüentemente, antropônimos dos atletas, têm relação direta com a participação dos envolvidos nos anos em que foram realizados esse torneio. Em outras palavras, o Campeonato Brasileiro nos serviu para elencar times participantes e, desse modo, incluímos em nosso *corpus* os nomes de atletas que constavam nos plantéis, tais como constam em nossas fontes de dados.

O debate em torno do nome do campeonato (Taça Brasil, Roberto Gomes Pedrosa, Campeonato Brasileiro, Copa João Havelange, etc.) é amplo, pois são reconhecidas as diversas transformações nos modelos de disputa, que incluem unificação de títulos nacionais prévios ao ano de 1971 (TAKAHASHI; MILESI; ALMEIDA, 2011) e mudanças durante décadas com vistas à sua “modernização” (FERREIRA, 2018), até o formato de pontos corridos (BASTOS, 2018).

Uma fórmula que pode ser aplicada para a diminuição desse tipo de polêmica é a

observação proposta por Takahashi, Milesi e Almeida (2011), que discutem a *finalidade* e a *representatividade* desse torneio. Isto é, são certames que, além de premiar campeões com acessos aos torneios continentais (Libertadores), seguem sendo representativos pelo número de estados brasileiros participantes.

Outro ponto levado em conta para a sua escolha é a consolidação do formato de disputa desde 2006 para a Série A e a Série B, contendo 20 clubes em cada uma, que o tornou mais homogêneo quanto a quantidade de clubes, classificações, ascensos e descensos entre si, em comparação com décadas anteriores. Esse recente formato, por exemplo, nos possibilita uma análise comparativa para averiguar se o mesmo fenômeno que ocorre na Série A (Primeira Divisão) acontece na Série B (Segunda Divisão) com relação aos antropônimos usados pelos jogadores.

Inicialmente, selecionamos o período de 1991 a 2021 para a análise dos *nomes de jogo* em clubes da Série A. A partir desse recorte, escolhemos os primeiros anos de cada década para construirmos o nosso *corpus* que está composto pela seleção dos anos 1991, 2001, 2011 e 2021. Justificamos esse critério por acreditarmos que o início de uma década possa marcar o início de uma nova geração. Como abordado sobre as variáveis extralinguísticas, o fator geracional pode influenciar na mudança de uma língua. Outro aspecto que propicia essa metodologia é o curto tempo de carreira profissional de um jogador (AMARAL; THIENGO; OLIVEIRA, 2007).

Posteriormente, efetuamos o mesmo critério para os anos de 2011 e de 2021 da Série B com vistas a comparar esta década com os clubes da Série A. Como informado nos objetivos gerais e específicos deste trabalho, pretendemos, além de analisar o fenômeno citado na elite do futebol nacional, compará-lo com as ocorrências da divisão inferior, tendo esta última década como recorte, de modo a observar se a hipótese de que a possível redução de apelidos e hipocorísticos estão relacionados com mercados de maior prestígio. Com base nas informações apresentadas pelo site *Transfermarkt*, no dia 15 de junho de 2022, há uma disparidade de valores de mercado entre os dois torneios, sendo a Série A<sup>6</sup> avaliada em

---

<sup>6</sup> Informação de valor aproximado, uma vez que, dadas as saídas e chegadas de jogadores em transferências, o valor é modificado constantemente. Além disso, a página *Transfermarkt* fornece uma estimativa de valores de mercado, visto que os contratos de jogadores costumam ser sigilosos e, portanto, não se sabe o verdadeiro valor. TRANSFERMARKT. Mercado de transferências, rumores, valores de mercado e notícias. *Transfermarkt*. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/campeonato-brasileiro-serie-a/marktwerte/wettbewerb/BRA1>. Acesso em: 15 jun. 2022.

aproximadamente 1,20 bilhões de euros e a Série B<sup>7</sup> aproximadamente em 259 milhões de euros. Essas variáveis socioeconômicas podem condicionar os resultados.

A seguir, exibimos duas tabelas, respectivamente das séries A e B, que mostram os clubes aos quais pertencem os nomes de jogo analisados:

**Tabela 1 - Série A - 1991 a 2021**

ANO	CLUBES	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES
1991	Atlético Paranaense, Atlético Mineiro, Bahia, Botafogo, Bragantino, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Goiás, Grêmio, Internacional, Náutico, Palmeiras, Portuguesa, São Paulo, Santos, Sport, Vasco, Vitória	20
2001	América Mineiro, Atlético Paranaense, Atlético Mineiro, Bahia, Botafogo, Botafogo (SP), Corinthians, Coritiba, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Gama, Goiás, Grêmio, Guarani, Internacional, Juventude, Palmeiras, Paraná, Ponte Preta, Portuguesa, São Caetano, São Paulo, Santa Cruz, Santos, Sport, Vasco, Vitória	28
2011	América Mineiro, Atlético Paranaense, Atlético Goianiense, Atlético Mineiro, Avaí, Bahia, Botafogo, Ceará, Corinthians, Coritiba, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Figueirense, Grêmio, Internacional, Palmeiras, São Paulo, Santos	20
2021	América Mineiro, Atlético Paranaense, Atlético Goianiense, Atlético Mineiro, Bahia, Bragantino, Ceará, Chapecoense, Corinthians, Cuiabá, Flamengo, Fluminense, Fortaleza, Grêmio, Internacional, Juventude,	20

<sup>7</sup> Informação de valor aproximado, uma vez que, dadas as saídas e chegadas de jogadores em transferências, o valor é modificado constantemente. Além disso, a página Transfermarkt fornece uma estimativa de valores de mercado, visto que os contratos de jogadores costumam ser sigiloso e, portanto, não se sabe o verdadeiro valor. TRANSFERMARKT. Mercado de transferências, rumores, valores de mercado e notícias. *Transfermarkt*. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/campeonato-brasileiro-serie-b/marktwerte/wettbewerb/BRA2>. Acesso em: 15 jun. 2022.

	Palmeiras, São Paulo, Santos, Sport	
--	-------------------------------------	--

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 2 - Série B - 2011 a 2021**

ANO	CLUBES	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES
2011	ABC, Asa, Boa Esporte, Bragantino, Duque de Caxias, Criciúma, Goiás, Grêmio Prudente, Guaratinguetá, Guarani, Icasa, Náutico, Paraná, Ponte Preta, Portuguesa, São Caetano, Salgueiro, Sport, Vila Nova, Vitória	20
2021	Avaí, Botafogo, Brasil de Pelotas, Brusque, Confiança, Coritiba, CRB, Cruzeiro, CSA, Goiás, Guarani, Londrina, Náutico, Operário, Ponte Preta, Remo, Sampaio Corrêa, Vasco da Gama, Vila Nova, Vitória	20

Fonte: elaboração própria.

## 2.5 Fontes de dados e configuração do *corpus*

A escolha dos sites *O Gol* e *Transfermarkt* como fontes de dados foi de suma importância para a configuração do *corpus* por mostrarem informações que são relevantes para os objetivos deste trabalho. São exemplos: nomes completos, datas de nascimento e valores aproximados de mercado (passe e salário do jogador). Obviamente que, por tratar-se de informações tão sensíveis, avaliamos como as que mais se acercam da realidade e que atendem os nossos objetivos.

Sobre o site *O Gol*, inicialmente optamos pela sua utilização por comportar escalções mais antigas dos times, assim como o histórico de cada jogador. Com essas informações foi possível ampliar o recorte para uma época em que, talvez, não se discutisse o fenômeno da mudança no perfil antroponímico dos atletas. Com relação ao site *Transfermarkt*, sua escolha

se deve às informações mais recentes de clubes e dados pessoais dos jogadores. Seu diferencial, e que favorece a análise de outras variáveis, é a exibição do valor de mercado de cada jogador.

O modo como configuramos o *corpus* foi a partir da relação de times que disputaram cada campeonato, tal como consta nas tabelas 1 e 2. Feita a seleção, armazenamos os dados por *links* correspondentes a cada time selecionado nas planilhas do Excel, catalogando pelos respectivos anos e de acordo com o recorte escolhido. Com as informações colhidas, acessamos e criamos outra planilha para armazenar os nomes de jogo de cada time. A tabela 3 apresenta a quantidade de nome de jogo colhida nas séries A e B:

**Tabela 3** - Nomes de jogo da Série A e B (1991 - 2021)

Ano/Série campeonato	Quantidade de nomes de jogo
1991 A	734
2001 A	1389
2011 A	1017
2021 A	1010
2011 B	1036
2021 B	1008
Total	6194

Fonte: autoria própria

A quantidade de *nomes de jogo* por cada ano de campeonato alterna pelo motivo de não ter um padrão de número de inscritos por plantel. Inclusive, a incidência de repetição de nomes dos mesmos atletas atuando por duas ou três equipes distintas, em um mesmo ano, reflete essa despadronização que, possivelmente, é justificada pelas transferências ao longo do ano. Vejamos no quadro 5, alguns exemplos de nomes de jogadores que constam em equipes distintas no ano de 1991:

**Quadro 5** - Exemplos de nomes de jogadores em equipes distintas

Nome de jogo	Clube
Mário Tilico	São Paulo e Cruzeiro
César Sampaio	Santos e Palmeiras
Válber	Botafogo e Fluminense

Fonte: O Gol.

Os exemplos do quadro 5, embora poucos, refletem a possibilidade de uma transferência do jogador para um clube adversário ao longo da temporada e também é provável esse tipo de repetição nos outros anos selecionados, uma vez que não há restrições para esse tipo de negociações durante o ano. Considerando os nomes que constam nessas escalações, o foco central do trabalho não justifica a necessidade de discriminá-los. Como advertimos no início, a escolha do Campeonato Brasileiro tem razão por servir de padrão para selecionar clubes e, apoiado nesses, obtermos os nomes de jogo que são o objeto de análise do nosso trabalho. Em função disso, é compreensível que um mesmo jogador tenha atuado por outras equipes no mesmo ano e apareça, simultaneamente, nos plantéis analisados.

Os nomes foram coletados dos sites *O Gol* e *Transfermarkt*. A escolha dessas fontes de dados se fundamenta pelo perfil que disponibilizam dos atletas e dos clubes. Dada a dificuldade em acessar os dados oficiais (certidões) de jogadores, é importante justificarmos que a categoria *nomes de jogo* é a forma pela qual o atleta atende, profissionalmente, em uma escalação do plantel ou como ele é divulgado nos meios de comunicação (jornais, narrações radiais, televisivas, redes sociais, etc.). Para exemplificar essa distinção entre o nome pelo qual o atleta atende profissionalmente e o seu nome completo nesses sites, vejamos o quadro 6.

**Quadro 6** - Distinção entre nomes de jogo e nomes completos dos sites

Nomes de jogo	Nomes completos dos jogadores
Zetti	Armelino Donizetti Quagliato
Evair	Evair Aparecido Paulino
Hulk	Givanildo Vieira de Souza
Rafael Sóbis	Rafael Augusto Sóbis do Nascimento
Roberto Carlos	Roberto Carlos da Silva Rocha



Fonte: O Gol e Transfermarkt.

Os exemplos do quadro 6 mostram, de maneira objetiva, a diferença entre os nomes de jogo, objeto deste trabalho, e os nomes completos que são disponibilizados pelos sites como possíveis nomes de registro civil dos atletas. Desse modo, nomes como *Zetti*, *Evair*, *Rafael Sóbis* e *Roberto Carlos*, que são partes de seus nomes completos, podem vir a ser classificados, respectivamente, como hipocorístico, prenome simples, prenome e sobrenome e prenome composto. Diferentemente, *Hulk* pode ser entendido como motivação externa ao nome de registro civil, classificado como apelido pelo seu porte físico.

Outro fator que contribuiu para a montagem do *corpus* diz respeito à discriminação das nacionalidades. Ainda que em porcentagem mínima, diversos clubes apresentaram jogadores estrangeiros em seus elencos. Outra porcentagem menor, também, são de atletas com dupla nacionalidade. Como o nosso trabalho trata sobre a antroponímia brasileira, consideramos apenas jogadores nascidos no Brasil ou que, com dupla nacionalidade, o nascimento tenha sido no Brasil.

Dessa forma, os nomes são classificados no *corpus* de acordo com Amaral e Seide (2020), considerando nomes que se enquadram no conjunto de antropônimos do registro e os não pertencentes ao registro civil. Como neste trabalho o foco está nos nomes de jogo, isto é, o nome que o atleta utiliza profissionalmente, a classificação é elaborada com base na configuração que adquire seu nome profissional a partir do registro civil. No quadro 7, indicamos exemplos de como se estabelece esta classificação.

**Quadro 7** - Exemplos de classificação de nome de jogo

Nome de registro civil	Nome de jogo	Classificação
Marcelo Pereira Surcin	Marcelinho Carioca	hipocorístico e apelido
Carlos Germano Schwambach Neto	Carlos Germano	prenome composto
Raimundo Nonato da Silva	Nonato	sobrenome
Túlio Humberto Pereira Costa	Túlio Maravilha	prenome e apelido

Fonte: elaboração própria.

Conforme os exemplos do quadro 7, a classificação é feita com base no uso do nome de

jogo, embora, também, leve em consideração traços do seu nome de registro civil e que forma o seu uso profissional. Marcelinho é um dos hipocorísticos que se podem utilizar para o prenome *Marcelo* e *Carioca* é um apelido gentílico empregado, genericamente, aos nascidos no estado do Rio de Janeiro. Assim, o nome de Marcelinho Carioca foi classificado como hipocorístico e apelido. Igualmente, para a definição de Carlos Germano como nome de jogo, se considerou apenas o prenome composto, como se apresenta nas escalções.

A partir dessas junções, modificações e elementos externos que deram forma ao uso profissional dos antropônimos dos demais jogadores, nosso corpus apresenta classificações heterogêneas e que serão discutidas na seção de resultados. Os dados foram coletados até o dia 01 de julho de 2022. Levando em conta que os sites em que obtivemos as devidas informações passam por constantes atualizações, nosso trabalho considera as informações arquivadas até essa data para a sua análise e discussão dos resultados no próximo capítulo.

### **3 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS**

Neste capítulo exibiremos os resultados obtidos e suas análises quantitativas e qualitativas dos dados de acordo com os procedimentos metodológicos descritos no capítulo anterior. O capítulo contém seções específicas para as ocorrências encontradas a cada ano referente ao Campeonato Brasileiro. Desse modo, a distribuição será da seguinte forma: seção 3.1 Campeonato Brasileiro A - 1991; seção 3.2 Campeonato Brasileiro A - 2001; seção 3.3 Campeonato Brasileiro A - 2011; seção 3.4 Campeonato Brasileiro A - 2021; seção 3.5 Campeonato Brasileiro B - 2011; seção 3.6 Campeonato Brasileiro B - 2021.

Logo após a análise dos resultados gerais, a seção 3.7 exhibe gráficos de tendências referentes às classificações principais dos nomes de jogo. Para uma melhor divisão das explicações, esta seção se divide em cinco subseções: prenomes simples (subseção 3.7.1), prenome e sobrenome (subseção 3.7.2), prenome composto (subseção 3.7.3), hipocorístico (subseção 3.7.4) e apelido (subseção 3.7.5).

Na seção 3.8 apresentamos uma breve descrição sobre os resultados quantitativos da variável idade dividida em três subseções da seguinte forma: 3.8.1 Flamengo; 3.8.2 Palmeiras; 3.8.3 Atlético; 3.8.4 Grêmio; 3.8.5 Athletico Paranaense.

A seção 3.9 analisa, de forma qualitativa, os resultados encontrados na seção anterior e apresenta os mais expressivos que indicam a possível mudança de perfil antroponímico a partir de determinada década.

Ao todo foram coletados 6.194 antropônimos, que se dividem em classificações heterogêneas de acordo com o uso profissional dos jogadores, distribuídos conforme o quadro 8:

**Quadro 8** - Tipos de antropônimos encontrados nas formas de nome de jogo

<b>Tipos de antropônimos</b>	<b>Variantes que incluem cada tipo de antropônimo</b>
Agnomes	Agnome, agnome e apelido, agnome e hipocorístico, agnome e prenome, agnome e sobrenome
Apelidos	Apelido, apelido e hipocorístico, apelido e prenome, apelido e sobrenome
Desconhecidos	Desconhecido
Hipocorísticos	Hipocorístico, hipocorístico e agnome, hipocorístico e apelido, hipocorístico e prenome, hipocorístico e sobrenome
Prenomes	Prenome e agnome, prenome e apelido, prenome composto, prenome composto e apelido, prenome composto e sobrenome, prenome e hipocorístico, prenome simples, prenome e sobrenome
Pseudônimos	Pseudônimo
Siglas	Sigla, sigla e sobrenome
Sobrenomes	Sobrenome

Fonte: autoria própria.

O quadro 8 apresenta os antropônimos que foram encontrados e as suas variantes. No caso dessas, foram combinações que se formaram de junções com outros antropônimos. São alguns exemplos: *Renato Gaúcho* (prenome e apelido); *Nando Lambada* (hipocorístico e apelido); *Serginho Carioca* (hipocorístico e apelido); *Careca Bianchesi* (apelido e sobrenome); *Zé Carlos* (hipocorístico e prenome); *Carlos Alberto Santos* (prenome composto e sobrenome); *Paulo César Baiano* (prenome composto e apelido); entre outros.

Das categorias apresentadas, de acordo com o que se obteve da coleta, foram acrescentadas as categorias *desconhecidos* e *siglas*. Na categoria *desconhecidos*, estão nomes de jogo cujos traços do nome civil não são possíveis de identificar ou outra motivação externa a este tipo de antropônimo. Tendo em vista a dificuldade de encontrar informações externas às fontes pesquisadas, como também a ausência de dados nos sites dos quais obtivemos

informações referentes aos nomes que compõem o nosso *corpus*, foi criada essa categoria. São exemplos dessas ocorrências nomes de jogadores do Campeonato de 1991 como: *Possi* (nome de jogo) - Ricardo Bezerra da Silva (nome de registro civil) - Náutico (clube); *Tico* (nome de jogo) - Paulo Rogério Alves (nome de registro civil) - Portuguesa (clube).

Com relação às *siglas*, segundo uma das definições encontradas no iDicionário Aulete (AULENTE; VALENTE, [s. d.]), são consideradas “letras iniciais usadas como abreviação em monumentos, moedas, medalhas e manuscritos antigos”. Outras definições como “conjunto das letras iniciais”, “letra inicial ou conjunto de letras iniciais” e “rubrica” são encontradas. Embora a definição não especifique o uso de nome próprio, ao longo do trabalho encontramos ocorrências de jogadores que fazem uso das suas letras iniciais para que seja utilizado como nome de jogo. No Vasco da Gama temos o exemplo do jogador Matheus Nunes Fagundes de Araújo, que atende profissionalmente como MT<sup>8</sup>. Isto é, o jogador faz o uso das consoantes iniciais do seu prenome.

A partir de agora, serão apresentados os resultados da primeira e da segunda divisão por ano.

### 3.1 Campeonato Brasileiro A - 1991

De acordo com a coleta de dados realizada do Campeonato Brasileiro, da série A, do ano de 1991, foram encontrados 734 antropônimos que apresentaram 21 classificações distintas com relação ao nome de jogo. A tabela 4 apresenta a porcentagem dos dados relativos às ocorrências encontradas.

**Tabela 4** - Quantidade e percentual de ocorrências de nome de jogo no Campeonato Brasileiro A - 1991

Tipos de antropônimos (nome de jogo)	Quantidade	Resultado (%)
Prenome simples	237	32,3
Hipocorístico	110	15,0
Prenome e sobrenome	98	13,4

<sup>8</sup> MT é o nome de jogo do jogador Matheus Nunes Fagundes de Araújo da equipe Vasco da Gama. Disponível em: <https://vasco.com.br/perfil/mt/>

Apelido	67	9,1
Prenome composto	64	8,7
Sobrenome	58	7,9
Prenome e apelido	30	4,1
Hipocorístico e apelido	17	2,3
Hipocorístico e sobrenome	10	1,4
Prenome composto e sobrenome	8	1,1
Hipocorístico e prenome	7	1,0
Desconhecido	7	1,0
Agnome	4	0,5
Prenome composto e apelido	4	0,5
Pseudônimo	4	0,5
Agnome e sobrenome	3	0,4
Agnome e apelido	2	0,3
Apelido e prenome	1	0,1
Apelido e sobrenome	1	0,1
Prenome e hipocorístico	1	0,1
Sobrenome e apelido	1	0,1
Total	734	100

Fonte: autoria própria.

Os resultados da tabela 4 apresentam uma preferência maior pelo uso de nome de jogo que se aproxima das características dos nomes de registro civil, em que 32,3% dos jogadores utilizaram o prenome simples. O resultado é o dobro em relação ao hipocorístico, que representa 15% das ocorrências de nome de jogo, ocupando o segundo lugar. A classificação prenome e sobrenome é a que mais se aproxima, com 13,4% das ocorrências, em terceiro lugar. As demais ocorrências não alcançam 10% dos dados coletados para o ano de 1991. Dessa observação, surpreende a baixa ocorrência para classificação apelido (9,1%) entendida por diversas pessoas do meio do futebol como a identidade mais destacável entre os jogadores brasileiros. No que se refere ao Campeonato Brasileiro da série A de 1991, entre as cinco

maiores ocorrências de usos preferenciais de nome de jogo estão as classificações mais associadas aos nomes de registro civil, em que há a predominância do uso do prenome simples e de outras classificações que compartilham elementos deste tipo de registro, como prenome e sobrenome e prenome composto (8,7%), que ocupam, respectivamente, o terceiro e o quinto lugar.

Com relação às classificações que trazem componentes de nomes não pertencentes ao registro civil, os resultados indicam uma preferência menor em relação aos que possuem elementos do registro civil. Isto é, inicialmente, esperávamos que a escolha do ano de 1991 como recorte inicial, aparentemente, traria classificações de nome de jogo mais distantes das características supracitadas de antropônimos não pertencentes ao registro civil do que é mostrado na tabela 4.

Rodrigues (2004, p. 283) define os anos 90 como a época em que mais se empenhou para que o atleta brasileiro do futebol se tornasse um novo trabalhador, em comparação com épocas anteriores, no sentido de se enquadrar em um modelo de futebol que busca internalizar novos comportamentos, tendo em vista a visão comercial. Conforme o autor, o futebol moderno, em nome do profissionalismo, busca controlar a vida do atleta dentro e fora dos gramados.

Embora a análise feita por Rodrigues (2004) tenha foco nos centros de treinamento, que visam preparar o jogador de futebol dentro de uma perspectiva técnica e física, é possível associar que a conduta profissional exigida para esse novo atleta passe, também, pelo uso de seus nomes profissionais. Trapero (1996, p. 351) explica que o prenome é o único nome verdadeiramente próprio que os humanos têm, pois o seu complemento sobrenome faz referência ao coletivo familiar. No caso dos apelidos, ainda que tenham a potência de singularizar as pessoas, são utilizados em contextos mais restritos e informais.

Essa forma de referenciar, por vezes, pode ser mal vista em um ambiente mais profissional. Considerando esse processo de modernização do futebol, observado por Rodrigues (2004), que privilegia o profissionalismo, externo e interno, dos atletas, é entendível que o uso de nomes mais próximos dos de registro civil transparecem maior seriedade em relação aos que não pertencem a este registro por suas características mais formais. Além disso, são elementos de nomes que configuram as relações contratuais de trabalho e que no cenário esportivo mais profissional, a partir dessa década, podem ter maior aceitação.

Por serem os resultados iniciais deste trabalho, veremos a partir de edições posteriores do Campeonato Brasileiro se a tendência do uso de antropônimos que possuem elementos do registro civil se confirma.

### 3.2 Campeonato Brasileiro A - 2001

Referente aos dados coletados do Campeonato Brasileiro da série A de 2001, apresentamos as ocorrências de tipos de nome de jogo e os resultados obtidos. No total, foram coletados 1.389 antropônimos que se dividiram em 17 classificações de nome de jogo, sendo quantificados com os seus respectivos resultados de acordo com a tabela 5.

**Tabela 5** - Quantidade e percentual de ocorrências de nomes de jogo no Campeonato Brasileiro A - 2001

<b>Tipos de antropônimos (nomes de jogo)</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Resultado (%)</b>
Prenome simples	469	33,8
Prenome e sobrenome	306	22,0
Hipocorístico	174	12,5
Apelido	126	9,1
Prenome composto	106	7,6
Prenome e apelido	59	4,2
Sobrenome	58	4,2
Hipocorístico e apelido	36	2,6
Hipocorístico e sobrenome	25	2,6
Hipocorístico e prenome	11	0,8
Prenome e agnome	6	0,4
Agnome	5	0,4
Agnome e apelido	3	0,2
Hipocorístico e agnome	2	0,1
Agnome e sobrenome	1	0,1

Desconhecido	1	0,1
Prenome e hipocorístico	1	0,1
Total	1389	100

Fonte: autoria própria.

Os dados da tabela 5 seguem demonstrando uma preferência maior pelo nome de jogo mais associado às características dos nomes pertencentes aos de registro civil, como a opção do uso de prenome simples (33,8%) e prenome e sobrenome (22,0%) ocupando os dois primeiros lugares.

Cabe ressaltar que esta edição de campeonato teve quase o dobro da quantidade de nome de jogo (1389) em relação ao anterior (734) pelo número maior de participantes de clubes (28), enquanto as outras edições tiveram 20 clubes. Entretanto, mesmo com esse aumento, é notada uma ligeira queda de ocorrências no percentual do hipocorístico (12,5%), deixando-o em terceiro lugar na preferência de nomes pelos atletas.

As classificações apelido e prenome composto mantiveram a estabilidade nas posições se comparados com os resultados do ano de 1991, ocupando, respectivamente, o quarto lugar com 9,1% e o quinto lugar com 7,6% das ocorrências encontradas. As demais ocorrências da tabela apresentam porcentagem abaixo dos 5% e com pouca distância entre si.

A novidade apresentada, em relação ao ano anterior, é a não ocorrência das classificações de prenome composto e apelido, e prenome composto e sobrenome, que pode indicar tipos de nome de jogo em desuso para as décadas posteriores. Exemplos desses tipos de nomes eram comuns, geralmente, para diferenciar os jogadores nas transmissões de jogos pela rádio e pela TV. No futebol mineiro, por exemplo, o lateral esquerdo Paulo Roberto Prestes jogava pelo Atlético Mineiro, enquanto que pelo Cruzeiro jogava o lateral direito Paulo Roberto Costa. Com isso, uma forma de não confundir o ouvinte nas narrações foi adicionar o sobrenome. Outros exemplos mais antigos e conhecidos do futebol brasileiro foram os jogadores Paulo César Caju e Paulo César Carpegiani. Em suma, são tipos de nome de jogo que na década de 2000 aparentam não serem de uso por partes dos jogadores.

Esses resultados indicam, até então, uma tendência quanto ao uso de nome de jogo que compartilha características mais formais entre jogadores brasileiros de futebol e que podem ter relações com as mudanças, naquela época, promovidas pela Lei nº 9.615/1998 (Lei Pelé). Segundo as alíneas a) e b) do inciso I do art. 28 (BRASIL, 1998), é possível “a) a



transferência do atleta para outra entidade, nacional ou estrangeira, durante a vigência do contrato especial de trabalho desportivo; ou b) por ocasião do retorno do atleta às atividades profissionais em outra entidade de prática esportiva, no prazo de até 30 (trinta) meses”. Rodrigues (2014, p. 144-145) explica que, antes da Lei Pelé, o jogador tinha a obrigação formal de se manter vinculado a uma entidade desportiva, mesmo após o término do contrato de trabalho. Isto é, o atleta ficava retido ao clube sem poder exercer a sua liberdade de trabalhar por outra entidade desportiva.

Considerando essa rigidez anterior à Lei Pelé, é possível inferir que o jogador de antes não tivesse tanta preocupação em inserir-se no mercado de transferências internacionais, tendo em vista a dificuldade de ser transferido para outra associação esportiva. Essa prática, conforme vimos no trecho do artigo 28, passa a ser facilitada tanto para clubes nacionais quanto internacionais, com cláusula indenizatória correspondente.

Outro fator importante, com relação às transferências internacionais, foi a aprovação da Lei Bossman (CARRIÓN, 2017, p. 347-348), que também significou a liberação do passe dos jogadores, e a abertura para jogadores de origem comunitária para que fossem considerados nacionais. Essa mudança, segundo o autor, implicou uma Europa que se converteu no paraíso mais procurado do mundo pelos jogadores. Obviamente, essa busca se baseia na condição financeira oferecida pelos clubes do Velho Continente, tornando-o mercado mais atrativo.

Lawson (2016, p. 169-170), ao propor a descrição e classificação dos distintos sistemas de nomeação de nomes próprios, de diferentes culturas, buscou observar as similaridades e diferenças entre elas. Adaptando esse sistema ao uso do nome profissional no futebol brasileiro, é perceptível a estranheza de uma geração anterior de jornalistas à aparição de tipos de nomes mais conservadores, sobretudo quando se têm como referência histórica nomes consagrados como *Pelé*, *Didi*, *Vavá*, *Tostão*, *Zico*, *Ronaldinho*, entre outros que se destacavam antroponicamente pelo uso de seus apelidos e hipocorísticos.

Considerando a análise de Rodrigues (2010) sobre os efeitos da Lei Pelé no futebol brasileiro, é possível que a tendência de uma mudança do perfil antroponímico, expressada pela tabela 5, esteja atrelada ao processo de globalização ao qual está submetido o esporte. Robertson e Giulianotti (2006, p. 10-11) entendem a globalização desde duas dimensões gerais: a intensificação da compreensão do mundo e a conscientização dos atores sociais que consideram o mundo como um lugar único. Na visão dos autores, os termos *local* e *global*, nessa relação, não devem ser vistos como opostos, mas como interdependentes, definindo o

conceito de *glocalização*. Nessa lógica, uma vez que vivemos em um mundo em que se produz crescentes fluxos transnacionais de pessoas, bens, capitais, ideias e imagens, torna-se difícil pensar em uma cultura *local* dentro de um cenário *global*.

Tendo em vista que o futebol, além de esporte, é um mercado, é natural pensar que a adequação dos nomes profissionais passem por um filtro que busca mercados mais atraentes, tanto dentro do âmbito nacional quanto no internacional. Sendo os anos 2000 um expoente dessa acentuação de transferências de jogadores, resta verificar se os anos posteriores da nossa análise solidificam os resultados obtidos no ano de 2001.

### 3.3 Campeonato Brasileiro A - 2011

Nesta seção apresentamos os dados coletados do Campeonato Brasileiro da Série A de 2011. Foram coletados 1.017 antropônimos, que se dividiram em 15 classificações de nome de jogo, sendo quantificados com os seus respectivos resultados de acordo com a tabela 6.

**Tabela 6** - Quantidade e percentual de ocorrências de nomes de jogo encontrados no Campeonato Brasileiro A - 2011

<b>Tipos de antropônimos (nomes de jogo)</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Resultado (%)</b>
Prenome simples	380	37,4
Prenome e sobrenome	272	26,7
Prenome composto	91	8,9
Hipocorístico	87	8,6
Apelido	56	5,5
Prenome e apelido	45	4,4
Sobrenome	33	3,2
Hipocorístico e apelido	14	1,4
Hipocorístico e sobrenome	14	1,4
Hipocorístico e prenome	9	0,9
Prenome e agnome	6	0,6
Pseudônimo	4	0,4

Agnome	3	0,3
Agnome e apelido	2	0,2
Agnome e sobrenome	1	0,1
Total	1017	100

Fonte: autoria própria.

Os dados da tabela 6 apresentam as categorias prenome simples e prenome e sobrenome com as porcentagens mais expressivas em relação aos campeonatos anteriores, tendo respectivamente 37,4% e 26,7% dos resultados coletados. No que tange às três últimas categorias das cinco melhores classificadas, este campeonato apresenta uma alternância de lugares, em comparação com o campeonato de 2001, tendo em terceiro lugar o prenome composto (8,9%), em quarto lugar o hipocorístico (8,6%) e, em quinto lugar, o apelido (5,5%). As demais categorias apresentam valores inferiores a 5%, sendo que prenome e apelido (4,4%) e sobrenome (3,2%) são as que mais se aproximam entre si e também do ranking das cinco primeiras.

Outro destaque neste campeonato é a queda expressiva dos usos de hipocorístico e apelido que, juntos, totalizam aproximadamente 14% das ocorrências. Este resultado é simbólico quando pensamos na mudança do perfil antroponímico do jogador brasileiro de futebol, pois são formas, historicamente, consideradas populares para se nomear atletas. Além disso, embora o uso de prenome composto (8,9%) não tenha indicado um aumento expressivo de ocorrências, em relação a campeonatos anteriores, a queda dessas duas classificações foram suficientes para que esta ocupasse o terceiro posto na preferência de uso dos jogadores.

Em seu trabalho sobre o fim do passe e que culminou na flexibilização de transferência de jogadores para outros clubes, Rodrigues (2010, p. 360-362) traz o levantamento de que do ano 2000 para o ano de 2006 houve um salto de 27% para 33% de atletas que haviam jogado fora do Brasil. De acordo com o autor, muitos dos jogadores pesquisados têm o exterior como projeto profissional devido aos melhores salários, melhores condições de trabalho e possibilidades de ascensão mundial. Na sua avaliação, a alteração na legislação esportiva proposta pela Lei Pelé facilitou essas aspirações.

Com isso, é possível que a mudança do perfil antroponímico dos jogadores brasileiros tenha relação com fatores geracionais. Segundo Rodrigues (2010), a alteração da lei esportiva proporcionou um aumento nas transferências de jogadores entre 16 e 18 anos de idade.

Provavelmente, dada essa precocidade, é possível que a orientação profissional tenha se intensificado durante a formação do atleta ao nível que contribua para uma redução de hipocorísticos e apelidos, por exemplo, no período profissional, justificando uma visão mercadológica com fins de exportação.

Apesar de que esses indícios na formação do atleta contemporâneo possam estar influenciando no perfil antroponímico de jogadores, visando o mercado internacional, é interessante salientar que o campeonato local convive com esse tipo de nome, conforme apontam os resultados de 2011. Essa realidade talvez indica idas e vindas em determinado intervalo de tempo. Brandão (2013, p. 178), ao citar a globalização como fator influente na transferência de jogadores, também ressalta que muitos expatriados acabam retornando ao seu país de origem. Segundo o autor, embasado pelos dados da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), no ano de 2010, cerca de 1.029 jogadores brasileiros foram jogar em países estrangeiros. Destes, 683 da totalidade regressaram ao Brasil antes do final do primeiro ano de contrato.

O retorno desses atletas contemporâneos ao país de origem, comumente, se dá pela não adaptação ao estrangeiro, tal como explica Brandão (2013) e já havia advertido Rodrigues (2010, p. 359). Entretanto, não significa que o retorno altere uma identidade feita para angariar melhores mercados. Tanto que, embora os salários nacionais sejam inferiores aos que são oferecidos no exterior, muitos brasileiros ainda conseguem mercados atraentes em clubes nacionais, de acordo com Rodrigues. Essa observação suscita algumas das hipóteses levantadas inicialmente neste trabalho, sobre diferenciação de mercados dentro do âmbito nacional e uma tendência que pode ocorrer com edições posteriores. Na seção 3.4 veremos os resultados do Campeonato Brasileiro da série A de 2021.

### **3.4 Campeonato Brasileiro A - 2021**

Esta seção apresenta os dados coletados do Campeonato Brasileiro da série A de 2021. Foram coletados 1.010 antropônimos, que se dividiram em 15 classificações de nome de jogo, sendo quantificados com os seus respectivos resultados de acordo com a tabela 7.

**Tabela 7** - Quantidade e percentual de ocorrências de nomes de jogo encontrados no Campeonato Brasileiro A - 2021

<b>Tipos de antropônimos (nomes de jogo)</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Resultado (%)</b>
Prenome simples	368	36,4
Prenome e sobrenome	283	28,0
Prenome composto	138	13,7
Hipocorístico	87	8,6
Prenome e apelido	39	3,9
Sobrenome	32	3,2
Apelido	23	2,3
Hipocorístico e sobrenome	22	2,2
Hipocorístico e prenome	6	0,6
Hipocorístico e apelido	4	0,4
Prenome e agnome	3	0,3
Pseudônimo	1	0,1
Agnome	1	0,1
Agnome e apelido	1	0,1
Agnome e sobrenome	1	0,1
Total	1010	100

Fonte: autoria própria.

Os dados da tabela 7 explicitam o que as duas edições anteriores de campeonato vinham indicando como tendência pela preferência de nome de jogo com características próximas às dos nomes de registro civil. Igual ao campeonato do ano de 2011, as classificações prenome simples (36,4%), prenome e sobrenome (28,0%) e prenome composto (13,7) foram as que obtiveram maior índice de ocorrências.

A classificação hipocorístico (8,6%) é a forma popular que segue vigente no uso profissional dos nomes dos atletas, ocupando o quarto lugar da preferência. O quinto lugar dá lugar à classificação prenome e apelido (3,9%) em número de ocorrências do uso de nome de jogo. As demais classificações, obtiveram poucas ocorrências, incluindo a classificação apelido (2,3%) que nesta edição passou a ocupar a sétima colocação.

De acordo com a tabela 7, os resultados demonstram uma preferência pelas formas de

nome de jogo mais próximas das características de nome de registro civil, acentuando a formalidade no tratamento pessoal através dos prenomes e dos sobrenomes que indicam pertencimento familiar. Juntas essas classificações correspondem a, aproximadamente, 78% das ocorrências. A porcentagem dessas ocorrências, em conjunto, é similar ao dos resultados obtidos pela Seleção Brasileira durante a década 2010, segundo o trabalho de Cruz e Amaral (2020, p. 109-110), de nomes que se classificaram como *nomes oficiais*, pelo seu uso de prenomes e sobrenomes. Na ocasião, fatores como a flexibilização de transferências ao futebol estrangeiro e questões sociais como o *bullying* (CRUZ; AMARAL, 2020, p. 114-115) foram citados como possíveis causas para esta predominância de perfil antroponímico recente.

Considerando a Série A como a elite do futebol nacional, é natural que os clubes participantes tenham maior visibilidade na mídia e, além disso, levando em conta o destaque de um atleta, a disputa do campeonato pode favorecer transferências dentro do mercado nacional ou internacional. Segundo a matéria do Globo Esporte (2020), 1.600 jogadores brasileiros atuaram no estrangeiro no ano de 2019. Ainda de acordo com a reportagem, o Brasil é considerado o maior exportador de jogadores para o mercado internacional. Embora a publicação não evidencie o tipo de nomes desses jogadores, revela o potencial exportador do país dada a quantidade de brasileiros em 86 dos 93 países pesquisados.

Brandão *et al.* (2013) usa o termo *expatriados* para os jogadores brasileiros que são transferidos para o futebol estrangeiro, isto é, o brasileiro que é inserido dentro de uma nova cultura que lhe traz desafios para uma adaptação. O autor explica que jogar no exterior é o anseio da grande maioria dos atletas, uma vez que é uma possibilidade de ascenderem socialmente por meio do talento com a bola. Contudo, muitos não são preparados para recomeçar a carreira em um lugar desconhecido (BRANDÃO *et al.*, 2013, p. 178) e requer deles uma habilidade para se adaptar a novas culturas com o fim de se obter sucesso na carreira.

Naturalmente, a língua faz parte desse contexto cultural, visto que há um contato que exige aprendizado de quem chega ao estrangeiro e, às vezes, adequação. Lawson (2016, p. 169) explica que quando olhamos para o sistema de nomeação do nosso país e quando olhamos os dos outros, sempre vemos algumas similaridades e diferenças.

Nessa transição do passado histórico do uso de apelidos por jogadores brasileiros para a adequação contemporânea, aparente no uso de prenomes simples, compostos ou com inclusão de sobrenomes, Piovezani (2012, p. 8-9) explica que é consenso dos estudos de discurso que

fatores históricos, sociais e culturais condicionam o modo de como um se dirige ao outro. Isto é, se antes o apelido, por exemplo, era próprio de um “estilo cultural de nomeação e de relação interpessoal” (PIOVEZANI, 2012, p. 9), hoje é possível que esses fatores sejam responsáveis por essa mudança. De acordo com o autor, “o universo das celebridades e a globalização seriam os responsáveis pela perda desse modo de tratamento que é um dos ‘traços de estilo que marcam a singularidade de uma cultura, algo como étimo espiritual carregando com ele um mundo de implicações socioculturais’” (WISNIK, p. 365 *apud* PIOVEZANI, 2012, p. 9).

Nos resultados do Campeonato Brasileiro da Série A de 2021 fica expressa essa preferência pela qual os atletas preferem ser chamados no futebol contemporâneo. Contudo, a constatação de que há uma mudança na nomenclatura do nome de jogo do jogador brasileiro se dá, por exemplo, na baixa ocorrência do uso de hipocorístico (8,6%) e do apelido (2,3%), que são reconhecidamente formas populares pelas quais os brasileiros eram chamados, conforme salienta Piovezani (2012) ao longo do seu trabalho.

Especificamente, no caso dos apelidos, há que se atentar que, diferentemente das edições anteriores do CB, essa classificação de nome de jogo não consta entre as cinco primeiras classificações da edição mais recente, sendo ela substituída por prenome e apelido (3,9%). São exemplos dessa categoria de apelidos que indicam região de nascimento como Elias *Carioca*, Wellington *Paulista*, Anderson *Ceará*; referências à animais como Guilherme *Pato*, Gustavo *Mosquito*; cidades como Tiago *Orobó*, Fernando *Sobral*, entre outras motivações.

Sabemos que o nome de jogo se difere do nome de registro civil, mas algumas considerações do trabalho de Aldrin (2017) podem ser aplicadas ao uso profissional. Como ressaltado na seção 1.5, a autora observa, em seu trabalho, que os nomes próprios dados pelos pais aos filhos podem refletir projeções profissionais, com vistas de que a prole, através do nome, obtenha maior projeção profissional.

Com relação ao nome de jogo, parte dessa mudança de perfil antroponímico tem sido atribuída a uma orientação voltada para o atual mercado do futebol. A matéria *Futebol moderno? 2015 tem apelidos abandonados em nome da ‘seriedade’*, publicada no ND+ (2015), suscitam pontos que reforçam essa discussão. É citado o clube São Paulo Futebol Clube como modelo dessa transformação, em que muitos jovens, durante a categoria de base (formação) têm um nome, mas quando chegam no futebol profissional têm seus nomes

modificados. São exemplos recentes do clube, o volante *Gustavo Hebling* (Pira, pela sua cidade natal Piracicaba) e o lateral *Wellington Cabral* (antigo Foguete, atribuído à velocidade que exige a posição). Em trecho da reportagem, o professor e especialista em marketing esportivo, Flávio Janones (ND Mais, 2015), justifica que, na atualidade, o atleta é desenvolvido pensando na sua venda para o exterior. Com isso, o cuidado com o nome tem relação com a receptividade que terá no mercado internacional, tornando o uso de apelidos, por exemplo, mais escassos.

Embora o destino profissional de cada jogador seja uma incógnita, a matéria, indiretamente, abre questionamentos levantados na hipótese inicial do trabalho, no que concerne à mudança do nome de jogo com fins de se alcançar melhores mercados. Foram citados clubes como São Paulo e Vasco, que são tidos como populares, devido ao tamanho de suas torcidas no país e suas histórias de conquistas. O ponto da reportagem que levanta essa questão é o caso do *Mateus Caramelo*. De acordo com a publicação, antes de chegar ao São Paulo, no Mogi Mirim, time do interior de SP, o atleta atendia como *Caramelo*. No São Paulo FC ele passa a atender como Mateus Caramelo. Contudo, não permaneceu no time e foi transferido para a Chapecoense, mantendo o mesmo nome de jogo.

Obviamente, não é possível confirmar se a permanência do jogador Mateus Caramelo no São Paulo implicaria, em um prazo curto, mudança de nome de jogo para, por exemplo, *Mateus*, usando apenas o prenome e excluindo o seu apelido. Contudo, esse exemplo citado na reportagem sugere que a sua continuidade no clube paulista, por ter maior visibilidade que o time catarinense, talvez impactasse na mudança do perfil antroponímico do jogador.

Nas seções 3.5 e 3.6 trataremos do Campeonato Brasileiro da Série B dos anos de 2011 e 2021 com o intuito de verificar se os resultados são equivalentes ou contrastivos em relação aos dois últimos anos da Série A pesquisados neste trabalho.

### **3.5 Campeonato Brasileiro B - 2011**

Como exposto no capítulo 2, a escolha da Série B dos anos de 2011 e 2021 tem como um dos critérios o fato de terem a quantidade idêntica de times participantes aos da Série A. No total, são 20 clubes nas edições dessas duas divisões devido ao fato de a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) ter adotado a padronização de participantes das séries A e B a partir de 2006. Como selecionamos os anos iniciais de cada década para todos os



campeonatos mencionados, a finalidade com essas duas edições da segunda divisão foi verificar se ambas seguiam as mesmas tendências da divisão de elite do torneio nesses dois anos.

Para o Campeonato Brasileiro da Série B de 2011, foram coletados 1.036 antropônimos que se dividiram em classificações de nome de jogo, sendo quantificados com os seus respectivos resultados de acordo com a tabela 8.

**Tabela 8** - Quantidade e percentual de ocorrências de nomes de jogo encontrados no Campeonato Brasileiro B - 2011

<b>Tipos de antropônimos (nomes de jogo)</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Resultado (%)</b>
Prenome simples	357	34,5
Prenome e sobrenome	238	23,0
Hipocorístico	116	11,2
Prenome composto	108	10,4
Prenome e apelido	62	6,0
Apelido	50	4,8
Sobrenome	31	3,0
Hipocorístico e apelido	20	1,9
Hipocorístico e sobrenome	19	1,8
Prenome e agnome	8	0,8
Agnome e apelido	7	0,7
Pseudônimo	6	0,6
Desconhecido	5	0,5
Hipocorístico e prenome	3	0,3
Agnome	2	0,2
Apelido e sobrenome	2	0,2
Agnome e sobrenome	2	0,2
Total	1036	100

Fonte: autoria própria.

A tabela 8 apresenta as classificações prenome simples (34,5%), prenome e sobrenome (23,0%), hipocorístico (11,2%), prenome composto (10,4%) com as taxas de maior ocorrências entre as demais, seguida de prenome e apelido (6,0%), que complementa as cinco primeiras. As outras classificações não atingiram 5% das ocorrências, incluindo o apelido (4,8%) que é tradicionalmente reconhecido dentro do futebol nacional como a forma mais popular de nomear jogadores. A seguir, apresentamos o gráfico 5 com as classificações de maior destaque.

Com relação ao uso de tipos de nome mais distantes das marcas de registro civil, a ocorrência hipocorístico (11,2%) é a única entre os tipos de antropônimos mais encontrados, tendo o prenome e apelido (6,0%) um caráter misto por mesclar a formalidade de um nome que tem característica de registro civil com nomes de motivações externas a este tipo de registro. Em comparação com a Série A do mesmo ano, destaca-se o fato do tipo *apelido* (4,8%), na Série B, não constar entre os cinco primeiros e ter ocorrência inferior ao que foi registrado na divisão de elite do futebol nacional.

Na sequência, analisamos os resultados obtidos no ano de 2021 do Campeonato da série B com o propósito de verificar se é confirmada a tendência inicial de 2011.

### 3.6 Campeonato Brasileiro B - 2021

Para o Campeonato Brasileiro da Série B de 2021 foram encontrados 1.008 tipos de antropônimos de nome de jogo que se dividem em 23 classificações de acordo com as suas características. A tabela 9 apresenta suas respectivas quantidades e seus respectivos resultados.

**Tabela 9** - Quantidade e percentual de ocorrências de nomes de jogo encontrados no Campeonato Brasileiro B - 2021

Tipos de antropônimos (nomes de jogo)	Quantidade	Resultado (%)
Prenome simples	325	32,2
Prenome e sobrenome	307	30,5
Prenome composto	109	10,8

Hipocorístico	100	9,9
Prenome e apelido	42	4,2
Apelido	35	3,5
Sobrenome	34	3,4
Hipocorístico e sobrenome	12	1,2
Hipocorístico e prenome	9	0,9
Hipocorístico e apelido	6	0,6
Agnome	5	0,5
Prenome e agnome	5	0,5
Agnome e sobrenome	4	0,4
Agnome e apelido	3	0,3
Pseudônimo	3	0,3
Prenome e hipocorístico	2	0,2
Apelido e prenome	1	0,1
Apelido e sobrenome	1	0,1
Desconhecido	1	0,1
Prenome composto e sobrenome	1	0,1
Prenome e pseudônimo	1	0,1
Sigla	1	0,1
Sigla e sobrenome	1	0,1
Total	1008	100

Fonte: autoria própria.

De acordo com a tabela 9, os cinco primeiros tipos de nome de jogo são prenome simples (32,2%), prenome e sobrenome (30,5%), prenome composto (10,8%), hipocorístico (9,9%) e prenome e apelido (4,2%). Os resultados não indicam alteração de posição com relação ao de 2011, mas modificações nos percentuais. Os demais tipos de nome de jogo obtiveram porcentagem inferior a 4%, entre eles, o apelido com 3,5% de ocorrências. Destaca-se o aumento expressivo da utilização de prenome e sobrenome, na segunda colocação, que se aproxima do uso de prenome simples, na primeira colocação. A soma da

porcentagem desses dois tipos de antropônimos (62,7%) solidifica a preferência dos atletas por um uso de nome que cada vez mais tem relação com os seus nomes de registro civil.

Além disso, a tabela também registra uma variação de posições entre prenome composto (10,8%), em terceiro lugar, e hipocorístico (9,9%), em quarto lugar. A alternância de posições se deve à queda de percentuais do *hipocorístico*, em relação ao ano de 2011, uma vez que o uso de prenome composto, em percentuais, teve pouca alteração no resultado.

No que concerne ao uso de prenome e apelido, por se tratar de um nome de jogo que possui a característica mista de marcas de registro civil com nomes de outras motivações, registra uma importante queda de percentuais em relação ao campeonato de 2011, tendo 4,2% das ocorrências. Esse dado é significativo, visto que o apelido (3,5%), que teve baixo percentual de ocorrências, não esteve presente em nenhuma ocasião entre os cinco primeiros mais utilizados pelos atletas na Série B. Em outras palavras, o uso de apelidos, aparentemente, não tem sido bem avaliado como uso pelos jogadores contemporâneos e isto também tem refletido na divisão de acesso do futebol brasileiro.

Sobre a mudança do perfil antroponímico dos jogadores brasileiros, Piovezani (2012, p. 8-11) também cita a globalização como um dos fatores determinantes nesse processo que têm representado perda de identidade do futebol brasileiro, a partir dos nomes dos jogadores. Uma das explicações sugeridas pelo autor se relaciona com a forma como usamos o sistema onomástico. Segundo ele, na cultura brasileira os nomes próprios cumprem, predominantemente, as funções de referência e de interpelação, enquanto que em outras sociedades são vistos como forma de representar as suas propriedades. No caso do futebol brasileiro, o autor exemplifica esse contraste pela “maneira antiga de nomeação (pelos apelidos, hipocorísticos, prenomes etc.) para o modo mais recente de fazê-lo” (PIOVEZANI, 2012, p. 9), no que tange à nomeação dos jogadores.

Em outras palavras, a forma de tratamento que impomos aos nossos nomes, nesses contextos sociais, aparentava uma maior proximidade, se comparada ao estrangeiro. De acordo com o que foi abordado no trabalho de Piovezani (2012), uma das características do uso do nome profissional de nossos jogadores, no passado, era a grande presença de apelidos, hipocorísticos e prenomes em oposição aos sobrenomes usados pelos atletas estrangeiros.

Vale ressaltar que o foco do nosso trabalho se centra em avaliar o nome de jogo como uso profissional do que propriamente as questões morfológicas que os associam a uma eventual estrangeirização dos nomes de jogadores brasileiros, tendo como base o ato de

nomear como registro civil. Desse modo, se consideramos os prenomes como classificação tipológica de nome de jogo selecionados para este trabalho, é possível supor que boa parte da identidade brasileira se mantém, visto que em todos os certames a classificação que mais se sobressai é a de prenomes simples. Contudo, é também notória a diminuição de formas tão populares na nossa sociedade do uso de apelidos e hipocorísticos, e que gera estranhamento a sua ausência pela marcação da nossa identidade neste esporte.

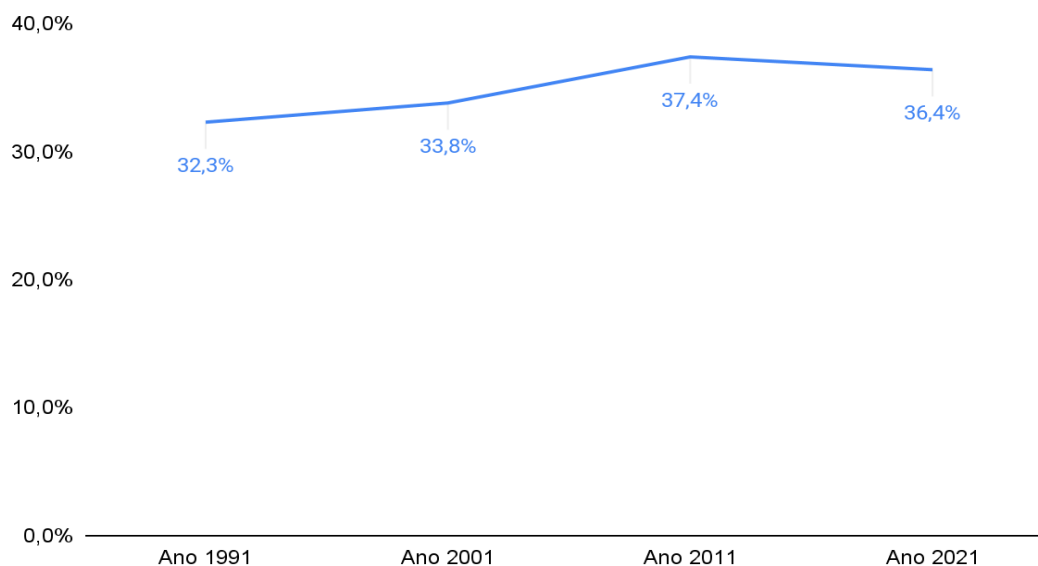
Apoiada nessa última observação, a seção 3.7 mostra, a partir de gráficos e tabela, maiores detalhes sobre a tendência de aumento e declínio do uso das classificações prenome simples, prenome e sobrenome, prenome composto, hipocorístico e apelido.

### **3.7 Análise das principais classificações de nome do jogo**

Nesta seção apresentamos, inicialmente, os resultados das principais classificações de nome de jogo para o nosso trabalho, a partir dos resultados exibidos entre as seções 3.1 e 3.6. Para melhor visualização dessa análise, a seção conta com cinco subseções com foco em cada classificação de antropônimo baseado nos resultados da Série A e uma subseção com a finalidade de cruzar os resultados das séries A e B dos anos de 2011 e 2021.

#### **3.7.1 Uso de prenome simples na Série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)**

Esta subseção apresenta o resultado da variação do uso da classificação de nome de jogo prenome simples na primeira divisão do Campeonato Brasileiro entre os anos de 1991 e 2021. Vejamos o gráfico 1.

**Gráfico 1 - Prenome Simples na Série A (1991-2021)**

Fonte: autoria própria.

Conforme vimos nos resultados quantitativos referentes a esta classificação nas edições de Campeonato Brasileiro da Série A, o nome de jogo prenome simples foi o mais utilizado pelos jogadores brasileiros em todas as edições. O gráfico 1 apresenta a tendência de aumento do seu uso nos dois últimos campeonatos, sendo o de 2011 no qual obteve seu resultado mais expressivo.

O uso significativo desse antropônimo pode não ser surpreendente, por ser parte da cultura brasileira na sua forma de identificar pessoas. Como bem ressalta Piovezani (2012, p. 5), a partir do trecho de Juca Kfourir, nos identificamos com o uso de prenome simples, apelido ou hipocorístico e que, de certo modo, representa a nossa cultura de nomeação no futebol. O emprego do sobrenome representa maior atenção com relação a este movimento de mudança da identidade antroponímica com relação ao passado do futebol brasileiro. Quanto a essa inserção, veremos a subseção 3.7.2 que trata da classificação prenome e sobrenome.

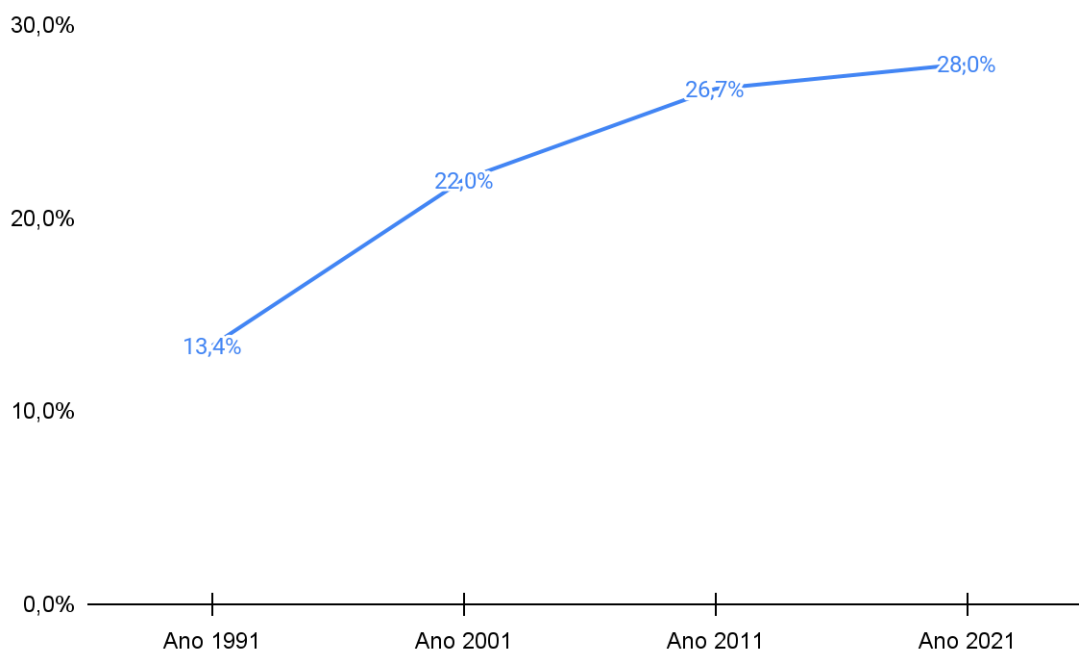
### 3.7.2 Uso de prenome e sobrenome na série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)

De acordo com Amaral e Seide (2020, p. 78), o sobrenome faz parte do nome civil e corresponde ao elemento que sucede o prenome. A inserção do sobrenome ao nome de jogo dos jogadores brasileiros repercute bastante no jornalismo esportivo, como se vê no trabalho de Piovezani (2012) e, possivelmente, é um dos mais destacados nesse modo contemporâneo de se nomear os atletas nacionais. Vejamos o gráfico 2 que apresenta sua evolução ao longo do período tratado.

Conforme vemos no gráfico 2, os resultados dessa classificação indicam a tendência de aumento no uso como nome de jogo pelos atletas. Vale lembrar que a sua utilização no ano de 1991 era a terceira mais escolhida, ficando atrás das classificações hipocorístico e prenome simples.

No ano de 2001 o prenome e sobrenome passa a ocupar a segunda colocação como uso profissional e assim permanece até o ano de 2021. Destaca-se que, apesar de se manter na segunda colocação por três edições seguidas do Campeonato Brasileiro, segundo o nosso recorte diacrônico, o gráfico apresenta linha crescente e que pode sugerir uma mudança mais adiante. Entretanto, nos atemos ao período selecionado para este trabalho.

**Gráfico 2 - Prenome e Sobrenome na Série A (1991-2021)**



Fonte: autoria própria.

Piovezani (2012, p. 8), quanto ao uso de sobrenome entre os jogadores, sugere que, além de ser um possível fenômeno de mercado, pode ser um fenômeno de classe. Quanto ao mercado, o argumento é de que o uso do sobrenome é comum entre os jogadores estrangeiros. Tendo em vista que muitos dos nossos são comercializados para clubes internacionais, entendemos que trata-se de uma adequação. Parte dessas adequações, geralmente, decorrem de nomes que eram utilizados nas categorias de base antes da transição para o profissional. O jogador Lucas Moura é um desses exemplos. Conforme a explicação de Almeida (2020), esse jogador era chamado, nas categorias de base do São Paulo, de Marcelinho, pela sua semelhança física com Marcelinho Carioca. Na etapa profissional, passou a ser chamado de Lucas, quando atuava pelo São Paulo. Atualmente, no Tottenham da Inglaterra, o jogador é constantemente chamado de Lucas Moura. Pela identificação que o jogador tem pelo Tricolor Paulista, é possível ver na matéria de Conceição (2022) a menção que se fazia na época de São Paulo (prenome simples) e a que se faz atualmente (prenome composto).

Com relação ao fenômeno de classe, o autor se apoia na opinião de Pompeu de Toledo (2009, p. 157) e concorda que as classes menos favorecidas socioeconomicamente e culturalmente podem querer refletir, através de nomes, um status social de importância que destoa dos lugares de onde vêm a grande maioria dos nossos jogadores (PIOVEZANI, 2012, p. 12). O autor exemplifica que classes mais abastadas e de nomes reconhecidos, como João Paulo Diniz e André Matarazzo, não se preocupam em manter prenomes tipicamente nacionais, por conhecerem a tradição dos seus sobrenomes. Por outro lado, entre os jogadores são vistas aparições de prenomes estrangeiros que precedem sobrenomes populares.

A título de exemplo, na nossa coleta de dados tivemos a ocorrência de *Willian Oliveira*, que é um prenome e sobrenome que simboliza essa característica citada por Piovezani. No caso do prenome, notamos a influência da língua inglesa. Por outro lado, o sobrenome utilizado é um dos mais comuns do português brasileiro. Outras ocorrências de prenomes com essa semelhança foram encontrados, porém, em outros tipos de antropônimos de uso profissional.

Na avaliação de Piovezani, diferente das pessoas historicamente ricas como foi exemplificado com o sobrenome Matarazzo, a composição de prenome e sobrenome em jogadores de futebol não tem o poder de perpetuar tradições, “mas de individualizar e profissionalizar os sujeitos designados (PIOVEZANI, 2012, p. 12). Essa afirmação é relacionável à explicação de Aldrin (2017; 2009), se entendemos que essa nomeação



profissional é uma projeção de carreira, da mesma forma que pode ter maior aceitabilidade no exterior.

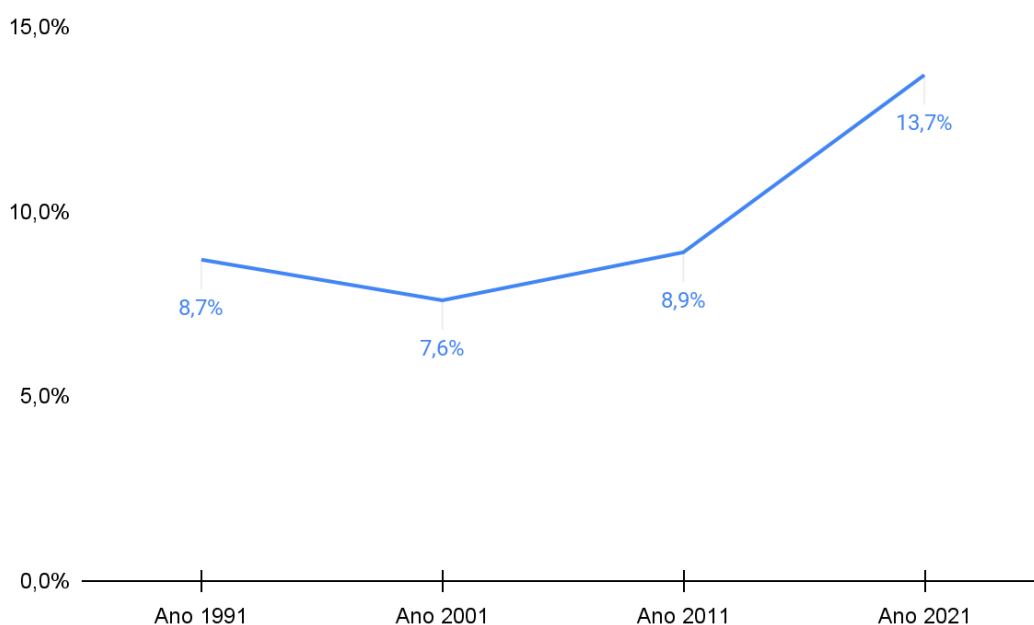
A ideia de projeções sociais, indiretamente, parece ter relação com o mundo globalizado. Quando indicamos nomes que possam ser mais aceitáveis, pronunciáveis ou assimilados pela cultura do estrangeiro, certamente se tem em mente um mundo sem fronteiras como sugere a globalização. Aliás, este é um dos fatores citados por Piovezani (2012, p. 13) que contribui para a perda da nossa identidade nacional, pelo fato de, hoje, os jogadores terem predileções por esse tipo de uso antroponímico profissional.

Na subseção, a seguir, veremos a classificação prenome composto.

### 3.7.3 Uso de prenome composto na série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)

A classificação prenome composto, ainda que com porcentagem inferior à prenome e sobrenome, é outra que apresenta ascensão, como mostramos no gráfico 3.

**Gráfico 3 - Prenome Composto na Série A (1991-2021)**



Fonte: autoria própria.

De acordo com os resultados apresentados nas tabelas 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4, essa

classificação, embora com um percentual menor em relação às classificações prenome simples e prenome e sobrenome, apresenta aumento como uso profissional. Se, nos anos 1991 e 2001, era tida como a quinta mais utilizada pelos jogadores da Série A, nos anos 2011 e 2021 passou a ser a terceira mais vista como nome de jogo. Esse resultado, aliado às outras classificações que portam elementos do registro civil, é um indicativo de uma mudança no uso desse antropônimo profissional entre os atletas, uma vez que, junto com prenome e sobrenome, foram as que variaram de posições nas décadas selecionadas.

Amaral e Seide (2020, p. 76) explicam que esses nomes, em alguns casos, são obrigatórios com o fim de que se distinga do prenome de um irmão, por exemplo. Além disso, os autores mencionam a Lei nº 6.015/1973, art. 63, segundo o qual “também serão obrigados a duplo nome, ou a nome completo diverso, os irmãos a que se pretender dar o mesmo prenome.” (BRASIL, 1973). Como exemplo, os autores afirmam que, se na família há quem se chame *João*, o recém nascido que se quer nomear com o mesmo prenome deverá se chamar *João Paulo*, como forma de se diferenciar do anterior.

No caso deste trabalho, vale salientar que os nomes dos jogadores analisados são de uso profissional, embora compartilhem elementos do registro civil. Isto é, ainda que sejam nomes familiares, registrados em cartórios pelos pais, no âmbito profissional seu uso pode estar condicionado a outras motivações. Um nome de jogo que pode exemplificar motivos externos é o do jogador Rafael Elias. Nessa ocorrência, que forma um prenome composto, temos a junção de dois prenomes simples que, para alguns autores, é considerado como nome justaposto.

Anteriormente, o atleta atendia como *Papagaio*, segundo a matéria divulgada pelo UOL (2021). No conteúdo da reportagem, é lembrada a situação em que o jogador esteve afastado por punição de *dopping* e, no seu retorno, passou a atender como *Rafael Elias*. Uma das justificativas usadas foi o fato de ele ter sido pai e buscar um recomeço na sua carreira.

Entre jogadores brasileiros, são exemplos de ocorrências desses antropônimos *Filipe Luís*, *David Luiz*, *Gustavo Henrique*, *Bruno Henrique*, *Raul Gustavo*, *Felipe Augusto*, *Paulo Victor*, *Jhonata Robert*, *João Lucas*, entre outros. Amaral e Seide (2020, p. 77) observam as junções inovadoras e outras que convivem de forma mais natural que as mais recentes formações de prenome composto. Dos exemplos citados, é possível considerar Raul Gustavo e Jhonata Robert como inovadores e João Lucas como uma formação mais natural, dado o elevado número de formações compostas a partir do prenome *João*. Curiosamente, segundo

os autores, João Lucas, que na nossa coleta de dados consta como jogador do Flamengo, é o sexto prenome composto mais frequente no Brasil.

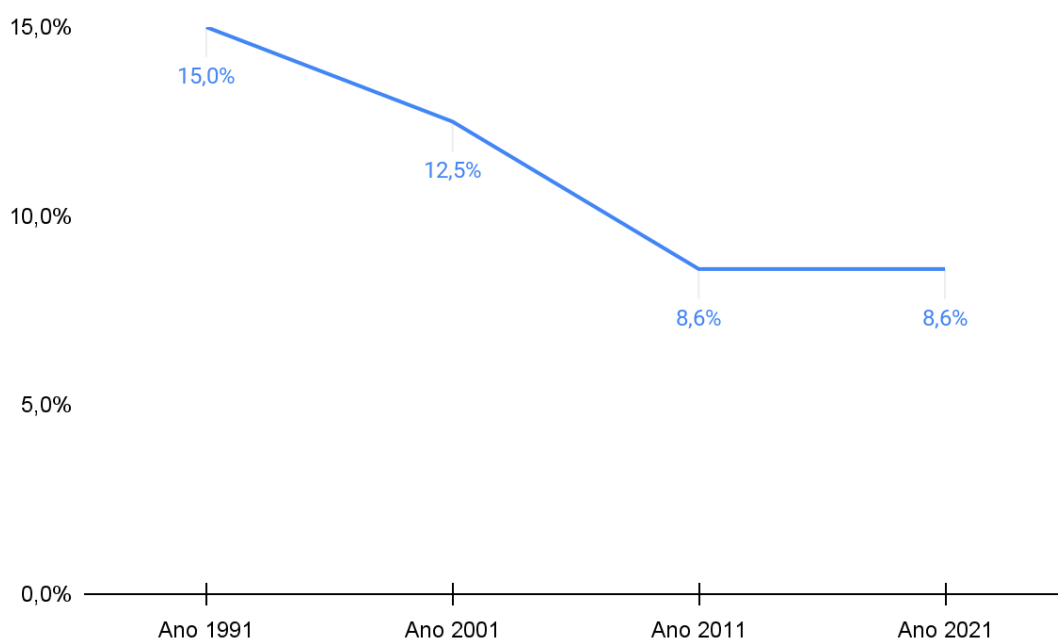
Amaral e Seide (2020, p. 77-78) explicam que há autores que diferem o prenome composto do prenome justaposto (LÓPEZ FRANCO, 2011). Segundo os autores, os prenomes compostos se dão pela formação de nomes consagrados pelo uso. Podemos citar como exemplos dessas ocorrências os nomes dos jogadores *João Lucas*, *André Luiz*, *João Pedro*, *Fernando Henrique*, entre outros. No caso do prenome justaposto, trata-se de combinações pouco usuais. São exemplos dessas ocorrências nomes de jogadores como *Jhonata Robert*, *Ryan Luca*, *Ramon César*, entre outros. Contudo, neste trabalho trataremos essas formações como prenome composto, por entendermos que é necessário que as diferenças entre esses nomes sejam mais bem estudadas. Portanto, optamos, nesta pesquisa, por não distinguirmos e classificá-los todos como prenome composto.

O uso do prenome composto, juntamente com prenome simples e prenome e sobrenome, passou a fazer parte das classificações mais utilizadas. Entretanto, não é possível afirmar, ainda que em ascensão, que se tornem populares, dado o resultado do ano de 2021, com 13,7% das ocorrências entre os jogadores. Provavelmente, seu crescimento pode ser em função da diminuição de classificações mais eufemísticas ou jocosas, como veremos nas subseções 3.7.4 e 3.7.5, a seguir.

#### 3.7.4 Uso de hipocorístico na série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)

Como vimos na introdução deste trabalho, a classificação hipocorístico, considerando o senso comum e algumas opiniões externadas pelo meio jornalístico, sempre teve dificuldades de se distanciar terminologicamente dos apelidos. Expressões como *nome familiar* e *apelido afetivo* são as que se encontram para falar das reduções de nomes, dos aumentos e diminutivos que são feitos a partir de prenomes, sobrenomes e agnomes.

Certamente, nomes como *Ronaldinho*, *Didi*, *Ronaldão*, *Luizão*, *Kaká*, *Juninho*, entre outros, deram popularidade na forma de nomear jogadores ao ponto de que sua diminuição como uso, assim como os apelidos, geram estranhamento entre jornalistas e torcedores. De fato, a observação feita por grande parte da imprensa revela essa provável redução do uso de hipocorístico, como veremos no gráfico 4.

**Gráfico 4 - Hipocorístico na Série A (1991-2021)**

Fonte: autoria própria.

O gráfico 4 mostra a redução paulatina do uso de hipocorístico como nome de jogo por parte dos jogadores brasileiros. No ano 1991, era a segunda classificação mais utilizada com 15% das ocorrências e no ano 2021, caiu para a quarta colocação na preferência dos atletas, registrando 8,6% das ocorrências.

O jornalista Torero (1999) já alertava para a sua diminuição de uso em publicação para a *Folha de S.Paulo*, quando atribuía a sua possível extinção aos dirigentes e empresários que não gostam que seus jogadores tenham nomes no diminutivo. A mudança de perfil, segundo ele, se deve ao fato de que estes privilegiam a inserção de sobrenomes aos prenomes, nesse nome, para projetar uma visão de maior profissionalismo.

Vale lembrar que o hipocorístico não se restringe a formas diminutivas de prenomes, como bem frisam Amaral e Seide (2020, p. 84), mas também a aumentativos, acrônimos e abreviações de outros antropônimos. Sua diferença fundamental em relação aos apelidos, segundo os autores, é que, geralmente, são utilizados em contextos familiares, embora possam tornar-se nomes profissionais, como no caso dos jogadores de futebol.

É provável que esse caráter eufemístico e mais íntimo do hipocorístico o torne menos utilizado que em outras épocas no futebol brasileiro. Rodrigues (2004, p. 283) afirma que os

anos 90 teve como objetivo fabricar um novo trabalhador e que internalizasse novos comportamentos. Embora o autor não especifique que esse comportamento se reflita no uso dos nomes, o profissionalismo exigido, como ressalta Rodrigues (2004, p. 291-292), faz com que o jogador sacrifique um pouco de sua vida pessoal em prol do profissional.

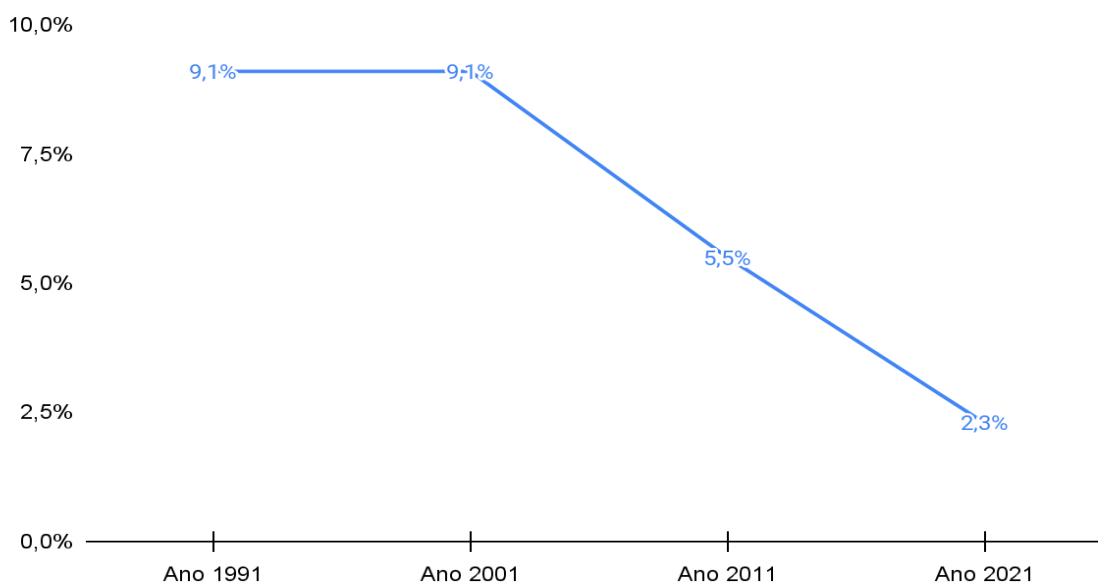
Meyerhoff (2004, p. 531), ao citar o critério *engajamento mútuo* numa comunidade de prática, explica que os membros precisam estar juntos para se engajarem em suas práticas sociais, sejam elas harmoniosas ou não. No que concerne ao ambiente do futebol, a concentração, citada por Rodrigues (2004), é um espaço em que a interação se dá mais pelo profissionalismo do que pelo intimismo que se tem com amigos ou familiares. Isto é, estando inseridos em um meio social em que as relações se dão em prol de objetivos profissionais, é provável que seja refletido, também, em nomes distantes desse grau de formalidade.

Na subseção 3.7.5, veremos outra classificação que passa por um processo semelhante de queda na frequência de uso antroponímico.

### 3.7.5 Uso de apelido na série A do Campeonato Brasileiro (1991 - 2021)

O apelido, seguramente, é o nome de jogo mais mencionado e estranhado pelos jornalistas esportivos como ausente entre os jogadores brasileiros, conforme a matéria de Nóbrega (2018), ao se referir aos jogadores da Seleção Brasileira, e o trabalho de Piovezani (2012), ao levantar observações de jornalistas que atribuem ao futebol moderno uma nova configuração de antropônimos que projetam maior profissionalismo.

No entanto, tendo em vista a realidade do Campeonato Brasileiro no recorte escolhido, a realidade entre os jogadores tende ao desuso, de acordo com o que veremos no gráfico 5.

**Gráfico 5 - Apelido na Série A (1991-2021)**

Fonte: autoria própria.

Inicialmente, o gráfico 5 exibe um baixo percentual de ocorrências da classificação apelido. Em 1991, esse nome de jogo obteve a quarta preferência de uso, com 9,1% e, a partir disso, principalmente após o ano 2011 (5,5%), teve queda brusca entre os nomes favoritos pelos jogadores, alcançando o quinto lugar.

O ano de 2021, sem dúvida, indica uma tendência de desuso ou novas configurações de uso do apelido. No que diz respeito ao apelido, nesse ano alcançou o percentual de 2,3%, ocupando o sétimo lugar como nome de jogo mais utilizado e sendo substituído, em quinto lugar, pela classificação prenome e apelido. Como observamos nos gráficos anteriores, sobretudo pela ascensão das classificações prenome e sobrenome e prenome composto, os resultados indicavam uma tendência de diminuição do uso de nomes com elementos não pertencentes ao registro civil.

Como reflexo de um futebol cada vez mais profissional, a característica do apelido, provavelmente, não é bem vista nesse meio atualmente. Amaral e Seide (2020, p. 100) explicam que são antropônimos, geralmente, atribuídos a um indivíduo por outra pessoa, com o intuito de aludir a um aspecto físico, psicológico e social. Cárdenas Maragaño (2015, p. 168) opina que o apelido responde à necessidade de que cada um tenha uma identidade nominal que o diferencie, que lhe dê vida. Em outras palavras, o apelido não apenas funciona

como um nomeador, mas, também, como um animador, independente do nível sociocultural.

Embora seu uso funcione em comunidades reduzidas, como vizinhança, espaços laborais entre colegas, de modo recreativo, como ressalta Carlos Maragaño (2015, p. 167), há autores que notam a sua diminuição de uso em espaços urbanos. Como vimos na seção 1. 5, Trapero (1996, p. 351) e Van Langendonck (2007, p. 193) advertiram que seu uso estava ficando restrito a comunidades menores.

No futebol, essa nomeação, historicamente, é considerada como símbolo nacional, por representar a ginga, o talento com a bola e sua irreverência. O jornalista Downie, na matéria de Nóbrega (2018), opina que se a seriedade fosse um fator a ser considerado pelos jogadores brasileiros, nossa história esportiva teria sido muito diferente. Pontos de vistas semelhantes vemos no trabalho de Piovezani (2012) e Rodrigues (2004), levando em consideração elementos tão populares dentro desse esporte.

Contudo, nem todos os apelidos são bem recebidos pelos jogadores, uma vez que eles, também, se caracterizam por serem jocosos e fazem alusões a questões sensíveis dentro da sociedade brasileira. A matéria publicada por Castro e Sena, no GE (2021), expõe exemplos de jogadores negros que sofrem ou sofreram com apelidos racistas. São exemplos de nomes que tocam no aspecto racial *Grafite*, *Somália*, *Negrete*, *Fumaça*, *Léo Pelé*, entre outros. No conteúdo da matéria, a fala de Apagão expõe o quão nocivo certos apelidos podem representar para o negro: “Quando eu era criança, jogava muito na várzea e ganhei esse apelido. Não gostei, mas acabei que acostumei. Mas, se pudesse escolher, eu preferiria que me chamassem de Juninho, que vem do meu nome. Não quero que meu filho passe pelo que eu passei”.

A discussão acentuada acerca de formas de preconceito pode ter contribuído para uma diminuição significativa dessas ocorrências nos nomes de jogadores brasileiros. São mostras exemplares as rejeições dos jogadores mais jovens por apelidos que remetem a jogadores negros e históricos. Segundo a matéria de Costa e Sena, o jogador Léo fez a solicitação da retirada do apelido Pelé. Outra ação semelhante foi a do jogador Lucas Santos, que rejeitou o apelido de Robinho.

Como exemplo dessas ocorrências no nosso trabalho, no ano de 2021 não há ocorrências de apelidos alusivos à raça. Em contrapartida, o ano 1991, que é o ano inicial do nosso recorte, são encontradas quatro ocorrências: *Cafezinho* (Náutico), *Nevada* (Náutico), *Macalé* (Cruzeiro) e *Paulo Isidoro* (Vitória). Os dois primeiros demonstram um pouco da

jocosidade e da ironia empregada nos apelidos. No caso de Macalé, possivelmente é feita uma homenagem ao humorista do programa *Os Trapalhões*. No que tange ao último, Paulo Isidoro, é notável a homenagem ao histórico jogador negro, por sua semelhança física, que se fez conhecido no Mundial de 1982.

Tendo em vista a Teoria da Variação e Mudança Linguística, qualitativamente, é perceptível o avanço social quanto ao uso desses tipos de apelidos no futebol, uma vez que quem é nomeado com esse nome de jogo, ainda que seja por homenagens a grandes jogadores, como *Pelé*, *Paulo Isidoro*, entre outros, nem sempre se sente cômodo ou identificado com o nome que recebe. O advogado Paulo Victor Squires, em matéria publicada no Observatório Racial (Observatório, 2022), recomenda chamar uma pessoa negra pelo nome, ao invés do apelido, pois neles “reproduzimos todas essas mazelas, essa herança escravista da sociedade brasileira. O futebol e o esporte estão dentro desse contexto e reproduzem esses conceitos e preconceitos”.

De fato, é perceptível a participação diretiva e empresarial no uso do nome do jogador, como argumenta Piovezani (2012, p. 12-13) ao exemplificar o caso do jogador *Dentinho* do Corinthians. Outros exemplos, como os da seção 3.4, indicam essa probabilidade. No entanto, caberia uma entrevista aos que recebem essa nomeação para avaliar o grau de satisfação com esse nome de jogo. Exemplos recentes e manifestações de desagrado com essa alcunha vemos nas entrevistas de Leandro Pereira (UOL, 2015), que prefere restringir o uso do seu apelido aos seus amigos, e Lucas Ventura (REDAÇÃO GE, 2021) que explica o motivo da mudança neste trecho: “Quero deixar bem claro que tenho um carinho enorme pelo apelido, pelo meu pai, acho que pude honrá-lo enquanto usei o apelido, mas agora é uma nova fase, um recomeço no Cruzeiro. Voltei e quero ser chamado pelo meu nome, fazer meu nome também como Lucas Ventura [...]”.

Certamente, a globalização implica possíveis perdas de identidades nacionais, no sentido de romper com fronteiras, mas quem detém o capital terá o poder de intervir. No que tange aos jogadores brasileiros, essa relação se explicita na mudança de perfis antroponímicos com vistas a inserir no mercado estrangeiro. Entretanto, pelo lado cultural e social, a diminuição do apelido entre esses esportistas, além do profissionalismo orientado, pode representar a diminuição de violências nas identificações desses atletas.



### 3.8 Resultados quantitativos da variável idade dos cinco mais bem ranqueados da Série A pela CBF

Nesta seção, apresentamos os resultados da variável idade, baseado na coleta de dados dos antropônimos de jogadores brasileiros obtidos, conforme descrevemos no capítulo 2. Para esta análise, selecionamos os clubes Flamengo, Palmeiras, Atlético, Grêmio e Atlético Paranaense, conforme a metodologia descrita na seção 2.3.1. A intenção desta seção é analisar a variação do nome dos jogadores brasileiros de acordo com a década de nascimento. Para essa finalidade, exibiremos as tabelas com as ocorrências coletadas de cada time, seguidas de descrições dos resultados. Levando em conta que o recorte periódico escolhido foi do ano de 1991 a 2021, a faixa etária para analisarmos varia entre a geração nascida nos anos 50 e 2000. No total, para este recorte, são analisados 915 antropônimos.

A seguir, descrevemos os dados quantitativos da coleta, as informações sobre ano de participação do clube no Campeonato Brasileiro, número de nome de jogo por cada plantel, sua soma contadas nas quatro edições e as classificações obtidas em cada campeonato.

**Tabela 10** - Dados quantitativos dos cinco melhores clubes do RNC 2022 para análise da variável idade

Clube	Ano de participação	Nº de nome de jogo do plantel	Total de nome de jogo	Classificação obtida no campeonato
Flamengo	1991/ 2001/ 2011/ 2021	31/ 46/ 35/ 51	163	9º/ 24º/4º/ 2º
Palmeiras	1991/ 2001/ 2011/ 2021	37/ 45/ 40/ 52	174	6º/ 12º/11º/ 3º
Atlético Mineiro	1991/ 2001/ 2011/ 2021	46/ 55/ 48/ 40	189	4º/ SF/15º/ 1º
Grêmio	1991/ 2001/ 2011/ 2021	43/ 42/ 50/ 52	187	19º/ QF/12º/ 17º
Athletico Paranaense	1991/ 2001/ 2011/ 2021	37/ 53/ 55/ 57	202	17º/ 1º/17º/ 14º
<b>Total</b>			915	

Fontes: autoria própria.

De acordo com a tabela 10, o total de nome de jogo encontrado é de 915, que se

distribuí em 163 para o Flamengo, 174 para o Palmeiras, 189 para o Atlético, 187 para o Grêmio e em 202 para o Athletico Paranaense. A soma para cada clube é correspondente ao que cada time teve, respectivamente, por cada edição do Campeonato Brasileiro. A divisão de nomes por equipes é equivalente ao ano de participação de cada CB, como está distribuída na coluna nº de nome de jogo do plantel.

A coluna Classificação obtida no campeonato apresenta a posição alcançada por cada time nos certames realizados em conformidade com o que foi mostrado na coluna ano de participação. Como apresentamos na metodologia, a seleção desses cinco clubes para essa análise tem como base o *ranking* nacional feito no final de 2021, pela CBF, além da participação deles nas edições de campeonatos escolhidos como recorte periódico para este trabalho. Tendo em vista que o *ranking* recente não simboliza que essas equipes sempre estiveram bem colocadas, como mostra a tabela 10, este método permite a possibilidade de termos resultados heterogêneos em termos de nome de jogo.

A seguir, veremos da subseção 3.8.1 à subseção 3.8.5, a apresentação das ocorrências de nome de jogo quantificadas com a década de nascimento de jogadores por clube de Flamengo, Palmeiras, Atlético Mineiro, Grêmio e Athletico Paranaense.

### 3.8.1 Flamengo

A subseção 3.8.1 apresenta os resultados quantitativos das ocorrências e uma análise das classificações mais representativas referentes ao time do Flamengo ao longo do período selecionado.

**Tabela 11** - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Flamengo (1991 - 2021)

Década	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000
Classificação e quantificação dos nomes de jogo	prenome simples (1); agnome (1)	apelido (3); agnome e apelido (1); hipocorístico (6); hipocorístico e prenome (2); prenome composto (3); prenome	apelido (2); hipocorístico (6); hipocorístico e apelido (2); hipocorístico e prenome (1); hipocorísti-	agnome (1); hipocorístico (1); prenome composto (6); prenome simples (15); prenome e apelido (1); prenome e	apelido (2); hipocorístico (3); hipocorístico e sobrenome (1); prenome composto (7); prenome simples (11);	hipocorístico (2); prenome composto (3); prenome simples (9); prenome e sobrenome (8)

		simples (6); prenome e apelido (3); prenome e sobrenome (1)	co e sobrenome (2); prenome composto (3); prenome simples (13); prenome e sobrenome (13); sobrenome (3)	sobrenome (11)	prenome e sobrenome (10)	
Quant.	2	25	45	35	34	22

Fonte: autoria própria.

Na tabela 11, temos o total de 163 de nomes de jogadores do Flamengo que foram coletados para este trabalho e categorizados como nome de jogo, devido ao seu uso profissional como antropônimo. Os dados são correspondentes ao período selecionado como recorte, considerando as participações nos campeonatos brasileiros de 1991, 2001, 2011 e 2021 pela série A. Desse modo, os antropônimos foram repartidos de acordo com o ano e década de nascimento de cada jogador.

Os tipos de ocorrências encontrados do Flamengo foram: *agnome*; *agnome e hipocorístico*; *agnome e apelido*; *apelido*; *hipocorístico*; *hipocorístico e apelido*; *hipocorístico e prenome*; *hipocorístico e sobrenome*; *prenome composto*; *prenome simples*; *prenome e apelido*; *prenome e sobrenome*; *sobrenome*. As classificações seguem a metodologia descrita no capítulo 2.

O número de ocorrências da tabela 11, referentes ao Flamengo, apresenta um predomínio de nomes que compartilham traços de nomes do registro civil na categoria nome de jogo. Destaca-se a incidência de *prenome simples*, presente em todas as décadas, considerando o ano de nascimento dos jogadores. A geração que registra seu auge em relação a este uso é a nascida nos anos 80, com 15 ocorrências para prenome simples e 11 para prenome e sobrenome. Além disso, outro ponto destacável dessa tabela é a consolidação das duas classificações a partir dos anos 70, sendo as que apresentam maiores ocorrências nas décadas seguintes.

As classificações hipocorístico e apelido, até os anos 70, aparentemente, eram bem presentes entre os jogadores. Contudo, após os anos 80, a frequência de ocorrências é bem menor e, às vezes, nem aparece, como no caso do apelido nos anos 80 e 2000. Discutiremos

acerca de ambas na seção destinada a análise qualitativa. Veremos, a seguir, a subseção 3.8.2 referente ao time do Palmeiras.

### 3.8.2 Palmeiras

Na subseção 3.8.2, mostraremos as ocorrências encontradas referentes ao time do Palmeiras, além de uma breve análise quantitativa dos resultados mais expressivos.

**Tabela 12** - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Palmeiras (1991 - 2021)

Década	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000
Classificação e quantificação dos nomes de jogo	nenhum	agnome (1); apelido (1); apelido e sobrenome (1); hipocorístico (3); hipocorístico e sobrenome (1); prenome composto (2); prenome simples (15); prenome e apelido (1); prenome e sobrenome (3); sobrenome (2)	agnome (1); apelido (6); hipocorístico (9); hipocorístico e apelido (1); prenome composto (1); prenome simples (16); prenome e agnome (1); prenome e apelido (1); prenome e sobrenome (1); sobrenome (5)	apelido (2); hipocorístico (3); hipocorístico e apelido (1); prenome composto (4); prenome simples (15); prenome e apelido (3); prenome e sobrenome (13); sobrenome (1)	hipocorístico (2); hipocorístico e prenome (1); prenome composto (3); prenome simples (6); prenome e sobrenome (15)	hipocorístico (5); prenome composto (2); prenome simples (9); prenome e sobrenome (8); sobrenome (1)
Quant.	0	30	49	42	27	25

Fonte: autoria própria.

A tabela 12, referente ao Palmeiras, apresenta 174 ocorrências de *nome de jogo* que se dividem em décadas correspondentes ao ano de nascimento de cada jogador, dos anos 60 aos anos 2000. As classificações encontradas desses antropônimos foram: *agnome*; *apelido*; *apelido e sobrenome*; *hipocorístico*, *hipocorístico e apelido*; *hipocorístico e prenome*; *hipocorístico e sobrenome*; *prenome composto*; *prenome simples*; *prenome e agnome*; *prenome e apelido*; *prenome e sobrenome*; *sobrenome*.

De acordo com a quantidade de ocorrências encontradas, a tabela 12 apresenta a classificação prenome simples como a mais frequente nos anos 60 (15 ocorrências), 70 (16 ocorrências) e 80 (15 ocorrências). Com relação à classificação prenome e sobrenome, embora esteja presente em todas as décadas a partir dos anos 60, ela torna-se expressiva entre os jogadores do Palmeiras nos anos 80 (13 ocorrências), 90 (15 ocorrências) e 2000 (8 ocorrências). Ambas as classificações foram as que registraram ocorrências mais expressivas no que se refere à quantidade.

Quanto ao uso do hipocorístico, diferentemente do apelido, é presente em todas as décadas entre os anos 60 e 2000. A geração nascida nos anos 70 é a que mais apresenta ocorrências desse uso, sendo 9 delas, e a segunda preferida entre aqueles jogadores. Apesar de sua presença em todas as décadas, a partir dos anos 80 cede preferência ao prenome e sobrenome. Na subseção 3.8.3, trataremos dos resultados do Atlético Mineiro.

### 3.8.3 Atlético Mineiro

Na tabela 13, exibimos as ocorrências de nome de jogo do Atlético Mineiro e que discutiremos o resultado nessa subseção.

**Tabela 13** - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Atlético Mineiro (1991 - 2021)

Década	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000
Classificação e quantificação dos nomes de jogo	prenome e sobrenome (2); prenome simples (1)	apelido (3); hipocorístico (6); hipocorístico e prenome (1); hipocorístico e sobrenome (2); prenome composto (2); prenome composto e sobrenome (1); prenome simples (17); prenome e sobrenome	apelido (7); apelido e sobrenome (1); hipocorístico (7); hipocorístico e prenome (4); hipocorístico e sobrenome (1); prenome composto (1); prenome simples (21); prenome e apelido (3);	apelido (4); hipocorístico (4); hipocorístico e apelido (1); hipocorístico e sobrenome (1); prenome composto (5); prenome simples (20); prenome e apelido (3); prenome e sobrenome (11);	apelido (4); hipocorístico (1); prenome composto (1); prenome simples (16); prenome e apelido (2); prenome e sobrenome (6); sobrenome (1)	agnome (1); prenome composto (2); prenome simples (4); prenome e sobrenome (2)

		(5); pseudônimo (2); sobrenome (2)	prenome e sobrenome (8); sobrenome (1)	pseudônimo (1); sobrenome (1)		
Quant.	3	41	54	51	31	9

Fonte: autoria própria.

A tabela 13 apresenta 189 ocorrências de nome de jogo que foram coletadas e que se dividem entre os anos 50 e 2000, considerando o ano de nascimento dos jogadores e suas respectivas décadas. As classificações encontradas nesta coleta são: *agnome*; *apelido*; *apelido e sobrenome*; *hipocorístico*; *hipocorístico e apelido*; *hipocorístico e prenome*; *hipocorístico e sobrenome*; *prenome composto*; *prenome composto e sobrenome*; *prenome simples*; *prenome e apelido*; *prenome e sobrenome*; *pseudônimo*; *sobrenome*.

O prenome simples, com exceção da geração nascida na década de 50, é a classificação mais utilizada entre os atletas do Atlético Mineiro e com uma elevada quantidade em relação às outras classificações. São 17 ocorrências nos anos 60, 21 ocorrências nos anos 70, 20 ocorrências nos anos 80, 16 ocorrências nos anos 90 e 4 ocorrências nos anos 2000. Vale ressaltar que a faixa etária dos anos 2000 apresenta 9 ocorrências, sendo o prenome simples o dobro da quantidade de prenome composto (2 ocorrências) e prenome e sobrenome (2 ocorrências).

Com respeito ao uso do hipocorístico, este ficou restrito à geração nascida nos anos 60, obtendo o segundo lugar, com 6 ocorrências. Quanto ao uso do apelido, sua ocorrência é presente entre os anos 60 e 90, sendo que a faixa etária dos anos 70 é a que apresenta a maior quantidade, com 7 ocorrências.

Na sequência, apresentamos a subseção 3.8.4 com os dados coletados referentes ao Grêmio.

#### 3.8.4 Grêmio

A subseção mostra os resultados de nome de jogo referentes ao Grêmio, conforme a tabela 14.

**Tabela 14** - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Grêmio (1991 - 2021)

Década	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000
Classificação e quantificação dos nomes de jogo	apelido (1); sobrenome (2)	agnome e sobrenome (1); apelido (4); hipocorístico (4); hipocorístico e apelido (1); prenome composto (7); prenome simples (13); prenome e apelido (1); prenome e sobrenome (3); sobrenome (2)	apelido (5); hipocorístico (3); hipocorístico e apelido (2); hipocorístico e sobrenome (1); prenome composto (4); prenome simples (9); prenome e apelido (1); prenome e sobrenome (15); sobrenome (3)	agnome e apelido (1); hipocorístico (3); prenome composto (3); prenome simples (21); prenome e apelido (2); prenome e sobrenome (20); pseudônimo (1); sobrenome (1)	apelido (2); hipocorístico e sobrenome (3); prenome composto (4); prenome simples (16); prenome e apelido (2); prenome e sobrenome (13); sobrenome (2)	hipocorístico (2); hipocorístico e apelido (1); prenome composto (3); prenome simples (3); prenome e apelido (1); prenome e sobrenome (1)
Quant.	3	36	43	52	42	11

Fonte: autoria própria.

A tabela 14 apresenta 187 ocorrências de antropônimos categorizadas como nome de jogo. Esses nomes foram divididos por décadas correspondentes aos anos de nascimento dos jogadores e as classificações encontradas foram: *agnome e apelido*; *agnome e sobrenome*; *apelido*; *hipocorístico*; *hipocorístico e apelido*; *hipocorístico e sobrenome*; *prenome composto*; *prenome simples*; *prenome e apelido*; *prenome e sobrenome*; *pseudônimo*; *sobrenome*.

Em relação às subseções anteriores, a tabela mostra frequências distintas de uso do nome de jogo por gerações. As classificações prenome simples, prenome composto e prenome e sobrenome se revezam entre as mais utilizadas pelos jogadores do Grêmio, conforme a década de nascimento. A classificação prenome simples é a mais usada nos anos 60 (13 ocorrências), nos anos 80 (21 ocorrências) e nos 90 (16 ocorrências).

O uso de prenome e sobrenome é a classificação mais presente nos anos 70, representando 15 ocorrências desse nome de jogo. Quanto ao uso de prenome composto, é a classificação que divide a preferência de uso, nos anos 2000, com o prenome simples, tendo 3

ocorrências cada um. Vale lembrar que dessa geração apenas obtivemos 11 ocorrências. Entretanto, ambas as classificações, dada a sua quantidade nessa época, reforçam a probabilidade de uma predileção aos nomes mais próximos dos que se assemelham ao registro civil.

A seguir, para finalizar a análise da variável idade, apresentamos a subseção 3.8.5 com os dados coletados referente ao Athletico Paranaense.

### 3.8.5 Athletico Paranaense

Nesta subseção, apresentamos os resultados obtidos referentes aos nome de jogo do Athletico Paranaense, de acordo com a tabela 15.

**Tabela 15** - Ocorrências de nome de jogo por década de nascimento do Athletico Paranaense (1991 - 2021)

Década	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000
Classificação e quantificação dos nomes de jogo	hipocorístico (3); prenome simples (5); prenome e sobrenome (1); sobrenome (2)	apelido (3); hipocorístico (4); prenome composto (2); prenome composto e sobrenome (2); prenome simples (6); prenome e apelido (1); prenome e sobrenome (7); sobrenome (2)	apelido (3); apelido e sobrenome (1); hipocorístico e agnome (1); hipocorístico e apelido (1); hipocorístico e prenome (1); prenome composto (1); prenome simples (16); prenome e agnome (1); prenome e apelido (1); prenome e sobrenome (13); sobrenome (4)	apelido (2); hipocorístico (4); prenome composto (4); prenome simples (23); prenome e agnome (1); prenome e apelido (3); prenome e sobrenome (16); pseudônimo (1); sobrenome (2)	apelido (1); hipocorístico (4); hipocorístico e prenome (1); hipocorístico e sobrenome (3); prenome composto (3); prenome simples (16); prenome e apelido (4); prenome e sobrenome (8); pseudônimo (1); sobrenome (1)	hipocorístico (4); hipocorístico e sobrenome (1); prenome composto (5); prenome simples (10); prenome e sobrenome (3)
Quant.	11	27	43	56	42	23

Fonte: autoria própria.



Na tabela 15 são quantificadas 202 ocorrências de antropônimos que se dividem por décadas correspondentes aos anos de nascimento dos jogadores. As classificações encontradas são: *apelido*; *apelido e sobrenome*; *hipocorístico*; *hipocorístico e agnome*; *hipocorístico e apelido*; *hipocorístico e prenome*; *hipocorístico e sobrenome*; *prenome composto*; *prenome composto e sobrenome*; *prenome simples*; *prenome e agnome*; *prenome e apelido*; *prenome e sobrenome*; *pseudônimo*; *sobrenome*.

A tendência de resultados que compartilham traços de nomes mais próximos aos de registro civil é mantida nesta subseção. São exemplos de nome de jogo mais frequentes: *prenomes simples*, *prenome e sobrenome*, e *prenome composto*. No caso do Athletico Paranaense, a tabela 15 apresenta o uso de *prenome simples* como o mais utilizado nas gerações entre os anos 70 e 2000. A classificação *prenome e sobrenome*, entre as gerações nascidos nos anos 60 e 90, é outra nomeação bem aceita entre os jogadores desse time, dividindo a preferência com o prenome simples. No ano 2000, a classificação *prenome composto* passou a ser mais usada que o prenome e sobrenome, ocupando o segundo posto.

Com relação ao uso do *hipocorístico* e do *apelido*, constam poucas ocorrências de cada e a predileção ao uso desses nomes de jogo é reduzida drasticamente a partir dos anos 70. No caso do apelido, em específico, essa classificação não apresenta ocorrência nos anos 2000, com base na nossa coleta de dados sobre o Athletico Paranaense.

Na seção 3.9 faremos uma análise qualitativa com base nos resultados da variável idade desses cinco clubes.

### **3.9 Análise qualitativa dos resultados da variável idade**

Conforme vimos na subseção 2.3.1, na explicação dos procedimentos metodológicos deste trabalho, Moreno Fernández (2009) considera essa variável como um dos fatores sociais mais fortes na mudança linguística por tratar-se de um fator corrente. O autor explica que é um processo regular e que pode ser observado nas gerações sucessivas, considerando o comportamento linguístico em grupos geracionais de uma comunidade (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 52). Distinguindo esses grupos é possível avaliar quais as mudanças de uma geração para outra.

No caso deste trabalho, analisamos o fator geracional a partir das décadas, com base no número de ocorrências de nome de jogo apresentadas por Flamengo, Palmeiras, Atlético

Mineiro, Grêmio e Athletico Paranaense. Considerando as duas principais classificações de antropônimos de cada clube, por década, é perceptível a predominância de elementos do nome de registro civil como nomeação dos atletas a partir dos anos 80. Em outras palavras, todos os clubes, entre os anos 80 e 2000, apresentam as classificações prenome simples, prenome e sobrenome e prenome composto como uma das duas mais utilizadas pelos jogadores, como veremos na tabela 16.

**Tabela 16** - Resultados das classificações de nome de jogo mais utilizadas por década a partir dos anos 80 (resultados em %)

	Flamengo			Palmeiras			Atlético			Grêmio			Athletico Paranaense		
	80	90	00	80	90	00	80	90	00	80	90	00	80	90	00
Prenome Simples	43	32	41	36	22	36	39	52	44	40	38	27	41	38	43
Prenome composto									22			27			22
Prenome e Sobrenome	31	29	26	31	56	32	22	19		38	31		29	19	

Fonte: autoria própria.

Os resultados exibidos pela tabela 16 são os dois principais, por década, a partir dos anos 80. Embora, pelo recorte periódico escolhido, tenhamos outras gerações (anos 50, 60 e 70) contempladas, os jogadores nascidos a partir dos anos 80, conforme é demonstrado por esses cinco clubes, possivelmente, contribuem para a mudança do perfil antroponímico nessa comunidade de prática, uma vez que não há protagonismo de outras classificações como hipocorístico e apelido, que são vistas como distantes do registro civil. Além disso, há unanimidade nos cinco times com relação ao uso de prenomes.

Segundo a Lei Pelé, art. 29, “a entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com ele, a partir de 16 (dezesseis) anos de idade, o primeiro contrato especial de trabalho desportivo, cujo prazo não poderá ser superior a 5 (cinco) anos” (BRASIL, 1998). Tendo em conta que a lei tem vigência desde 25 de março de 1998, é provável que os resultados apresentados reflitam uma tendência maior de nomes profissionais que compartilham traços do registro civil.

Rodrigues (2010, p. 354), ao citar as transferências internas e externas dos atletas para

outros clubes, explica que a criação da lei representou uma flexibilização nas transferências de jogadores para outros clubes, dado o elevado número de atletas que passaram pelo estrangeiro (RODRIGUES, 2010, p. 357-358) ou que ainda desejavam ser transferidos para o mercado internacional após a sua criação.

Se nomear pode refletir uma projeção (ALDRIN, 2017) para uma condição de vida profissional e, conseqüentemente, vida financeira melhor, é compreensível que essa adequação antroponímica tenha, também, uma justificativa que se baseie pela idade e pela época na qual esses jogadores estão inseridos.

## **Conclusão**

Com o propósito de concluirmos este trabalho, retornamos ao objetivo geral desta pesquisa que, inicialmente, se propôs a analisar a variação e mudança do perfil antroponímico dos jogadores brasileiros de futebol. Para esse objetivo inicial, foi selecionado o Campeonato Brasileiro como evento central em que tomamos como base as escalações dos times nacionais que estiveram envolvidos nas disputas de 1991, 2001, 2011 e 2021 da série A, e nas disputas de 2011 e 2021 da série B. Tomamos como base os procedimentos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov (2008 [1972]) e de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Além disso, contamos com os estudos sobre as influências extralinguísticas dentro da sociolinguística, fundamentada por Moreno Fernández (2009), que auxiliam a compreensão dos fenômenos linguísticos.

A matéria publicada por Nóbrega (2018), sobre os convocados para a Copa da Rússia, levantou a discussão sobre a mudança no perfil antroponímico dos jogadores brasileiros que se baseia na escassez do uso de apelidos, outrora considerados um patrimônio nacional na nomenclatura desses desportistas. Piovezani (2012) fez um resgate semelhante desse histórico a partir de trechos de consagrados jornalistas do meio esportivo. A globalização foi mencionada pelo autor como influente na composição de nomes contemporâneos devido ao gosto aparente das classes socioeconomicamente mais populares pelo estrangeiro.

Aldrin (2017; 2009) avalia que os pais podem vislumbrar um futuro melhor ao nomearem seus descendentes. Essa observação é próxima da avaliação de Piovezani (2012, p. 13) quanto aos nomes americanizados que surgem no Brasil, sobretudo entre jogadores, tendo em vista a origem do nome como a classe social do atleta. Isto é, nomear pode ser uma forma

de projetar melhores inserções sociais para quem passa a portar o nome.

A hipótese inicial com a qual trabalhamos é que os fatores econômicos e geracionais são variáveis extralinguísticas que podem ser responsáveis pelo fenômeno que apresenta cada vez mais elementos do registro civil nos nomes dos atletas. Dessa maneira, o nosso objeto, que são os antropônimos dos jogadores brasileiros de futebol, foi classificado como nome de uso profissional e para a sua análise foi criada a categoria *nome de jogo*.

Diferente da comunidade de fala implementada por Labov (2008 [1972]), adotamos como abordagem metodológica a comunidade de prática de Meyerhoff (2004), por entendermos que os nomes próprios analisados são de uso profissional pela atividade que exercem os jogadores de futebol. Isto é, sua utilização está condicionada ao meio laboral, que é distinto de outros vínculos ou atividades que esses atletas podem ter fora desse esporte.

De fato, é perceptível que certos nomes contemporâneos revelam o gosto pessoal do jogador, de como ele deseja ser tratado nesse contexto social, que se associa, em grande parte, à orientação profissional feita por empresários e dirigentes, com o intuito de que o atleta se valorize dentro desse mercado esportivo. Esse fator reflete o caráter variacional dos nomes próprios analisados por McClure (1981), cujo trabalho considera que as pessoas têm certa preferência por nomes pelos quais querem ser tratadas em determinado ambiente. Além disso, também condiz com as observações de que o uso do nome pode ser uma marca pessoal da pessoa que o porta (AINIALA, 2016) e uma projeção social da parte de quem nomeia o indivíduo (ALDRIN, 2017), se entendemos que esses atletas podem ter outras identidades fora do âmbito esportivo.

Essa característica se manifestou nos períodos mais recentes, como vimos neste trabalho, e pode ser decorrente do processo da globalização (RODRIGUES, 2014; 2010; 2004) e da Lei Pelé, no Brasil, que facilitou a liberdade do jogador de se transferir para mercados mais atrativos. Como esclarecem Robertson e Giulianotti (2006), esse modelo rompe com fronteiras nacionais e impactam as culturas locais em sociedades modernas. Essa visão também é compartilhada por Carrión (2017), ao citar os mecanismos utilizados para fortalecimento de ligas europeias que passam a enxergar outros mercados como exportadores de mão-de-obra, como é o caso do Brasil.

No que diz respeito aos objetivos que o nosso trabalho apresentou, boa parte das observações dos jornalistas se alinha aos resultados apresentados. No período entre 1991 e 2021, a classificação prenome simples foi a mais utilizada pelos jogadores em todos os

campeonatos, tanto na série A quanto na série B, não havendo alteração. Embora o estranhamento do meio esportivo seja a redução do uso de apelidos e hipocorísticos, é possível dizer que boa parte da identidade brasileira é mantida ao fazer o uso desse prenome. Como é bem destacado pelo jornalista Kfoury, uma das características que nos diferencia dos estrangeiros, em regra geral, é o uso do primeiro nome (PIOVEZANI, 2012, p. 8 *apud*, KFOURI, 2006, p. 38). Logo, é justificável a sua popularidade de uso em todos os campeonatos.

As mudanças mais significativas apresentadas nos resultados desses campeonatos foram a ascensão do uso de prenome composto e prenome e sobrenome, e a drástica redução do uso dos apelidos no Campeonato Brasileiro da Série A. A predileção pelo uso profissional de nomes com elementos do registro civil e certa rejeição por aqueles que não compartilham desses elementos, sobretudo nos anos 2011 e 2021, simbolizam o caráter estritamente profissional no qual os jogadores estão inseridos, dadas as características que expressam esses nomes.

Enquanto os prenomes e os sobrenomes projetam maior seriedade, por serem nomes primários, familiares, com que se assinam contratos, se estabelecem relações laborais, os apelidos costumam ser jocosos e aludem a características que, muitas vezes, podem ser depreciativas tanto no ponto de vista pessoal do jogador, quanto no lado profissional. Sobre esse último fator, o distanciamento financeiro entre América do Sul e Europa, citados por Carrión (2017), torna o mercado estrangeiro mais atraente, o que também é explicitado por Rodrigues (2010) ao abordar o fim do passe e as transferências de brasileiros para o exterior, a partir da Lei Pelé.

Considerando o Campeonato Brasileiro da Série A um torneio visível para o mercado internacional e a sua disparidade financeira em relação aos continentes hegemônicos economicamente, é justificável o aumento de ocorrências desses antropônimos. A necessidade de se adaptar a uma nova cultura e uma língua distinta acarreta desafios para os brasileiros, como salienta Brandão *et al.* (2013). Tornar o nome próprio como projeção de que seja mais bem aceito no estrangeiro é uma forma de diminuir essa distância cultural.

Comparando os campeonatos dos anos 2011 e 2021 da Série A com os do mesmo período da Série B, os resultados são surpreendentes, no sentido de que o uso profissional dos nomes próprios, na segunda divisão, se espelham nos mais utilizados na primeira divisão. Traperó (1996) e Van Langendonck (2007) sinalizavam que o uso do apelido estava

desaparecendo dos grandes centros urbanos que analisaram e ficando mais restrito às comunidades menores. Tendo em vista que, comparativamente, o campeonato da Série B recebe menos investimento do que a Série A, era esperado, inicialmente, que nomes não pertencentes ao registro civil tivessem maior espaço em uma divisão profissional que conta com menos recurso financeiro dos clubes participantes, ou seja, um mercado menos atraente. Entretanto, o que se observa, nessa comparação, é a tendência de que os nomes de jogo acompanhem os perfis antroponímicos da Série A.

Carrión (2017, p. 351) adverte que o futebol de hoje está mais presente nas cidades do que nos interiores. Isto é, se o futebol é urbano, seu espaço vital é a cidade. Em outros termos, quanto maior o prestígio de um clube, de uma região geográfica mais desenvolvida economicamente, sempre haverá, por parte dos atletas, o interesse de migrar para mercados mais atraentes. Talvez o fato de os resultados da Série B de 2011 e 2021 terem sido semelhantes aos do mesmo período da Série A reproduza o anseio de jogadores, dirigentes e empresários dos atletas de inserir o jogador em clubes da primeira divisão ou do exterior.

A questão da variável idade foi respondida com base no que se coletou dos cinco melhores clubes ranqueados por pontos pela CBF em 2021. Tendo em consideração que a faixa etária dos jogadores que portam o nome de jogo varia entre a década de 50 a 2000, a partir da geração nascida nos anos 80, de clubes como Flamengo, Palmeiras, Atlético Mineiro, Grêmio e Athletico Paranaense, as duas classificações mais prestigiadas de cada um foram: prenome composto, prenome simples e prenome e sobrenome. Esse dado é similar ao que ocorreu no resultado geral, levando em conta todos os clubes nos anos de 2011 e 2021, em ambas as divisões.

Moreno Fernández (2009) reconhece essa variável como a mais influente em uma mudança linguística, por ser corrente e inovadora. O autor afirma que “o desenvolvimento da mudança, observado em um determinado momento e em pessoas de distintas gerações, oferece uma imagem dinâmica em ‘tempo aparente’ que permite projetar como será essa mudança no futuro, à medida que decorre o ‘tempo real’” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 52). Como vimos durante o trabalho, a mudança do perfil antroponímico dos jogadores brasileiros há duas décadas suscita questionamentos e críticas por uma possível perda de identidade nacional, através dos trechos de opiniões de jornalistas no trabalho de Piovezani (2012), como também na matéria de Nóbrega (2018).

No entanto, se considerarmos o recorte a partir dos anos 90, o uso do apelido, por

exemplo, nunca foi hegemônico entre os jogadores brasileiros. Além disso, as discussões sociais a respeito do que certos apelidos classificam indivíduos é entendível, na sociedade atual, que não tenha tamanho protagonismo como em épocas anteriores. No caso dos hipocorísticos, às vezes associado equivocadamente aos apelidos, segue vigente entre as principais classificações de nome de jogo, ainda que com uma tendência à diminuição.

Com relação ao uso extensivo dos prenomes, o indício de orientação profissional em torno do nome se faz mais perceptível em classificações que não eram tão comuns, como prenome e sobrenome e prenome composto, do que pelo uso do prenome simples, que é uma característica cultural pela forma como identificamos as pessoas no Brasil. Sobre essas configurações de prenomes, que são preponderantes, atualmente, nos nomes de jogadores, também vistos como marcas pessoais desses atletas, seria interessante que fosse estudada sua relação com os crematônimos (FERNÁNDEZ JUNCAL, 2020), dado seu teor comercial. Esse estudo não foi realizado aqui, mas valeria a pena uma pesquisa que abordasse essa questão.

Em suma, as mudanças e variações que foram analisadas no uso profissional dos nomes de jogadores brasileiros mostram o quanto o futebol está integrado na nossa sociedade, a ponto de refletir, a partir do nome, projeções sociais. Tendo em vista que esse esporte é praticado, em grande maioria, por atletas que são oriundos da classe socioeconomicamente baixa, a possibilidade de melhores condições de vida, pelos altos salários oferecidos, faz com que muitos se adequem às demandas de mercado. Sustentamos que a orientação prévia que recebem esses atletas na transição das categorias de base para o profissional explica esses resultados e apresenta tendências que poderão contribuir para futuras pesquisas, tanto na área da sociolinguística variacionista, quanto em outras áreas das humanidades.

## Referências

AINIALA, Tehri. Names in society. In: HOUGH, Carole. *The Oxford handbook of names and naming*. Oxford University Press, 2016, p. 371-381.

AINIALA, Tehri; ÖSTMAN, Jan-Ola. Introduction. In: AINIALA, Tehri; ÖSTMAN, Jan-Ola. *Socio-onomastics: the pragmatics of names*. Amsterdam: John Benjamins, 2017, p. 2-18.

ALDRIN, Emilia. Creating identities through the choices of first names. In: AINIALA, Tehri; ÖSTMAN, Jan-Ola. *Socio-onomastics: the pragmatics of names*. Amsterdam: John Benjamins, 2017, p. 45-68.

ALDRÍN, Emilia. The choice of first names as a social resource and act of identity among multilingual families in contemporary sweden. INTERNATIONAL CONGRESS OF ONOMASTIC SCIENCES, ICOS XXIII, 2009, Barcelona. Proceedings [...] Barcelona: *Biblioteca Tècnica de Política Lingüística*, 2009. Disponível em: <https://yorkspace.library.yorku.ca/xmlui/handle/10315/2926em>. Acesso em: 26 abr. 2017.

ALMEIDA, Luigui. 7 jogadores que ‘mudaram de nome’ ao longo da carreira. *90 min*, 25 out. 2020. Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/7-jogadores-que-mudaram-de-nome-ao-longo-da-carreira>. Acesso em: 10 fev. 2023.

AMARAL, Eduardo T. R. Onomastics and Law Interface: contributions to the studies of Brazilian anthroponomy. *Revista Domínios de Linguagem*, Uberlândia, vol. 15, nº 2, abr./jun. 2021, 446-473.

AMARAL, Eduardo T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2011.

AMARAL, Eduardo T. R.; OLIVEIRA, Isabela F. N. O nome social como uma categoria antroponímica. para a garantia do princípio da dignidade da pessoa humana. *Revista Caligrama*, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p.25-46, 2019.

AMARAL, Eduardo T. R.; SEIDE, Márcia S. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020.

AMARAL, Paulo R. T.; THIENGO, Carlos R.; OLIVEIRA, Flávio I. S. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. *EFDeportes*, Revista Digital, Buenos Aires, ano 12, nº 115, dez. 2007. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd115/motivos-que-levaram-a-abandonarem-a-carreira-de-jogador-profissional.htm>.

ARAÚJO JR., Ari Francisco; SHIKIDA, Cláudio D.; MONASTERIO, Leonardo M. Uma análise econométrica do futebol brasileiro. *Revista Análise Econômica*, Porto Alegre, ano 23, nº 44, set., p.217-240, 2005. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/10824>.

ARIZA, Manuel. ¿Es propio el nombre propio? In: ALCAIDE, Esperanza R.; RAMOS, María del Mar; SALGUERO, Francisco J. (eds.). *Estudios lingüísticos en torno a la palabra*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1993, p. 33-40.

ARTUSO, Alysson R. Análise do aproveitamento dos times no Campeonato Brasileiro a partir de uma distribuição normal. *Revista Brasileira de Biomecânica*, São Paulo, v. 25, nº 4, p.49-63, 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Alysson-Artuso-2/publication/261834220\\_Analise\\_do\\_a\\_proveitamento\\_dos\\_times\\_no\\_campeonato\\_brasileiro\\_a\\_partir\\_de\\_uma\\_distribuicao\\_normal/links/02e7e53596cd352ce6000000/Analise-do-aproveitamento-dos-times-no-campeonato-brasileiro-a-partir-de-uma-distribuicao-normal.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Alysson-Artuso-2/publication/261834220_Analise_do_a_proveitamento_dos_times_no_campeonato_brasileiro_a_partir_de_uma_distribuicao_normal/links/02e7e53596cd352ce6000000/Analise-do-aproveitamento-dos-times-no-campeonato-brasileiro-a-partir-de-uma-distribuicao-normal.pdf).



AULETE, Francisco J. C; VALENTE, Antonio L. S. iDicionário Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital Ltda, [s. d]. Disponível em: [https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital). Acesso em: 14 abr. 2023.

ÁVILA, Adriano. Campeonato Brasileiro: nomenclatura e significado histórico. *Futbox*, 07 dez. 2021. Disponível em: <https://www.futbox.com/blog/campeonatos/campeonato-brasileiro-nomenclatura-e-significad-o-historico>. Acesso em: 25 out. 2022.

BAJO PÉREZ, Elena. *La caracterización morfosintáctica del nombre propio*. La Coruña: Toxosoutos, 2002.

BASTOS, Paulo T. Pontos corridos x mata mata: as mudanças nos últimos 15 anos do Campeonato Brasileiro. *Especialize*, Goiânia, ano 9, nº 16, vol. 1, dez. 2018. Disponível em: <https://ipog.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/paulo-talarico-de-bastos-01911311.pdf>.

BRANDÃO, Maria Regina F. *et al.* Além da cultura nacional: o expatriado no futebol. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, Ponto de vista, v. 21, nº2, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/4143>.

BRASIL. Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973. Dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 31 dez. 1973. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/16015compilada.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16015compilada.htm). Acesso em 01 abr. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 mar. 1998. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19615consol.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm). Acesso em: 24 fev. 2023.

BURLÁ, Leo; ALMEIDA, Pedro Ivo. Como Gabigol mudou nome em camisa e virou apenas “Gabi”. *Uol*, São Paulo, 15 dez. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/12/15/flamengo-como-gabigol-mudou-nome-em-camisa-e-virou-apenas-gabi.htm>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CARRIÓN, Fernando. El fútbol coloniza el espacio social. *In: SOTO LAGOS, Rodrigo; VERGARA, Omar Fernández (dir.). ¿Quién raya la cancha?: visiones, tensiones y nuevas perspectivas en los estudios socioculturales del deporte en Latinoamérica*. CLACSO, 2017, p. 337-355. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f53v.25>.

CASELLA, Ayelen; TOIA, Leonardo. Artículo 18. Derecho al nombre. *In: ALONSO REGUEIRA, Enrique M. Convención Americana de Derechos Humanos y su proyección en el Derecho Argentino. Departamento de publicaciones de la Facultad de Derecho, UBA*, p. 307-318, 2012. Disponible en: <http://www.derecho.uba.ar/publicaciones/libros/pdf/la-cadh-y-su-proyeccion-en-el-derecho-argentino/018-casella-toia-nombre-la-cadh-y-su-proyeccion-en-el-da.pdf>.

CASTRO, Elton; SENNA, Lucas. Grafite, Fumaça, Somália, Robinho... como o racismo recreativo se propaga no esporte. *GE, Futebol*. 12 mar. 2021. Disponível em:

<https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/grafite-fumaca-somalia-robinho-como-o-racismo-recreativo-se-propaga-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2022.

CBF. Flamengo é o líder do Ranking Nacional de Clubes 2022 da CBF. *Cbf*, Futebol brasileiro, Assessoria CBF, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/flamengo-e-o-lider-do-ranking-nacional-de-clubes-2022-da-cbf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CBF ACADEMY. Jogador de futebol: como ingressar na carreira e se tornar profissional. *Cbf Academy*, Notícias. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/noticias/291-jogador-de-futebol-como-ingressar-na-carreira-e-se-tornar-profissional>. Acesso em: 20 mar. 2023.

COELHO, Izete *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CONCEIÇÃO, Matheus. Apresentadores cravam retorno de Lucas ao São Paulo; entenda situação. *Arqtricolor*, 9 jun. 2022. Disponível em: <https://www.arqtricolor.com/ultimas/apresentadores-cravam-retorno-de-lucas-ao-sao-paulo-entenda-situacao/>. Acesso em 25 out. 2022.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*: cinco estudios. Madrid: Gredos, 1967.

CRUZ, Beatriz. Lei Bosman: como ela mudou com o futebol de clubes e seleções. *Ludopédio*, São Paulo, v. 163, n. 16, 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/lei-bosman-como-ela-mudou-com-o-futebol-de-clubes-e-selecoes/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CRUZ, Vinícius P. S.; AMARAL, Eduardo T. R. Variação e mudança em nomes de jogadores da Seleção Brasileira. *Onomástica desde América Latina*, [S.I.], v. 2, n. 3, p. 101-118, 2020. DOI: 10.48075/odal.v0i0.25720. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25720>.

DAILYMOTION. Veja jogadores que abandonaram apelidos do início da carreira. *Lance Tv*, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x7w840b>. Acesso em: 17 jan. 2022.

DA REDAÇÃO. Taça de 2021 fará menção aos 50 anos da criação do Brasileirão. *Placar*, 2 dez. 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/taca-de-2021-fara-mencao-aos-50-anos-da-criacao-do-brasileirao/#:~:text=A%20Confedera%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de%20Futebol,o%20atual%20nome%2C%20em%201971>. Acesso em: 25 out. 2022.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia; SERRA, Carolina Ribeiro. Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 22, n° 36, jan/jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2015.17046>.

FERNÁNDEZ JUNCAL, Carmen. Entre crematónimos y topónimos: los nombres de comercios. *Boletín de Filología*, Tomo LV, número 2, 2020, p. 345-367.

FERNÁNDEZ LEBORANS, María Jesús. El nombre propio. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española* - vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 77-128.

FERREIRA, Daniel Vinícius. História do Campeonato Brasileiro de futebol (1971-1987): para além da narrativa da “modernização” do futebol brasileiro. *Revista Hydra*, vol. 3, nº 5, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/9081>.

FRAI, Patrícia Helena. Sócio-onomástica: uma nova abordagem metodológica. *Entreletras*, Araguaína, v.7, n. 1, 2016, p. 91-106. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2028>. Acesso em: 02 abr. 2023.

GARCÍA SÁNCHEZ, Jairo Javier. La Toponimia, una rama de la Onomástica con entidad propia. *Moenia*, v. 25, p. 63-78, 2019. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/moenia/article/view/6049>. Acesso em: 7 maio 2021.

GE. Exportando talentos: Brasil é país com maior número de jogadores atuando no exterior. *Globo Esporte*, Futebol Internacional, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/exportando-talentos-brasil-e-pais-do-mundo-com-maior-numero-de-jogadores-atuando-no-exterior.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2023.

GONZÁLEZ, Diana. Algunas consideraciones en torno al nombre propio. *Lengua y sociedad*, vol. 7, n. 2, p. 103-108, 2004.

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha. K. (orgs.). *Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43-71.

HAJDÚ, Mihály. The History of Onomastics. *Onomastica Uralica*, v. 2, p. 7-45, 2002. Disponível em: <http://nevtan.arts.unideb.hu/nevtan/tagozat/06hajdu.pdf>.

HOUGH, Carole. *The Oxford handbook of names and naming*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

IBGE. *Nomes no Brasil*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/ranking>.

JUNIOR, Franco. Há 27 anos: Ronaldo, que chegou a ser Ronaldinho, estreava como profissional no Ronaldão. *Globo Esporte*, Futebol, 25 abr. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/sul-de-minas/futebol/noticia/ha-27-anos-ronaldo-que-chegou-a-ser-ronaldinho-estreava-como-profissional-no-ronaldo.ghtml>. Acesso em: 27 mai. 2022.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAWSON, Edwin D. Personal naming system. In: HOUGH, Carole. *The Oxford handbook of names and naming*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 169-198.

LÓPEZ FRANCO, Yolanda Guillermina. *Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz*. Estudio lexicológico y sociolingüístico. México: Plaza y Valdés, 2011.

LYONS, John. *Semântica 1*. Lisboa: Presença Lda, 1977.

MATIAS, Wagner B. *A economia política do futebol e o “lugar” do Brasil no mercado-mundo da bola*. (Faculdade de Educação Física da UnB - Tese de doutorado em Estudos sociais e pedagógicos da educação física, esporte e lazer). Brasília: FEF-UNB, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34920>. Acesso em: 19 out. 2022.

MCCLURE, Peter. Nicknames and petnames. Linguistics forms and social contexts. *Nomina*, 5, p. 63-76, 1981.

MEYERHOFF, Miriam. *Communities of practice*. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING ESTES, N. (Ed). *Handbook of variation and change*, Oxford: Blackwell, 2004, p. 526-548.

MGSUPERESPORTES. Veja outros jogadores que mudaram seus ‘nomes’ no futebol. *Mg Superesportes*, Futebol Nacional, 15 dez. 2020. Disponível em: [https://www.mg.superesportes.com.br/app/fotos/futebol/futebol-nacional/2020/12/15/galeria\\_futebol\\_nacional,11972/veja-outros-jogadores-que-mudaram-seus-nomes-no-futebol.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/fotos/futebol/futebol-nacional/2020/12/15/galeria_futebol_nacional,11972/veja-outros-jogadores-que-mudaram-seus-nomes-no-futebol.shtml). Acesso em: 21 out. 2021.

MIGUEL, Rafael. Apelido é coisa do passado. *Ludopédio*, São Paulo, v.114, n.13, 2018. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/apelido-e-coisa-do-passado/>. Acesso em: 8 abr. 2023.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, (Ed.) 4 corregida y actualizada, 2009.

ND Mais. Futebol moderno? 2015 tem apelidos abandonados em nome da seriedade. *LANCENET* 10 fev. 2015. Disponível em <https://ndmais.com.br/esportes/futebol-moderno-2015-tem-apelidos-abandonados-em-nome-da-seriedade/>. Acesso em 01 fev. 2022

NÓBREGA, Bárbara. Seleção Brasileira pode conquistar o hexa sem exibir um único apelido. *O Globo, Esportes*, 29 jun. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/selecao-brasileira-pode-conquistar-hexa-sem-exibir-um-unico-apelido-22835918>. Acesso em: 25 jan. 2019.

OBSERVATÓRIO. Negão, Macaco, Pau Preto: antes considerados comuns, apelidos racistas não têm mais vez no futebol. *Casos de racismo*, Preconceito, 27 out. 2022. Disponível em:

<https://observatorioracialfutebol.com.br/negao-macaco-pau-preto-antes-considerados-comuns-apelidos-racistas-nao-tem-mais-vez-no-futebol/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

OGOL. Tudo sobre futebol. *O Gol*, Disponível em: <https://www.ogol.com.br/>.

PERINI, Mário Alberto. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

PIOVEZANI, Carlos. Identidades e metamorfoses na denominação dos jogadores de futebol no Brasil. *Esporte e sociedade*, ano 7, nº 19, mar. 2012, p. 1-17.

RAUKKO, Jarno. Names in contact: linguistic and social factors affecting exonyms and translated names. In: AINIALA, Tehri; ÖSTMAN, Jan-Ola. *Socio-onomastics: the pragmatics of names*. Amsterdam: John Benjamins, 2017. p. 93-125.

REDAÇÃO DO GE. Lucas Ventura explica “abandono” de apelido e se vê mais maduro para deslanchar no Cruzeiro. *GE*, Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/lucas-ventura-explica-abandono-de-apelido-e-se-ve-mais-maduro-para-deslanchar-no-cruzeiro.ghtml>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ROBERTSON, Roland; GIULIANOTTI, Richard. Fútbol, Globalización, Glocalización. *Revista Internacional de Sociología*, vol. LXIV, nº 45, set./dez, p. 9-35, 2006. Disponível em: <https://revintsociologia.revistas.csic.es/index.php/revintsociologia/article/view/14/14>. Acesso em 18 dez. 2022.

RODRIGUES, Francisco Xavier F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 6, nº 11, jan./jun. 2004, p. 260-299. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/868/86819563012.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2019.

RODRIGUES, Francisco Xavier F. O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros em uma época de globalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, nº 24, mai./ago. 2010, p. 338-380.

RODRIGUES, Francisco Xavier F. A Lei Pelé, o fim do passe e a modernização conservadora do futebol-negócio no Brasil: uma análise das percepções dos jogadores. *Norus*, v. 1, nº 2, jan-jun 2014.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SANKOFF, David; LABERGE, Suzanne. The Linguistic Market and the Statistical Explanation of Variability. In: David Sankoff (ed.). *Linguistic Variation: Models and Methods* (New York: Academic Press), p. 239-250, 1978. Disponível em: <http://www.ello.uos.de/field.php/Sociolinguistics/TheLinguisticMarketplace>.

SANTOS, Anderson D. G. *A consolidação do monopólio de decisões: a Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol*. Dissertação (mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São

Leopoldo, p.268, 2013. Disponível em:  
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4065>.

SEIDE, Márcia S. Motivações contemporâneas para a escolha do antropônimo. *Entreletras*, v. 4, n. 2, p. 90-101, 2013.

SEIDE, Márcia S. Prenomes cristãos: constituição, etimologia, motivação para a escolha antroponímica e conhecimento onomástico. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 49-76, 2021. Disponível em:  
<https://www.readcube.com/articles/10.17851%2F2237-2083.29.1.49-76>.

SEIDE, Márcia S. Prenomes e sobrenomes no Brasil: uma revisão sistemática de literatura. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 17, p. e1704, 2023. DOI: 10.14393/DLv17a2023-4. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/65296>.

SILVA, Augusto S. Emoções, cognição e variação intralinguística e cultural. In: BAROTÉO, Hanna (ed.). *Linguagem, cognição e cultura: Teorias, aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa (Português Europeu e Português do Brasil)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2022. p. 46-83. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/38671>.

TAKAHASHI, Jéssica G.; MILESI, Victor Hugo M.; ALMEIDA, Marco Antônio B. Um olhar weberiano sobre a unificação de títulos brasileiros a partir de 1959. *EFDeportes*, Revista Digital, Buenos Aires, ano 16, nº 159, ago. 2011. Disponível em:  
<https://efdeportes.com/efd159/um-olhar-weberiano-sobre-titulos-brasileiros.htm>.

TERRA. Apesar de pedido por mudança, novos nomes não costumam ‘pegar’ no futebol; veja os exemplos. *Terra*, 21 out. 2021. Disponível em:  
<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/apesar-de-pedido-por-mudanca-novos-nomes-nao-costumam-pegar-no-futebol-veja-os-exemplos,13126ae201f9b47c673e84ddb97a0afe3t12v6bm.html>. Acesso em: 23 out. 2022.

TORERO, José Roberto. O “W” da questão. *Folha de S. Paulo*, Esporte, 01 jul. 2008. Disponível em: <https://feeds.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0107200810.htm>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TORERO, José Roberto. Um textinho sobre os “inhos”. *Folha de S. Paulo*, Esporte, 03 nov. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0311199910.htm>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TRAPERO, Maximiano. Sobre la capacidad semántica del nombre propio. *Revista El Museo canario*, Las Palmas de Gran Canaria (LI): 1996, p. 337-353. Disponível em:  
[http://www.webs.ulpgc.es/canatlantico/pdf/8/6/semantica\\_propio.pdf](http://www.webs.ulpgc.es/canatlantico/pdf/8/6/semantica_propio.pdf). Acesso em: 10 mai. 2017.

ULLMANN, Stephen. *Semántica: introducción a la ciencia del significado*. Madrid: Aguilar SA Ediciones, segunda edición, 1972.

UOL. Palmeiras: Rafael Elias abandona o apelido de Papagaio por recomeço. *Uol*, 03 mar. 2021. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/03/03/palmeiras-rafael-elias-abandona-o-apelido-de-papagaio-e-diz-viver-recomeco.htm>. Acesso em: 27 mar. 2021.

UOL. Leandro esquece Corinthians e apelido e diz já estar em casa no Palmeiras. *Uol*, Esportes, 12 jan. 2015. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/01/12/leandro-esquece-corinthians-e-apelido-e-diz-ja-estar-em-casa-no-palmeiras.htm>. Acesso em: 20 jan. 2018.

URRUTIA CÁRDENAS, Hernán; SÁNCHEZ GÓMEZ, Fernando. El nombre propio en el español de América. In: Hernández Alonso, C. (Ed.). *Estudios lingüísticos del español hablado en América*. v. III. 1: El sintagma nominal - Parte I. Madrid: Visor Libros, 2009, p. 57-306.

VAN LANGENDONCK, Willy. *Theory and typology of proper names*. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. *Directions for historical linguistics*, p. 95–195, eds, P. Lehmann e Y. Malkiel, 1968. Austin: University of Texas Press.